

MARIA DE LOURDES AVELLAR

I B I R A Q U E R A :
A HISTORIA DE UM LUGAR . . .
UM MOVIMENTO
SINGULAR E UNIVERSAL

Dissertação de mestrado como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, submetida à Comissão Julgadora da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Dra. Marli Auras.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA CATARINA

1 9 9 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

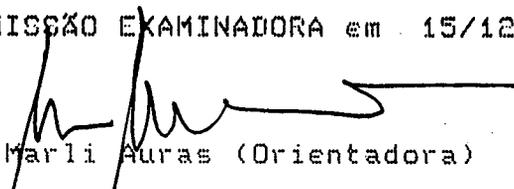
I B I R A Q U E R A :

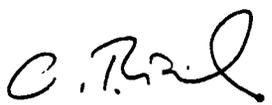
A HISTÓRIA DE UM LUGAR

UM MOVIMENTO SINGULAR É UNIVERSAL

Dissertação submetida ao Colegiado
do Curso de Mestrado em Educação do
Centro de Ciências da Educação em
cumprimento parcial para a obtenção
do título de Mestre em Educação.

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 15/12/93

Profª. Drª.  Marli Auras (Orientadora)

Profª. Drª. Carmem Silvia Rial (Examinadora) 

Profª. Drª. Leda Scheibe (Examinadora) 

Profª. M.Sc. Elisabeth Juchem Machado Leal (Suplente) 


MARIA DE LOURDES AVELLAR

Florianópolis, Santa Catarina
Dezembro/1993

D E D I C A T O R I A

A IBIRAQUERA...

A G R A D E C I M E N T O S

Ao meu companheiro Val. Aos filhos de Ibiraquera e meus também, Roman e Marcela. A Marli Auras pela lúcida orientação. A Carmem Silvia Rial pela coorientação. A amiga Salete, que cuidou dos meus filhos e da minha casa enquanto eu pesquisava. A Lia Leal e à Rita Pinheiro pela revisão. Aos colegas do mestrado pelo compartilhar na caminhada, em especial à Aurea, pelas contínuas e perseverantes palavras de apoio. Ao Neck e à Vera não só pelas fotografias. Aos amigos e familiares: Mira, Carminha, Chico Bacana, Alejandra, alessandro, Marli, Fátima, Ana, Verônica, Miriam, Biba, Fernandas, Vitor Ricardo, Rebeca, Zé, Sandra, Valério, Vera, Carlos, Renata, Lorena, Carol, Rodrigo, Camila, Taís, Adrianos, Gabriela, Leticia, Cristina entre tantos outros não citados aqui. Aos professores Beti Leal, Leda, Selvino, Erno, Fleuri. Aos funcionários da Universidade Federal de Santa Catarina. Aos trabalhadores da educação que garantiram o Estatuto do Magistério, permitindo a minha liberação momentânea. Aos órgãos financiadores CNPq e CAPES.

A memória de meus pais José e Carmem, que foram o início de tudo.

R E S U M O

A presente dissertação procurou fazer a "arqueologia" de um lugar denominado Ibiraguera, distrito semi-rural de Imbituba, Santa Catarina.

Para isto, realizou-se uma contextualização desde os seus primeiros habitantes (os índios carijós) até os dias de hoje. Buscou-se detectar as transformações do lugar, perceber como as últimas gerações se adaptaram ao novo - que vem de fora -, apontando para alguns sinais de submissão e de resistência.

→A pesquisa apoiou-se tanto em livros acadêmicos quanto em antigos documentos (livros, jornais, registros de arquivo). Também utilizou-se a observação direta, fruto do convívio da pesquisadora com a comunidade, bem como o levantamento e a sistematização de informações através de entrevistas com antigos moradores da localidade.

Ao trabalhar com os conceitos singularidade e universalidade, procurou-se traduzir a compreensão de Ibiraguera ultrapassando o viés regionalista. A contextualização histórica do lugar nos permitiu encontrar características que também estão presentes em outros locais (universal) e descobrir especificidades que lhes são únicas (singular).

Durante o processo de pesquisa, evidenciaram-se dois aspectos importantes: a presença marcante do clientelismo na região e a transformação desta comunidade pesqueira em centro turístico. Esta problemática - a primeira vista apresentando-se de forma sombria para a pesquisadora - configurou-se repleta de contradições. O trabalho visa a posicionar-se não de forma saudosista - como visão idílica do passado -, mas aposta na construção de um **novíssimo**, em que, ao contrário do clientelismo que educa para a submissão, objetiva apontar possibilidades concretas da construção de uma educação no sentido inverso: educação para a cidadania.

RESUMEN

La presente disertación pretendió hacer la "arqueología" de un lugar denominado Ibiraquera, sección rural de Imbituba, Santa Catarina.

Por este motivo se hizo una actualización del contexto desde los primeros habitantes (los indios carijós) hasta la actualidad. Se intentó descubrir las transformaciones del lugar, ver como las últimas generaciones se adaptaron a nuevas ideas que llegan del exterior, indicando algunas tendencias de submisión y resistencia.

La pesquisa se basó en libros académicos, así también como en antiguos documentos (libros, diarios, registros de archivos). También nos auxiliamos en la observación directa, gracias a la convivencia de la investigadora con la comunidad, así mismo como el relevamiento y sistematización de informaciones obtenidas por medio de entrevistas con antiguos habitantes del lugar.

Para trabajar con los conceptos singularidad y universalidad se intentó traducir la comprensión de Ibiraquera ultrapasando el concepto regionalista. La realidad histórica del lugar nos permitió encontrar características que también están presentes en otras regiones (universal) y descubrir particularidades que son exclusivas del lugar (singular).

Durante el desarrollo de la pesquisa surgieron dos aspectos importantes: la presencia dominante del clientelismo en la región y la transformación de esta comunidad pesquera en centro turístico. Esta problemática - en primera instancia se vislumbró sombría para la investigadora - esta llena de contradicciones. El trabajo tiene como objetivo tomar posición no en una forma idílica del pasado y si, apostando en la construcción de una nueva educación, que contrariamente al clientelismo, educa para la ciudadanía.

S U M A R I O

INTRODUÇÃO	02
- O primeiro olhar tempos atrás.....	02
- E hoje como está ?	03
- A subida no mirante	04
- Lapidando o olhar	05
- O olhar do observador no mirante	12
- Descendo do mirante para viver a realidade no lugar.....	14
Notas	21
CAPITULO 1 - VISÃO PANORAMICA DA HISTORIA DE UM LUGAR	
1.VISÃO PANORAMICA DE UM LUGAR	23
1.1.Um panorama histórico.....	25
1.2.Primeiros habitantes desta terra: o índio.....	26
1.3.Colonização vicentina - Os primórdios da expansão paulista ?.....	31
1.4.Açorianos e madeirenses, uma imensa população imigrando	34
1.5.A estrada de Ferro Dona Tereza Cristina.....	41
1.6.Imbituba no início do século.....	44
1.7.Imbituba e a revolução de 1930	46
1.8.Repensando a história oficial	49
1.9.Suplantar a história oficial, por uma nova história.....	52
Notas	63
CAPITULO 2 - AS MULTIPLAS SINGULARIDADES	
2. AS MULTIPLAS SINGULARIDADES	70
2.1. Buquê de Singularidades.....	70
2.1.1. Antes da chegada do estrangeiro	70
2.1.2. No inverno retoma-se o cotidiano	73
2.1.2.1. O trabalho anfíbio	74
2.1.2.2. A feitura da farinha	82
2.1.3. "União de povos"	88
2.1.4. Dona Chiquinha tecendo os fios da história	89
2.1.4.1. A tecelã de hoje	94
2.1.5. Lembrança do passado, lembrança do trabalho	94
Notas	98

2. Travessia das letras.....	102
2.2.1. O mundo não-letrado de Ibiraguera	102
2.2.2. A escola de Ibiraguera: antigamente era assim ..	103
2.2.3. Novas relações, outra educação	113
2.2.4. A educação, ponte para o universal	115
Notas	117

CAPITULO 3 - OS DOMINIOS DO UNIVERSAL

3. OS DOMINIOS DO UNIVERSAL	119
3.1. Nem Tudo que Reluz é Ouro.....	119
3.1.1. Os novos arranjos: o novo ou o novíssimo ?	119
3.1.2. A etnografia da transformação	123
3.1.3. Chega o turismo e o pescador se afasta do mar.....	125
3.1.4. O nativo empresário do turismo	129
3.1.5. O fim da pelica : uma questão ecológica	132
3.1.6. Cuidado com a estrada	135
3.1.7. O Rio "não seja aqui" - A Baixada Fluminense ...	136
3.1.8. O roubo e o responso	136
Notas	140

3.2. Correntes da Libert[ação]	142
3.2.1. As teias da dominação	142
3.2.2. A autoridade fascina o cidadão	143
3.2.3. A encruzilhada dos partidos	147
3.2.4. E dando que se recebe	149
3.2.5. O pescador preso à rede	155
3.2.6. Justina era justa	156
3.2.7. As teias pré-fabricadas a serviço do estrangeiro	158
3.2.8. Há diversos caminhos, basta construí-los	161
Notas	165

REFLEXÕES FINAIS	169
------------------------	-----

GLOSSARIO.....	173
----------------	-----

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	177
----------------------------------	-----

ANEXOS - I.Ditos do saber popular.....	183
--	-----

- II. Tabelas.....	185
--------------------	-----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Mapa do município de Imbituba.....X

- Mapa da região de IbiraqueraXI

- Foto 01 - A ponte de Ibiraquera28

- Foto 02 - Os índios Carijós deixam suas
 marcas nas pedras do costão.....28

- Foto 03 - Canoa típica de Ibiraquera40

- Foto 04 - O que ainda resta do barracão
 da baleia - Imbituba40

- Foto 05 - Museu de Imbituba onde funcionavam
 os geradores de energia movidos a carvão53

- Foto 06 - Maria-fumaça que levava carvão
 para o porto de Imbituba53

- Foto 07 - Escola abandonada devido à criação
 da ICC.....60

- Foto 08 - Transferência de casa por caminhão é
 uma tradição60

- Foto 09 - Da lagoa e da lavoura são extraídos
 muitos dos alimentos dos ibiraquerenses.....75

- Foto 10 - Ranchos de pesca - Porto Novo.....75

- Foto 11 - A -Lance de três mil tainhas -
 Porto Novo.....76

- B - Contagem e separação dos peixes.....76

- Foto 12 - Seu Zé, tarrafeando na Lagoa do Saco ...81

- Foto 13 - Dona Edite torcendo fio de algodão
na roda de fiar.....81

- Foto 14 - Carro de boi convivendo com veículos a
motor84

- Foto 15 - Engenho de farinha de mandioca84

- Foto 16 - Os velhos ficam mais velhos cobertos
com o pó da farinha de mandioca90

- Foto 17 - A jovem Mira tecendo no seu tear90

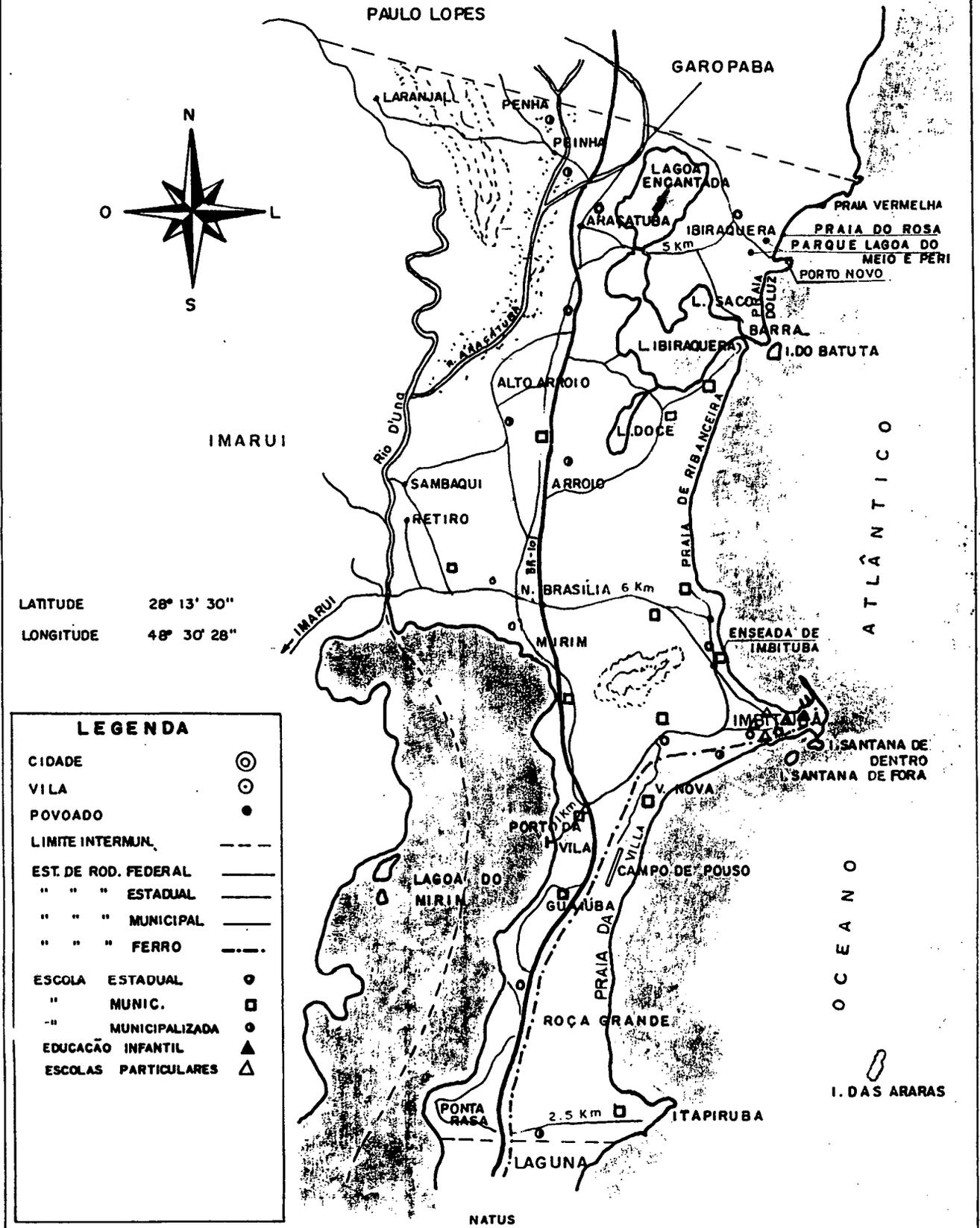
- Foto 18 - A - A natureza sem urbanização126
 - B - A transformação do lugar126

- Foto 19 - Em plena região rural surge uma
cidade130

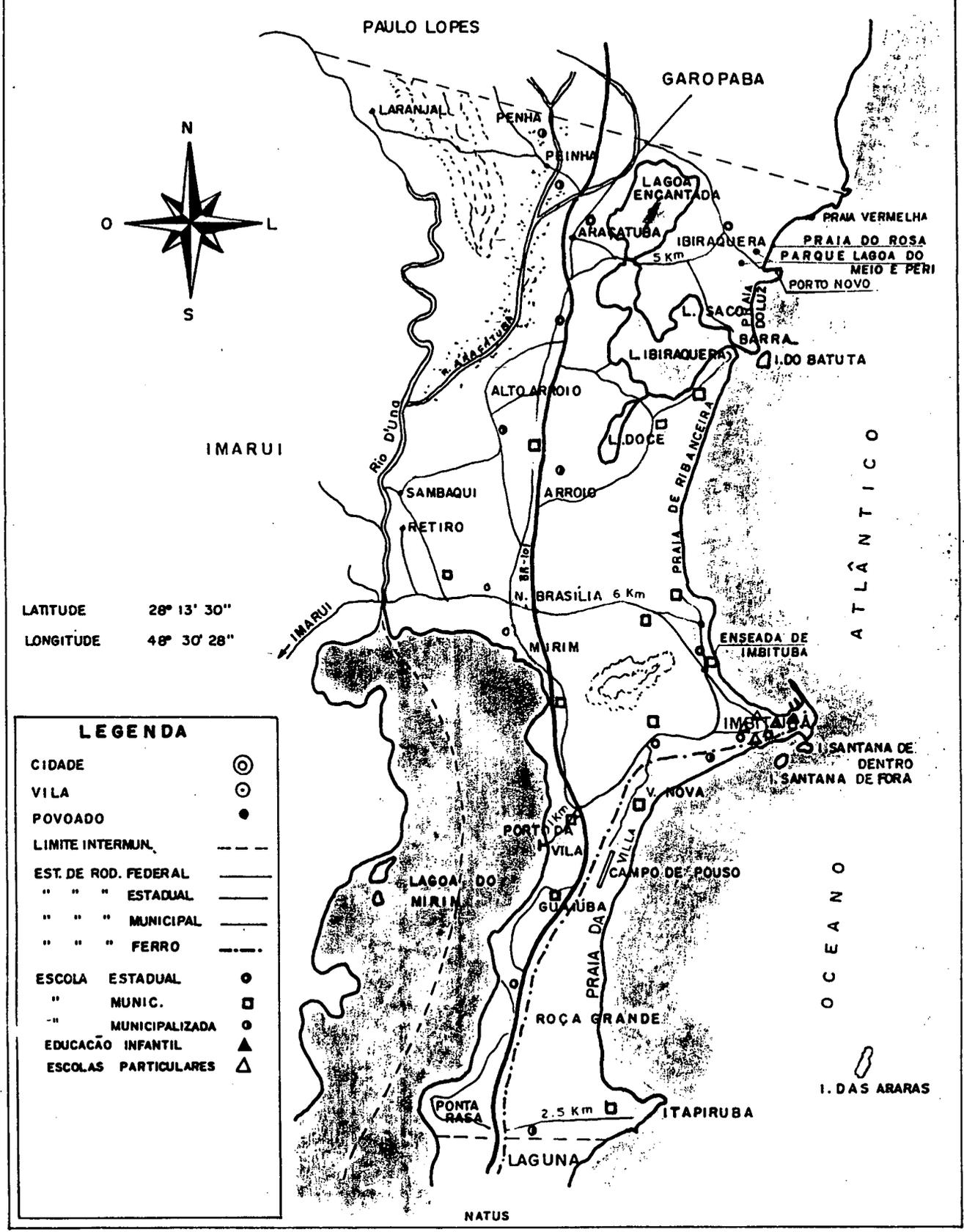
- Foto 20 - Tia Lica trançando palha de butiá
para fazer chapéu130

- Foto 21 - A - Praia do Rosa anos atrás (1983)....160
 - B - Praia do Rosa na era da
da especulação (1993)160

3.1 - Mapa do Município:

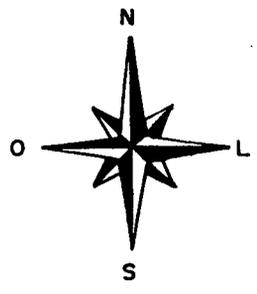


3.1 - Mapa do Município:



PAULO LOPES

GAROPABA



IMARUI

LATITUDE 28° 13' 30"
LONGITUDE 48° 30' 28"

LEGENDA	
CIDADE	⊙
VILA	○
POVOADO	●
LIMITE INTERMUN.	- - - -
EST. DE ROD. FEDERAL	=====
" " " ESTADUAL	=====
" " " MUNICIPAL	=====
" " " FERRO	- · - · -
ESCOLA ESTADUAL	○
" " " MUNICIPAL	□
" " " MUNICIPALIZADA	◐
EDUCAÇÃO INFANTIL	▲
ESCOLAS PARTICULARES	△

ATLÂNTICO

OCEANO

I. DAS ARARAS

NATRUS

I N T R O D U Ç A O

"Cada texto 'original' es un campo magnético en que se encuentran y dialogan otros textos. El lector, al ejercer su oficio de consumidor, 'recrea' el texto; es decirlo: redacta una vez más, interpolando los textos (explicitos o implícitos) de su propia experiencia literaria" (Emir Rodríguez Monegal, 1984).

I N T R O D U Ç Ã O

O PRIMEIRO OLHAR, TEMPOS ATRAS

"LAGO AZUL DEMAIS, GRAMA VERDE
ME FAZ PENSAR EM PASTAR,
PAZ DE ESTAR, EM PASTAR ...
NA GRAMA VERDE VOU REMANDO O
MEU CAIQUE, NO LAGO AZUL VOU
PASTANDO MEU PIQUENIQUE.
ESTE LAGO O QUE QUE É:
E UM BARATO"
(verso feito pelo grupo no
acampamento de Ibiraquera, em 1971)

Fisei Ibiraquera pela primeira vez em 1971. A estrada acabava de repente e tínhamos de continuar caminhando até chegar à lagoa, onde acampamos.

Eu era ainda menina de 12 anos e estava com meus irmãos, acampada de forma muito improvisada. Na nossa visão faltava estrutura, como banheiro e água encanada. Tínhamos a sensação de estar completamente isolados do mundo. Já para os moradores locais, que não tinham luz nem fogão a gás, nós estávamos muito bem equipados. Despertamos naquelas pessoas, que ainda não tinham tido até então vizinhança de barraca, uma curiosidade enorme. As crianças e adultos que nos visitavam ficavam abismados com o toca-disco a pilha, com o lampião que iluminava a escuridão do acampamento e com o fogãozinho de duas bocas. A lembrança que guardo de seu espanto se traduz na expressão toda deles: "mas o dinheiro compra!... "

Estávamos já há dois meses acampados em Garopaba, naquela época ainda uma praia de pescadores recém-descoberta pelos turistas. Movidos pelo espírito aventureiro, atingimos um lugar até então quase desconhecido dos urbanos: Ibiraquera.

Não havia placa indicativa na estrada. Acampamos perto da lagoa de Ibiraquera, no final do caminho. Foi uma descoberta pegar uma canoa emprestada e ir até a barra da lagoa. A canoa usada na lagoa é esculpida num único tronco (1), e é impulsionada por uma vara de bambu, que se vai fincando no chão e empurrando. Aquele deslocamento primitivo tinha para nós um sabor tão lúdico, completamente diferente da ótica do pescador, para quem a canoa é uma ferramenta de seu trabalho. A lagoa era tomada de siri; para todos os lados que olhávamos víamos siris. De repente encontramos o mar limpo, lindo, deserto, com uma ilha na frente. Ali, além de nós, só havia os próprios moradores.

E HOJE, COMO ESTA ?

Ainda hoje se pode fazer o mesmo passeio na lagoa, ir de canoa até o mar. Os pássaros que passam o dia na lagoa e à noite vão dormir na ilha em frente à praia continuam fazendo o mesmo itinerário.

A margem da lagoa, porém, mudou muito: casas e camping a circundam. E como diziam aquelas pessoas surpresas com a forte luz do lampião e da tecnologia do fogãozinho a gás de acampamento: O DINHEIRO COMPRA!... Compra, comprou e continua comprando o lugar.

Os loteamentos em volta da lagoa trazem progressivamente casas, que despejam o esgoto direto em suas águas. A luz e o barulho das casas ao redor da lagoa fazem com que a pesca fique cada vez mais rara e difícil. Esta problemática ecológica, política e social, aqui tenuemente delineada, não tem

eco nas instituições públicas de preservação do meio ambiente, pois a burocratização, entre outros fatores, torna os técnicos ineficazes. As leis de preservação existem, porém só são respeitadas a partir da pressão social, de uma sociedade civil participante. E para existir participação social, é necessário trabalhar essa sociedade com vistas a superar uma educação voltada para aceitar e não para conquistar o que lhe é de direito. A população de Ibiraguera está mergulhada nessa realidade em transformação, tendo mais espectadores do que atores.

Os nativos aprendem "na marra" a conviver com a novidade de fora. Muitos que venderam suas roças estão hoje arrependidos; entretanto, outros aprenderam com os "gaunchos" (gaúchos) a explorar o lugar e garantem que o turismo trouxe melhorias. Hoje não são apenas os "gaunchos" os principais especuladores e corretores, mas também os moradores autóctones, que aprenderam com o pessoal de fora.

A SUBIDA NO MIRANTE

Este trabalho nasceu de uma inquietação "singular" : conhecer a história de Ibiraguera (2) e entender como foi construída a sua identidade (3). Busquei reconstituir a maneira como viviam os ibiraquerenses, econômica e socialmente, enfim, como produziam a sua existência, a partir do índio carijó. Esta "arqueologia" proporciona a percepção das mudanças ocorridas, ou seja, a possibilidade do conhecimento de como as novas gerações se adaptaram ao novo - que vem de fora - e em que

medida tais mudanças são sinais de submissão ou de resistência, e que sinais são estes.

O título do trabalho fala em singularidade e em universalidade e é este o meu objetivo ao retratar essas mudanças ocorridas na comunidade (4) de Ibiraguera, consequência do processo global, que é o modo como a produção capitalista se impõe, como a lógica capitalista permeia todo o tecido social. Entendo que a forma como o capitalismo obtém hegemonia não é a de pura imposição, mas há também "adaptação" a aspectos da realidade local. Pretendo desvendar, com a substantividade que foi possível, o processo de transformação que ocorre neste dado lugar - Ibiraguera -, com características universais e, ao mesmo tempo, com características que lhe são próprias. Procurarei descrever analiticamente expressões da singularidade e da universalidade do desenvolvimento ibiraquerense, a partir de mediações ali historicamente existentes.

LAPIDANDO O OLHAR

Partindo do princípio explicitado na 10ª Tese sobre Feuerbach, na qual Marx afirma que a questão não é somente interpretar o mundo, mas sim conhecê-lo para transformá-lo, o objetivo, ao estudar Ibiraguera, não reside no "saber pelo saber", mas numa inquietação vivida há muitos anos no acompanhamento do processo de transformação de um modo de vida, de uma cultura, decorrente dos desdobramentos do capitalismo que criam novas relações, ao mesmo tempo em que incrementam a contínua marginalização econômica e social da população.

É importante salientar que, ao optar por resgatar a

história de um saber "em extinção", não se tem a perspectiva de querer eternizar um passado idealizado, petrificando a história. A história, ao contrário, é vista aqui como um constante movimento, um devir, em que o presente é trabalho pretérito e o futuro está, portanto, aberto aos homens, em suas relações sociais, para fazerem a história. Nesta reflexão ratifica-se a necessidade de conhecer a história daquela comunidade para poder agir, intervindo de forma mais eficaz, pois entendida historicamente.

Da mesma forma que no caso da História, entendo a cultura partindo radicalmente do homem, isto é, do seu saber como forma de sobrevivência, física e intelectual. A cultura é vista como saber vivido em constante mudança. A recuperação do passado, nesta dimensão, não é de restauração, nem de culto às tradições, atitudes próprias do populismo, mas sim da possibilidade de repensar a memória dos subalternos.

O referencial teórico trabalhado foi basicamente marxista-gramsciano, sendo caracterizado aqui como de grande valia para a compreensão da sociedade capitalista, das relações sociais na sociedade de classes. É uma teoria que nega a neutralidade, posicionando-se criticamente, visando à superação das classes sociais na perspectiva de uma sociedade mais justa.

Ao fundamentar-se no pensador sardenho Antonio Gramsci, este trabalho não pretende transportar a história italiana do início do século para o Brasil. É antigramsciano generalizar ou "aplicar" a teoria sem conhecer a história, ignorando a especificidade do grupo que se quer analisar ou comentar. E

fundamental dar "substantividade" à teoria conhecendo a prática do grupo, a qual revela, em parte, sua "filosofia". O método/movimento aqui proposto é partir do senso comum visando chegar à consciência filosófica, trabalhando o bom senso.

"o ponto de partida deve ser sempre o senso comum, que é espontaneamente a filosofia das multidões, às quais trata de tornar ideologicamente homogêneas" (Gramsci, 1984: p. 145).

O senso comum é entendido por Gramsci como "desorganização", "filosofia dos não-filósofos", "filosofia acrítica", "ingênua", "não é concepção única no tempo e no espaço" (Gramsci, 1984, p.143), "não tem universalidade", é o "folclore da filosofia", "concepção desagregada", "inconseqüente, incoerente em si mesma", "sem conexão orgânica", "dogmática", "agregado caótico de concepções disparatadas", "um modelo equívoco". E um contra-senso apresentá-lo como verdade. No entanto, para Gramsci, não há total falta de consciência, há diferentes níveis de consciência. É impossível um não-conhecimento, todos os homens são filósofos. Todos têm uma linguagem. O homem comum sente, mas não compreende.

"Os elementos principais do senso comum são fornecidos pelas religiões e, conseqüentemente, a relação entre senso comum e religião é muito mais íntima do que a relação entre senso comum e sistemas filosóficos dos intelectuais" (Gramsci: 1984, p.144).

Mas o senso comum comporta um núcleo sadio - o bom senso - que fornece uma direção consciente à própria ação e contém algumas "verdades".

Desta forma, Gramsci nunca subestima o pensamento dos homens comuns. Sem ter uma visão romântica ou pejorativa, mas realista, afirma que o elemento consciente deve saber depurar o

movimento espontâneo de tudo que nele existe de contraditório, de atrasado, até de reacionário, elevando os núcleos de bom-senso ao nível da consciência filosófica, isto é, trabalhando criticamente o senso comum. Não se deve menosprezar, nem descuidar da espontaneidade, que deve ser orientada em direção a um projeto hegemônico popular, superando o espontaneísmo (Gruppi: 1980, p.86).

Cultura e relação de produção estão interligadas. A exploração turística, e conseqüente valorização imobiliária do lugar, mudam a forma de subsistência da comunidade. Assim, não podemos reconstituir a história daquela região sem considerar a totalidade maior, o contexto da sociedade capitalista. A reprodução do capital depende da divisão da sociedade em classes e da exploração do trabalhador. O capital monopolista "impõe" a todas as regiões sua estrutura e suas relações de produção.

Ibiraquera está inserida nas esferas que comportam as sociedades política e civil, submetida assim às instituições ali presentes, mas contraditoriamente seus moradores podem ser sujeitos transformadores dessas mesmas instituições. Desta maneira, torna-se fundamental compreender o funcionamento do Estado, bem como das forças divergentes presentes no lugar que lutam pela hegemonia.

Segundo Marx, o Estado é a representação (expressão) da sociedade civil, isto é, das relações econômicas, tendo a função de garanti-las. Desta forma, o Estado legitima a divisão de classes, sendo um instrumento de manutenção da relação capital-trabalho. Diferentemente do entendimento de Estado no pensamento liberal, o Estado, na visão marxista, não é neutro, mas

representa, na correlação de forças, o bloco ou fração de classe que está no poder.

Na teoria marxista clássica, o Estado é entendido como o conjunto de mecanismos repressivos que garante o poder da classe dominante. Já a concepção gramsciana amplia esta concepção, colocando o Estado como um ponto chave para compreender a "aceitação" e a "não-aceitação" da sociedade de classes pelos subalternos, não mais como era colocado por Marx e Engels em termos de "falsa consciência", mas a "aceitação" resultante da hegemonia da classe dominante, que implica promessa e/ou promoção de alterações reais na condição de vida dos subalternos.

O conceito de Estado em Gramsci advém de Marx e o ultrapassa, pois contém novos elementos históricos próprios do século XX. A Teoria Ampliada do Estado, como é conhecida, comporta duas esferas principais: a sociedade política (que Gramsci também chama de "Estado em sentido estrito" ou de "Estado coerção") e a sociedade civil (vista por Gramsci diferentemente de Marx, na superestrutura).

O Estado não pode ser entendido apenas como a sociedade política. É necessário compreendê-lo como resultante do equilíbrio entre a sociedade política e a sociedade civil que, na teoria gramsciana, tem o sentido de hegemonia política e cultural de um grupo social sobre a sociedade inteira.

Em qualquer sociedade de classes, as diversas instituições da sociedade civil trabalham a ideologia, tendo por finalidade reproduzir e preservar o conjunto das idéias

dominantes que determinam o senso comum, assegurando as relações vigentes entre as classes e garantindo sua hegemonia. A ideologia, enquanto concepção de mundo, é um dos elementos existentes na luta pela hegemonia. Desta forma, se fosse um conjunto de idéias absolutamente falsas, não conseguiria ser aceita.

"... para a filosofia da práxis, as ideologias não são de modo algum arbitrarias; elas são fatos históricos reais que devem ser combatidos e denunciados em sua natureza de instrumentos de domínio, não por razões de moralidade etc., mas precisamente por razões de luta política: para tornar os governados independentes dos governantes, para destruir uma hegemonia e criar uma outra, como momento necessário de inversão da práxis" (Gramsci, apud Staccone: 1991, p.79).

Nesta pesquisa não se trabalha o conceito de ideologia como falsa consciência, mas como visão de mundo de um grupo ou de uma classe social.

As classes subalternas têm o seu espaço de atuação delimitado pela hegemonia da classe dominante. Os valores, a concepção de mundo, o comportamento da classe dominante são "compartilhados" pelos subalternos. No entanto, este processo não é homogêneo, atingindo, em maior ou menor grau e em áreas distintas, as classes sociais. A percepção de mundo não se limita à pura assimilação da ideologia dominante. Considerar a prática social, as dificuldades enfrentadas na luta pela sobrevivência, estimula a população a reinterpretar elementos da cultura dominante, conforme a sua prática cotidiana, tornando possível a elaboração de elementos de resistência.

"O povo se amotina e transforma as normas não porque as ignora, ou porque seu estômago vazio o torna um animal feroz, mas porque aprendeu que essas normas não respondem a seus interesses, ou seja, para ele são

ilegítimas" (Arroyo, 1987: p.76).

Quando se fala da cultura popular, ela aparece tanto como um fenômeno de reprodução social, quanto como um elemento de transformação. A cultura popular apresenta-se heterogênea: há nela elementos antagônicos, que ao mesmo tempo se contrapõem e se compõem com elementos da cultura dominante. Essa fragmentação reflete na consciência das classes populares, impossibilitando-a de perceber globalmente a sua situação social.

É necessário um maior entendimento sobre cultura, cultura popular e senso comum para não cair nos vários equívocos ocorridos na história dos movimentos em prol do popular, movimentos esses que muitas vezes desaguaram em um populismo, em um basismo improdutivo ou em movimentos de elite de "primeira dama".

Em seu livro **Conformismo e resistência**, Marilena Chauí (1989) faz uma análise comparativa entre as diversas visões de cultura e explicita a visão romântica e a ilustrada. Os ilustrados vêem na cultura uma ordem superior da civilização contra a ignorância e a superstição, pouco se interessando pelo passado, pois seu tempo é o presente racional e o futuro que significa progresso, evolução, cumprimento da história. Já os românticos concebem a cultura popular como reveladora na busca da origem perdida, como um resgate contra o Capitalismo. Esta visão romântica tem servido aos movimentos populistas nacionalistas. Ambos, românticos e ilustrados, pensam a cultura popular como totalidade fechada. Chauí entende cultura popular

"... como expressão dos dominados, buscando a forma pelas quais a cultura dominante é aceita, interiorizada, reproduzida e transformada, tanto quanto

as formas pelas quais é recusada, negada e afastada, implícita ou explicitamente, pelo dominados. (...) a cultura popular não como uma outra cultura ao lado (ou no fundo) da cultura dominante, mas como algo que se efetua por dentro dessa mesma cultura, ainda que para resistir a ela" (Chauí, 1989: p.24).

Da mesma forma, neste trabalho, busca-se não uma visão romântica a respeito da cultura popular, mas a sua compreensão dentro do movimento histórico-social, na realidade concreta de uma sociedade de classes. A cultura popular é considerada de forma heterogênea, com muitos elementos da cultura dominante, mas com algumas características básicas derivadas de sua posição comum de inferioridade nas relações de poder na sociedade, articulando-desarticulando, resistindo-cedendo e, desta forma, contraditoriamente, abrindo espaços para possibilidades alternativas e viabilizando, historicamente, a construção do novo-melhor, o novíssimo.

A TRADIÇÃO VERSUS O NOVO

O conflito novo versus passado deve ser entendido aqui como a perda de um saber transmitido através de gerações, para um conhecimento veiculado predominantemente pelas pessoas que vêm de fora e pelos meios de comunicação de massa. Não se trata da transição entre a vida de subsistência para relações capitalistas, este fato já se deu há muito tempo, no entanto neste momento da história de Ibiráquera, o capitalismo se expressa de forma mais aguda.

A introdução da cultura de massa (5) no saber popular é um traço marcante da realidade ibiraquerense. As famílias passam grande parte de seus dias ouvindo rádio, vendo televisão,

recebendo informações "alienígenas" - que, aos poucos, marcam sua visão de mundo, seus valores. Por outro lado, existe hoje, como fruto da sua história, uma maneira de viver própria do lugar que, de certa forma, é contraditória em relação ao mundo consumista apresentado via satélite. Os homens saem para ir pescar camarão com "pombocas" (lanternas feitas de lata com pavio de cordão) e, quando não há querosene, em seu lugar usam o óleo de peixe. As mulheres ainda fazem em casa o sabão de "anoga", um tipo de castanha que tem grande oleosidade. Estes "saberes", esta forma de viver, que há em Ibiraquera, são contraditórios e reelaborados. São contraditórios em relação aos valores impostos pela indústria cultural, pois fazem com que as gerações mais jovens não saibam e nem queiram o saber dos velhos, porque "dá muito trabalho e não dá dinheiro"; e são reelaborados, porque a assimilação das informações vindas de fora acontece com características próprias. E o caso do velhinho que estava no "bar do João", na vila da Grama, olhando atento o "Jornal Nacional": quando acabou, disse que gostava de ver, mas não entendia nada...

Esta contradição latente expressa acima me faz pensar: não querer eternizar o passado, ele não volta, e também não era tão maravilhoso, mas podemos apostar num futuro com muitos elementos humano-ecológicos presentes nos núcleos de bom senso existentes no saber popular.

O capitalismo hoje é hegemônico e, como forma de manter-se hegemônico, massifica as diversas culturas. Ao querer compreender uma cultura em transformação, não o faço numa perspectiva fundamentalista ou regionalista. Mas compreendo hoje o capitalismo não como uma necessidade insuperável, tornando a

história determinista e com leis apriorísticas. Muitos valores e elementos existentes no senso comum popular são núcleos de bom senso e fundamentais para a construção do novo. A revolta, a rebeldia, a transgressão, a ruptura na busca de mudanças é construção humana, o novo não surge do nada, ele já está no presente - em construção.

DESCENDO DO MIRANTE PARA VIVER A REALIDADE DO LUGAR

Convém salientar que, partindo da compreensão dialética, inexistem capítulos estanques, separando a Teoria do Método. A elaboração teórica e a reflexão sobre a metodologia expressam-se conjuntamente, pois há uma relação orgânica entre ambas.

Esta pesquisa posiciona-se de forma crítica (6), a partir de fatos, de dados, de material empírico (de "empeiria", palavra grega que designa a experiência dos sentidos). O material não foi coletado com luvas assépticas, mas através da observação, que não deixa de ser participante, pois as informações foram basicamente adquiridas na relação de convivência com a população. O que se buscou foi a dialetização entre a teoria e a prática, nem dando primazia ao método, correndo o risco de cair por exemplo, num empirismo positivista, nem à teoria, que sem o material sucumbe à tentação de reflexões puramente abstratas, não alcançando substantividade, historicidade. Na interpretação do material e na elaboração da exposição é que se concretiza a abstração.

" ... o todo é imediatamente acessível ao homem, mas é

um todo caótico e obscuro. Para que possa conhecer e compreender este todo, possa torná-lo claro e explicá-lo, o homem tem de fazer um **détour**: o concreto se torna compreensível através da mediação do abstrato, o todo através da mediação da parte" (Kosik, 1989: p.30).

Deve-se deixar clara a distinção entre o que é a forma de apreensão intuitiva e imediata de todos nós e o trabalho da ciência. Ao mesmo tempo, denunciar o autoritarismo existente nas pesquisas apoiadas numa visão de ciência, que depreciam o saber popular, visando legitimar e reproduzir a dominação.

Ibiraquera é mostrada aqui - apesar da sistematização, da análise e da "costura intelectual" feitas a partir do material - de forma ainda fragmentada: uma tentativa de manter a riqueza da realidade contraditória, não-linear e não-conclusiva, de abarcar os diversos elementos que a formam. Uma tentativa de refletir sobre as contradições que afloram na realidade ibiraquerense entendida como produto histórico.

Nesta dissertação, tentei descrever e interpretar a vida em Ibiraquera, trabalhando, além das palavras pronunciadas por seus moradores, suas atitudes e reações, os espaços e os cheiros. Se possível, não apenas fotografar a realidade, mas filmá-la.

A fotografia retrata um instante, e com o avanço tecnológico, a filmadora registra movimentos. Será que as Ciências Humanas também são capazes de fazer uma pesquisa que consiga abarcar o movimento ?

Este é um desafio, mesmo que, depois de filmado, o movimento prossiga. Captar o movimento é buscar compreender o contínuo processo existente na história, é posicionar-se como um ser que busca compreender, não de forma "platônica", mas sim como

ser social que participa desse movimento.

"Nada é parado, nada é seguro, nada é infinito ou puro" (Música de Ednardo)

Faço do pensamento de Marx minhas palavras em relação ao método de pesquisa dialético. Ele afirma, no posfácio à 2ª edição de O Capital:

"... é necessário distinguir formalmente o método de exposição do método de pesquisa. A pesquisa deve dominar a matéria até o detalhe; analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e descobrir a conexão íntima que existe entre elas. Só depois de concluído este trabalho é que o movimento real pode ser adequadamente exposto. Quando se consegue isto e a vida da matéria se reflete no plano ideal, seu resultado pode até parecer alguma construção a priori." (Marx, 1989: p.429)

O início do processo de investigação é caótico. A realidade não se apresenta para nós de forma pronta, mas sob a forma de um claro-escuro - pseudoconcreticidade, no dizer kosikiano (7).

Ao apresentar ao leitor este trabalho de dissertação de mestrado é importante explicar como foi produzido. Quando optei por pesquisar Ibiraguera, já tinha, de antemão, uma compreensão sobre ela. Se tivesse, naquele momento inicial da pesquisa, uma atitude rígida, um projeto fechado, sem arriscar a angústia das incertezas do desconhecido, do não-conclusivo, a pesquisa e eu não passaríamos por tantas mudanças e descobertas. O processo de compreensão, de amadurecimento, é muitas vezes "feito a golpes de pequenas solidões" (Barthes, 1984: p.11). Minha visão, isto é, a minha verdade historicamente determinada pela minha história individual, a respeito do objeto pesquisado foi mudando ao longo

do processo de desvelamento. Nesta relação, ambos mudam: o pesquisador, que transforma a sua prática, a sua vida, e, no caso, Ibiraquera - que não é um objeto de pesquisa imóvel, aguardando ser coletado, mas é uma realidade social em movimento. As pessoas com as quais convivi e a realidade do lugar, durante o processo de pesquisa, mudaram. Como a história é feita pelos homens, a realidade se modifica e modifica os homens, num processo individual e coletivo.

A compreensão de história, aqui, não é idealista, nem determinista-economicista; é uma concepção dialética. A história é construída e definida nas relações sociais, que possibilitam o surgimento do novo. O indivíduo e o coletivo participam criativamente, dependendo da conjuntura histórica e do maior ou menor potencial de organização, fazendo, construindo a história.

"Pero afirmar que los hombres aparecen como soportes o efectos determinados de las estructuras, no significa que los hombres, es decir, los grupos y las clases sociales, sean meros vehiculos pasivos a través de los cuales se expresa un proceso fatal que sigue un curso inexorable. Por el contrario, la opacidad de las estructuras que constituyen el sistema social y la pluralidad de alternativas que se abren en cada situación concreta, implican un margen considerable en el que se mueven los grupos y clases sociales, a partir de su capacidad de interpretar científicamente el proceso y de organizar-se para intervenir en él" (Pereyra, 1979: p.59).

O conhecimento é interpretação e trabalho humano. O pesquisador não colhe a realidade, mas a observa e nela interfere, a partir de um referencial. Assim, da mesma forma que Michel Löwy, a pesquisadora entende que:

"... a verdade objetiva sobre a sociedade é antes concebida como uma **paisagem** pintada por um artista e

não como uma imagem de espelho independente do sujeito; e que, finalmente, tanto mais verdadeira será a paisagem, quanto mais elevado o observatório ou belvedere onde estará situado o pintor, permitindo-lhe uma vista mais ampla e de maior alcance do panorama irregular e acidentado da realidade social" (LÖWY, 1988: p.13-14).

A pesquisa, além de trabalhar com documentos oficiais, apoiou-se na observação direta e no levantamento de informações, através de entrevistas com os antigos moradores da localidade. Esta "coleta de material" para análise e sistematização foi possível junto à comunidade, no dia-a-dia, na convivência de dez anos que, a partir do mestrado, foi organizada através de entrevistas, "golpinhos" de café e conversas informais. A subida ao observatório é representada pelo momento rico da reflexão crítica do que está dado pela população como "verdade" - "é assim porque sempre foi assim" -, sem o conhecimento de uma história anterior.

Em alguns momentos da pesquisa, trabalhou-se com grupos compostos por pessoas que exercem papéis sociais diversificados. Nesse encontro com grupos procurou-se registrar principalmente os momentos de discussão. O debate em grupo propicia não o somatório de visões individuais, mas o pensamento do grupo colocado em xeque no debate, fazendo-o refletir e indo além do seu pensamento imediato. Esta proposta de técnica de pesquisa surgiu, casualmente, quando recebi em casa várias visitas ao mesmo tempo: um pescador, um comerciante, um pedreiro e um agrônomo, todos vizinhos, discutindo a história e os rumos possíveis da comunidade, gerando um conjunto de visões e informações diferentes, mas complementares entre si.

Conseguir dados estatísticos necessários para

compreensão da realidade estudada, sustentando as sínteses feitas, foi muito difícil. A Prefeitura não tem levantado muitos dados em relação ao município como um todo e inexistem dados específicos sobre Ibiraguera. Assim, saber quantas casas há hoje em Ibiraguera, qual o percentual de crescimento anual, quantas casas permanecem fechadas durante o ano, destinadas ao turismo, só foi possível através das contas de luz fornecidas pela Cooperativa COOPALO e dos projetos de ampliação da rede de eletrificação rural de 1978. Já para chegar aos dados referentes à área de Ibiraguera registrada no INCRA, foi necessário trabalhar diretamente nos registros gerais do município. Assim, as tabelas anexadas ao trabalho não são cópias fornecidas por instituições, mas fruto de minha própria pesquisa. Também foram realizadas pesquisas em jornais de época e no Arquivo Público de Santa Catarina, junto ao Livro Um de Sesmarias do Governo da Capitania de Santa Catarina, de 2 de junho de 1753 a 26 de junho de 1806; e os Registros do Vigário, Livro 46 do ano de 1856 da freguesia de Sant' Anna do Mirim.

Como já foi dito anteriormente, Marx fala em investigação como momento anterior ao da exposição. Acrescenta, também, que a exposição pode até parecer uma construção "a priori", mas não é; ela deve estar inserida na lógica específica de ordenação das informações. Além disto, sabemos que o conhecimento está sempre em aberto, e, ao estudar o real, defrontamo-nos com a categoria **totalidade** e esta não é conclusiva, pois a realidade está em constante movimento. Desta maneira, concluir não significa alcançar a verdade, mas chegar a

uma síntese substancial possível. A exposição que se segue apresenta sistematizações parciais. O trabalho é uma leitura, que tenta articular a realidade dos sujeitos moradores de Ibiraquera e suas contradições vividas, neste final de século.

N O T A S

(1) As canoas são feitas de um único tronco, sendo ainda tradicionais no litoral de Santa Catarina. A madeira para fazer a canoa tem de ser leve: se por acaso a embarcação virar, não irá ao fundo, ficará boiando. Para esse fim são utilizadas árvores de grande porte, de um metro de diâmetro, principalmente o guapuruvu, o cedro, o cedro vermelho, também chamado pau-de-bicho.

(2) Ibiraquera é uma região localizada no município de Imbituba (SC). Situa-se às margens de uma lagoa de mesmo nome, de cuja exploração a comunidade depende.

(3) Identidade é compreendida aqui não como conjunto de características "idênticas" de um grupo, características essas que necessariamente devem ser preservadas, mas politicamente, como um modo de um grupo construir sua diferença em relação a outro. A identidade tende a ser vista, portanto, como contrastiva, conforme Dias Duarte, 1986.

(4) Entende-se por comunidade, neste trabalho, pessoas que vivem numa mesma região e que têm certa identidade em comum. Neste trabalho, o conceito COMUNIDADE é utilizado comportando a "contradição". Não se trabalha a idéia de um lugar sem conflito, de uma total solidariedade, pois isto é utopia. Devemos, aqui, dialetizar a idéia de comunidade, desvendando o que é tido como uno, mostrando nela a presença do diverso.

(5) Cultura de massas é entendido aqui no sentido oposto a alta cultura e a cultura popular. É uma cultura que transmite o "sempre igual", o "repetitivo".

(6) É importante ter presente que a concepção dialética da história tem compromisso com a criticidade, com a desarticulação da hegemonia burguesa.

(7) "O mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde.(...) A essência não se dá imediatamente; é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é. A essência se manifesta no fenômeno. O fato de se manifestar (...) revela seu movimento e demonstra que a essência não é inerte nem passiva. Justamente por isso o fenômeno revela a essência. A manifestação da essência é precisamente a atividade do fenômeno."(Kosik, 1984: p.11)

1 - VISÃO PANORÂMICA DA HISTÓRIA DE UM LUGAR

A localidade de Ibiraguera está inserida no município de Imbituba, sul de Santa Catarina. Fica localizada a 20 km ao norte da sede do município, fazendo divisa com Garopaba (vide mapa).

O nome Ibiraguera tem origem indígena e vem do tupi-guarani. **Ibira** significa árvore, madeira; **qué** significa aqui; e **ra** significa o verbo colher (Pavão, 1987: p. 13, 21 e 57).

Viajando pela região na segunda década do século passado, no seu relato Saint'Hilaire refere-se assim ao lugar:

"Entre o caminho que seguíamos e o mar existia, segundo me disseram, uma série de lagoas,... a de Embiraquara, que por sua vez se comunica com o mar" (Saint'Hilaire, 1978: p. 193)

Sobre a palavra Embiraquara ele afirma:

"Encontro a etimologia de Embiraquara na língua geral: 'emyra' árvore, e coara, oco, oco da árvore" (ibid.: p.193).

Para a população de Ibiraguera, a palavra vem da árvore embira, que existia em abundância na região. A partir da casca dessa árvore, deixada de molho na água, faz-se corda. Embora existam poucas dessas árvores hoje em Ibiraguera, ainda são encontrados alguns homens trançando a fibra, transformando-a em grossas cordas para amarrar o gado.

Com o passar do tempo, os nomes vão sofrendo modificações. Na segunda década do século passado, a palavra Ibiraguera foi escrita por Saint'Hilaire como Embiraquara. Já no início do século, o jornal Imbituba (Nascimento, 1925: p.3), registra Biraquera. Em alguns cadernos de antigos alunos, até 1938, a palavra aparece, junto à data, como Biraquera. A partir

de 1939, passam a escrever Ibiraquera. Nem a prefeitura, a câmara ou o cartório da cidade possuem registros relatando os motivos da mudança.

Em Ibiraquera, como assinalou Saint'Hilaire, há uma grande lagoa, do mesmo nome, de onde muitos moradores ainda hoje tiram seu sustento, vivendo da pesca do camarão e do peixe. A Lagoa de Ibiraquera é dividida em regiões: Lagoa de Cima, Lagoa do Meio, Lagoa do Saco e Lagoa de Baixo. As duas últimas estabelecem ligação com o mar, através de uma barra, a qual se abre em algumas épocas do ano (1), devido às chuvas, que a fazem buscar escoadouro para seu grande volume de água. Constituem habitantes permanentes de Ibiraquera, aproximadamente, mil e quinhentas pessoas.

Através da BR-101, Ibiraquera fica a 70 km ao sul de Florianópolis. O acesso mais próximo que liga a BR (2) a Ibiraquera (pelo bairro de Araçatuba) é de terra (3). No caminho, há uma ponte de madeira (4) cuja travessia de carro se constitui muitas vezes numa aventura de grande risco, devido ao seu mau estado de conservação, paus podres, caindo, espaços sem madeira no vão entre os trilhos, enfim, a incerteza de atingir o outro lado (FOTO 01). A travessia torna-se mais perigosa uma vez que nossa atenção volta-se naturalmente para a beleza das luzes na vastidão das águas, os bandos de pássaros que as sobrevoam ou as tarrafeadas belíssimas dos pescadores, que nos fazem parar e esperar o pescador tirar a rede e ver se teve sorte.

- Pegou? Quantos foram?

CAPITULO 1

VISÃO PANORAMICA DA HISTORIA DE UM LUGAR

"...não se ensina a recordação sem um apoio dialético no presente; não se pode reviver o passado sem o encadear num tema afetivo necessariamente presente" (Gaston Bachelard, 1988).

1.1. Panorama Histórico

Na edição de 11 de julho de 1925, o jornal "Imbituba", página 4, apresenta este anúncio:

"Alerta, lavradores!

Aviso a todos os lavradores residentes neste município que está a chegar um esplêndido engenho a vapor, para a fabricação de farinha de mandioca, e por este motivo peço aos bons amigos e senhores lavradores que aumentem suas plantações para serem com mais rapidez fabricados os seus produtos e verem do seu sagrado suor o rendimento vantajoso."

Esta simples notícia de jornal, de 68 anos atrás, no interior do Estado, no município recém-criado (5), suscita muitas indagações e novos horizontes para o presente trabalho. Foi uma surpresa encontrar uma Imbituba tão moderna no início do século. Daí se impôs uma indagação inquietante: como defender, como muitos o fazem, a "tradição" dos engenhos movidos a tração animal e a braços humanos, hoje, em Ibiraguera, se em 1925 já existiam os engenhos mecanizados? Será que não se estaria defendendo um passado na sua fase mais decadente - o intervalo entre a fase de opulência que existia naquela região (6) e o presente que traz novas perspectivas ?

Com o intuito de clarear tal situação, torna-se fundamental conhecer mais sobre o passado de Imbituba e verificar em que medida Ibiraguera esteve inserida nesse contexto.

A estrada de ferro e a exploração de carvão pela Companhia Henrique Lage influenciaram sobremaneira o sul do município de Imbituba. Ibiraguera, que fica ao norte, foi menos influenciada, pois a Estrada de Ferro Teresa Cristina, que vinha do sul, finalizava sua linha no porto de Imbituba, não percorrendo as terras ibiraquerenses. Os trabalhadores

especializados - entre eles, muitos imigrantes italianos - ficavam na cidade.

A história política do município de Imbituba não é igual nem tão diferente da de outros municípios catarinenses e mesmo do resto do país. Ao mesmo tempo em que possui especificidades - devido a sua colonização, posição geográfica, entre outras -, também apresenta características gerais. Dentre elas destacam-se aquelas do ponto de vista da história hegemônica internacional (as guerras mundiais, a queda da bolsa de valores de Nova Iorque), e história nacional (a Revolução de 30; as leis protecionistas em relação ao carvão; o preço da farinha de mandioca no mercado nacional). Sendo assim, não é objeto específico da pesquisa, mas condição "sine qua non" para o entendimento do trabalho, a sua contextualização histórica.

1.2. Primeiros Habitantes desta Terra: O Índio

A história de Imbituba, e conseqüentemente de Ibiraquera, contada seja pela tradição oral, seja por registros escritos, começa freqüentemente pela colonização açoriana, a história do branco europeu, omitindo que aqui, e no litoral catarinense como um todo, já viviam os índios carijós (7). Compreende-se tal fato, pois para a historiografia escolar, os índios catarinenses não fizeram história - pertencem à pré-história -, porque não nos deixaram registros escritos. Mesmo com o holocausto dos carijós, muito da sua cultura (na verdade adaptada através dos tempos) está presente ainda hoje no dia-a-dia da população de Ibiraquera. A cultura indígena deixou seu legado, entre outras coisas, na alimentação: o amendoim, a

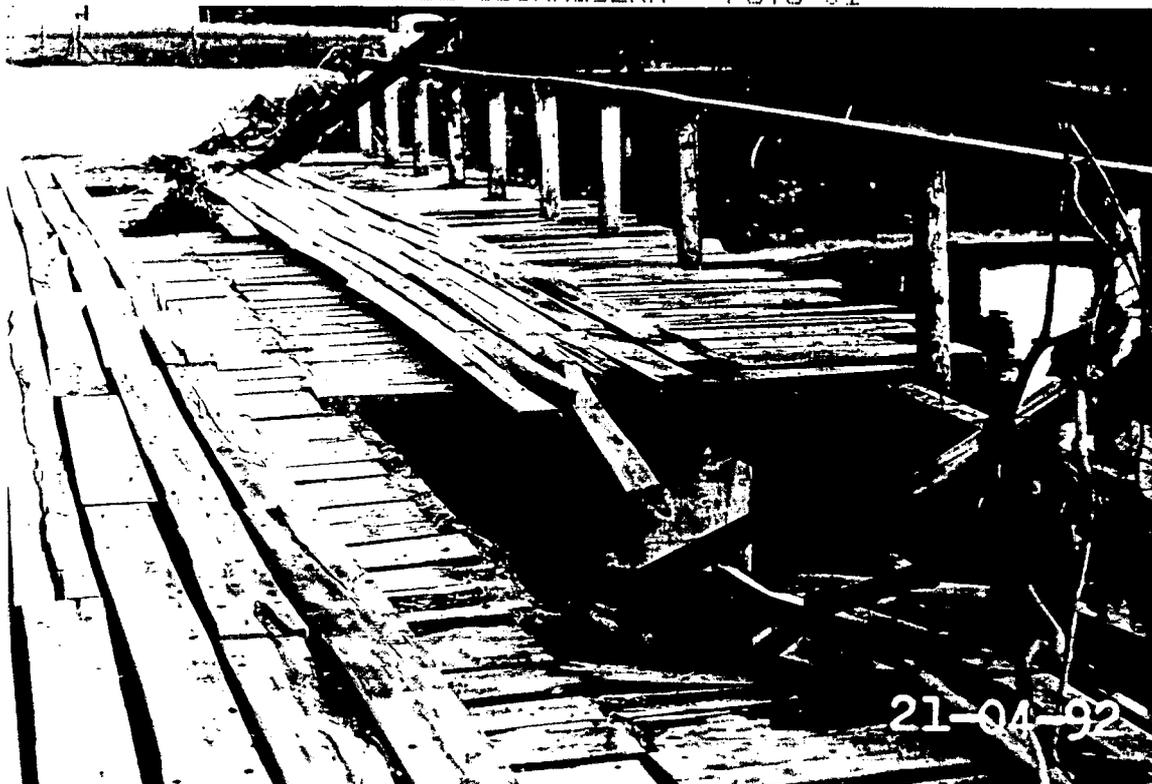
mandioca e seus derivados (farinha, beiju, "bijaxica"); nos utensílios de pesca e nas tramas dos balaios e esteiras.

Atribuiu-se aos tupi-guarani uma economia de subsistência baseada no plantio de mandioca, algodão, amendoim, bem como na caça e na pesca. As ocupações pertencentes a esta tradição podem ser identificadas pela presença de cerâmica com decoração policrômica (vermelho ou preto sobre branco ou preto) ou plástica (corrugada e escovada) apresentando-se de formas variadas, tais como: urnas funerárias, panelas, pratos, tigelas etc., associadas a machados líticos polidos e tembetás. Nos costões à beira do mar de Ibiraquera podemos encontrar hoje em dia marcas nas pedras como "fundo de panelas" ou "ranhuras" deixadas pelos índios que, ao polirem seus machados e pontas de flechas, gastavam também as rochas dos costões (FOTO 02).

Segundo o folclorista catarinense Cascaes, os índios carijós, antigos moradores desta terra, faziam a "puba" que era uma farinha de mandioca grossa, diferente daquela que os colonos açorianos iriam fazer mais tarde nos engenhos, com um processo mais elaborado a partir da mandioca ralada. Os índios, que foram pioneiros no plantio de mandioca, curtiam-na durante oito dias dentro de um poço e depois puxavam a casca que saía inteirinha; espremiam a massa e colocavam-na ao sol, a qual, após secar, era posta em panelas de barro para ser torrada.

No período da descoberta do Brasil era bastante expressivo o número de índios que habitavam Santa Catarina. Isso se pode depreender tanto dos relatos dos viajantes que aqui

A FONTE DE IBIRAQUERA - FOTO 01



OS CARIJOS DEIXAM SUAS MARCAS NAS PEDRAS DO COSTÃO - FOTO 02



estiveram, como também dos testemunhos dos missionários, que mencionavam a existência, nesta região, de fartura e abundância de fauna e flora (8).

Atualmente não é mais concebível sustentar a idéia de que os índios do nosso litoral eram "bárbaros", sem conhecimento de coisa alguma, vivendo sem organização e em estado de penúria. Como diz o antropólogo Santos, "os índios formavam sociedades organizadas e plenamente adaptadas ao ambiente americano. Haviam desenvolvido uma tecnologia adequada a esse ambiente. E viviam o seu mundo, como qualquer homem: nascendo, trabalhando, amando, lutando e morrendo" (Santos, 1977: p. 29).

Quem foram os primeiros europeus a conhecer o litoral catarinense?

Segundo o historiador Piazza, desde o início de século XVI o litoral catarinense aparece em cartas geográficas de navegadores de várias nacionalidades: espanhola, portuguesa, italiana e francesa (9).

A primeira notícia que se tem de europeus no litoral catarinense data de 1504, quando o navio francês "Espoir", comandado por Binot Palmier de Gonneville, provavelmente chegou à ilha de São Francisco, localizada ao norte do Estado (Santos, op. cit.: p. 20).

Durante as entrevistas, o senhor Almy Nunes, presidente da Colônia de Pesca, revelou que foi encontrada no Mirim (10), enterrada na lagoa, uma âncora datada de 1503. Tal achado reforça os dados de que navios circulavam por essa região desde o início do século XVI. (Mas é também uma informação valiosa para entender como vão as pesquisas históricas no Terceiro Mundo: o rapaz que

achou a âncora vendeu-a para um particular, que a levou para casa).

Diversas expedições de diferentes nacionalidades transitaram por Santa Catarina durante o século XVI (Piazza, 1987: p. 22). Quando ancoravam neste litoral, os navios abasteciam-se com a ajuda dos carijós e seguiam viagem com a intenção de chegar ao Rio da Prata. Dessas várias expedições, alguns naufragos, desertores e desterrados permaneceram entre os carijós, facilitando assim o abastecimento das próximas embarcações, identificando-se dessa maneira os primeiros povoadores europeus de Santa Catarina.

E o que aconteceu com os índios carijós?

A hipótese que se levanta é que, por serem afáveis ao contato com o branco nesta região, durante o século XVII, os índios carijós acabaram sendo aprisionados pelas bandeiras, que os vendiam como escravos nos mercados de São Vicente e Bahia de Todos os Santos. Aldeias inteiras foram aprisionadas e escravizadas.

Em 1553 iniciou-se a "Missão aos Carijós" com atividade de catequese e proteção, pois os padres jesuítas defendiam a existência de "alma" nos índios, protestando assim, contra a sua escravização, ainda que contraditoriamente aceitassem o comércio de escravos negros que vinham da África. O trabalho missionário dos jesuítas perdurou até as primeiras décadas do século XVIII.

O extermínio dos índios ocorreu não apenas devido às bandeiras, mas também pelo seu contato com as doenças trazidas pelo homem branco (varíola, gripe, sarampo, tuberculose) e para

as quais os índios não haviam desenvolvido resistência física.

Segundo Santos, os índios carijós prestaram uma grande contribuição para a sobrevivência do europeu durante o século XVI, abastecendo com água e caça os navios estrangeiros, mas na medida em que os europeus se firmaram na conquista, aos índios restava apenas o papel de escravos do branco nos engenhos que começavam a ser instalados (Santos, op. cit., p. 32).

A extinção do carijó no litoral catarinense está evidenciada na população que hoje o habita. Já em 1820, quanto Saint-Hilaire visitou Santa Catarina, descrevia assim os seus habitantes:

"estatura meã e geralmente magros, e os do campo de tez amorenada. A maior parte destes e dos cidadãos nascidos na ilha (referindo-se à atual Florianópolis) têm as arcadas zigomáticas muito pronunciadas, mas seu rosto estreito, o seu nariz alongado e o seu cabelo fino provam fartamente que eles não são produto de mestiçagem de sangue índio com sangue branco" (Saint-Hilaire, apud Peluso Jr., 1979: p. 23).

1.3. Colonização Vicentina - Os Primórdios da Expansão Paulista ?

Após o final do período de união entre Portugal e Espanha, denominado União Ibérica (1640), os bandeirantes persistiram avançando sobre as novas terras além das fronteiras portuguesas. As bandeiras organizadas na Capitania de São Vicente foram as primeiras que percorreram o litoral catarinense, como já foi dito, à procura de índios para escravizar.

A partir da segunda metade do século XVII, as bandeiras marcam uma nova fase: os seus interesses agora dirigem-se para o ouro e as pedras preciosas. Por essa época os vicentinos iniciam os núcleos de povoamento, recebendo concessões territoriais no

litoral catarinense. Os "colonos" vicentinos deixaram São Vicente em busca de terras ainda sem dono, uma vez que as terras de onde vinham não eram suficientemente férteis ou já tinham proprietários. São Francisco (1658), Desterro (1672) e Laguna (1648) foram os primeiros povoados fundados pelos vicentinos em Santa Catarina.

A partir de 1715 (11), com a concessão de sesmarias a Manoel Manso de Avelar, um dos primeiros colonizadores na região, evidenciou-se por parte da Coroa Portuguesa um maior interesse em povoar a ilha e o litoral sul, tendo por objetivo principal a defesa da terra contra navios estrangeiros. Esta preocupação é cada vez maior, até que em 1738 é criada a Capitania de Santa Catarina. Esta é desmembrada da jurisdição de São Paulo e passa a ser subordinada diretamente ao Rio de Janeiro, sede do vice-reino.

Qual o objetivo de transformar Santa Catarina - que economicamente não tinha relevância - num posto avançado da soberania portuguesa? O objetivo era estratégico-militar, pois Portugal criara em tempos recentes (1680) a Colônia de Sacramento em terras espanholas, na região Cisplatina, vizinha do sul do Brasil. Assim, não só Santa Catarina, como também a Barra de Rio Grande, passaram a dar cobertura àquela região.

O Brigadeiro José da Silva Paes fora escolhido para comandar a Capitania de Santa Catarina, com a missão primordial de defendê-la. Em decorrência, é desse período a construção de quatro grandes fortalezas: São José da Ponta Grossa, Santa Cruz de Anhatomirim, Santo Antônio dos Ratoes e de Nossa Senhora da

Conceição da Barra.

Apesar dos propalados objetivos da Coroa em guarnecer com muito poder a Capitania de Santa Catarina, a realidade mostrava-se outra. Numa região economicamente carente e com poucos suprimentos recebidos do vice-reinado, os soldados andavam descalços e os canhões não tinham munição. Na vila do Desterro a guarnição procurava sobreviver com o pouco que tinha. Os portugueses vicentinos, por sua vez, foram-se estabelecendo em sítios isolados uns dos outros, inscritos numa economia de subsistência que lhes fornecia o mínimo vital. Esses mesmos vicentinos forneciam também a mão-de-obra e os víveres para a guarnição.

A expansão luso-brasileira em direção ao sul prosseguia e era impulsionada de um lado pela política expansionista portuguesa, e por outro pelo desenvolvimento da mineração no centro do país (Ciclo do Ouro no século XVIII). O aumento populacional na região das minas exigia uma economia subsidiária, fomentando o aproveitamento do gado nos pampas (Província do Rio Grande do Sul), o qual era comercializado pelos paulistas tropeiros. Mas a rota do gado que promoveu o surgimento de cidades como Lages, no interior de Santa Catarina, incrementou o rápido desenvolvimento da região oeste, quase não atingindo o litoral, que continuava basicamente como ponto estratégico de defesa do território. Esse quadro só foi alterado a partir da segunda metade do século XVIII, com a chegada dos imigrantes provenientes dos Açores e da ilha da Madeira.

Segundo Piazza (1987), o Brigadeiro Silva Paes já sugerira ao Rei, em 1742, o "aumento da povoação" afirmando que

não bastavam fortificações sem pessoas que as povoassem. Acrescentava ainda a idéia de que, melhor que soldados, seriam colonos-soldados, pois estes cultivariam a terra garantindo o seu sustento, ao mesmo tempo que "procriariam" mais soldados.

O pedido de Silva Paes não teve eco imediato na metrópole. Somente três anos mais tarde, em 1746, o Conselho Ultramarino aprovou uma resolução, atendendo solicitação de um grupo de açorianos que desejava vir para o Brasil. Em 31 de agosto de 1746, D. João assinou o édito que regulava a transferência dos diversos casais, não faltando promessas sedutoras, como: instrumentos para a lavoura; ajuda de custo e subsídios maiores às famílias mais numerosas.

1.4. Açorianos e Madeirenses, uma Imensa População Imigrando

A vinda de 6.372 açorianos para o litoral catarinense em 1748 (Cabral, 1950: p.523) modificou a população, o comércio e a produção agrícola. Mas não podemos esquecer que quando aqui chegaram, os açorianos já encontraram outros camponeses, vivendo numa economia baseada na agricultura, no interior das pequenas propriedades. Os açorianos ampliaram essa forma de subsistência, multiplicando o número das pequenas propriedades rurais, alterando muito pouco o modo de produção da região. Permaneciam as pequenas empresas familiares estabelecidas e os minifúndios produzindo para a sua própria subsistência, enfrentando inúmeros obstáculos para a comercialização dos excedentes.

Os açorianos (12) vieram para fugir da fome, mas continuaram a sofrê-la aqui. Não receberam as terras com a metragem prometida, nem solo próprio para a cultura daqueles

produtos que tradicionalmente cultivavam, tendo que, paulatinamente, adaptar-se ao plantio e ao consumo da farinha de mandioca como base da alimentação. Eles não conheciam a mandioca antes de chegar ao Brasil. Aqui já encontraram "engenhocas" (engenhos de farinha organizados pelos vicentinos) conhecidas por "chamarrita", "caranguejo" ou "pouca pressa", as quais eram movidas, na maioria das vezes, por força humana (Cascaes, 1989: p. 57). Esses colonizadores açorianos pagavam o dízimo (uma parte do que produziam) para a Coroa Portuguesa.

Muitos nobres empobrecidos embarcavam nos navios que deixavam os Açores em busca de uma situação melhor no Brasil. E aqui fizeram valer os seus títulos aristocráticos, passando a receber toda sorte de favores (Cabral, apud Rial, 1988: p. 355).

É importante comparar a história do Sul do país com a do Nordeste, na medida em que nesta a economia de exportação predominava, em detrimento de outras regiões do país. No Nordeste, a partir das capitânicas hereditárias, o desenvolvimento ocorreu tendo como base a produção açucareira sustentada pelos escravos vindos da África, gerando a cultura patriarcal dos senhores de engenho, que engordavam as reservas dos cofres lusos. Já no Sul o interesse português não vai muito além de povoar para garantir o território. A economia à base de minifúndios não exigia mão-de-obra escrava. Existia escravidão em Santa Catarina, mas o número de escravos era insignificante em relação a outras regiões do país, onde predominava a economia de mão-de-obra escravagista visando estritamente à exportação.

A pesca artesanal no litoral de Santa Catarina tornou-

se a principal atividade econômica. Paralelamente, era acompanhada pelas lavouras de cana-de-açúcar, algodão, milho, arroz e, acima de todas, o plantio da mandioca.

Para a realização dessas atividades, a população necessitava de outros "saberes", que eram transmitidos de pai para filho. Tais conhecimentos relacionavam-se, por exemplo, à fabricação dos diversos instrumentos imprescindíveis à pesca e à lavoura e úteis no beneficiamento da mandioca, do açúcar e do algodão.

Para a lavoura, além de todos os instrumentos de menor porte, construíam-se, também, carros de boi, cochos escavados na madeira, bem como diversos tipos de balaios de cipó e taquara. Teares eram fabricados para confeccionar tecidos de algodão. Surge uma complexa arquitetura na construção dos engenhos de farinha e de cana-de-açúcar, o mesmo ocorrendo nos alambiques para a fabricação de aguardente. Toda essa produção, praticamente doméstica, familiar, marcou o povo que habitava esse litoral.

Como se construiu tal "saber fazer"? Muitos desses conhecimentos originaram-se dos índios, primeiros habitantes desta terra (os balaios e o plantio da mandioca, entre outros). Este fato nos permite afirmar que eles não foram totalmente eliminados, pois suas marcas ainda estão presentes. Outros conhecimentos foram trazidos pelos imigrantes (engenhos mais complexos e renda de bilro, entre outros) e aqui foram adaptados às novas condições.

A pesca dependia de certos materiais especiais para a confecção de redes, tarrafas e espinhéis, conhecidos na Europa e amplamente utilizados no arquipélago dos Açores, como também de

muitos materiais utilizados pelos indígenas (fibras do tucum (13)) e das canoas. Estas, como dito anteriormente, eram feitas de um único tronco, ainda uma tradição no nosso litoral (FOTO 03). Como as árvores de grande porte já escasseiam, essa prática talvez não perdure por muito tempo.

Em 1744, antes mesmo da vinda dos açorianos, foi instalada a primeira armação de baleia em Ganchos (localidade distante cerca de 50 km ao norte de Florianópolis, atualmente município de Governador Celso Ramos). Portugal enviou a baleeira para essa região como modelo de embarcação e que exige técnica especial de arquitetura naval. Um dos lados não pode pesar mais do que o outro, sendo extremamente simétrica e feita sob medida (Cascaes, 1989: p. 72).

Em 1796 fundou-se uma armação de baleia em Imbituba, suplementar à criada no ano anterior em Garopaba. Seria a quarta instalada no Brasil, dando à pesca da baleia o status de primeira grande fonte de renda para a localidade. Na época, a exemplo do ouro, da prata e de outros produtos coloniais, os derivados da baleia possuíam valor significativo, principalmente o óleo utilizado para iluminação. As armações eram monopólio da Coroa e exploradas sob concessão por particulares. Em Imbituba estava sob a responsabilidade de Pedro Quintela e João Ferreira Sola. Baleias de grande porte eram arpoadas constantemente naquele trecho do litoral catarinense.

Segundo Cascaes (op. cit.: p.79), a pesca da baleia tinha fins comerciais e era feita basicamente por escravos, mão-de-obra barata e de grande resistência física. O pescador tinha

de resistir muito tempo em alto mar, sob elevado calor e à inclemência do sol.

Possivelmente as famílias negras que vivem ainda hoje na região de Ibiraquera tenham a origem de sua fixação na região vinculada àquelas armações aqui estabelecidas, pois, como já foi tratado anteriormente, a agricultura não ultrapassava os limites da subsistência.

A pesca da baleia, enquanto grande negócio econômico, ocorreu na segunda metade do século XVIII no litoral catarinense, perdurando até 1798 (14), sempre submetida ao monopólio da Coroa, pois os lucros eram compensadores. Baleias imensas eram arpoadas e rebocadas para os barracões, onde eram retalhadas e suas gorduras seguiam para grandes caldeiras, onde seriam derretidas. O azeite apurado tinha dupla utilidade: na iluminação pública das cidades e também como argamassa, destinada à construção de fortalezas e construções em geral. O óleo, misturado com o barro, formava a argamassa. Ainda hoje há construções feitas com essa mistura que se encontram em perfeito estado.

Porém, é importante destacar a pesca da baleia no final do século XVIII como um grande negócio para a Coroa portuguesa, o que é melhor compreendido a partir do relato feito por La Perouse, navegador francês que passou por esta região em 1785:

"A pesca da baleia é muito abundante, mas é propriedade da Coroa, arrendada a uma companhia de Lisboa; esta companhia tem nesta costa 3 grandes estabelecimentos nos que se pescam todos os anos cerca de 400 baleias, cujo produto, tanto de azeite quanto de espermacete (15), é enviado para Lisboa pelo Rio de Janeiro. Os habitantes não passam de meros espectadores dessa pesca, que não lhes proporciona vantagem alguma" (Perouse apud Boiteux, 1934: p. 39, grifo nosso).

As barbatanas das baleias encontravam excelente

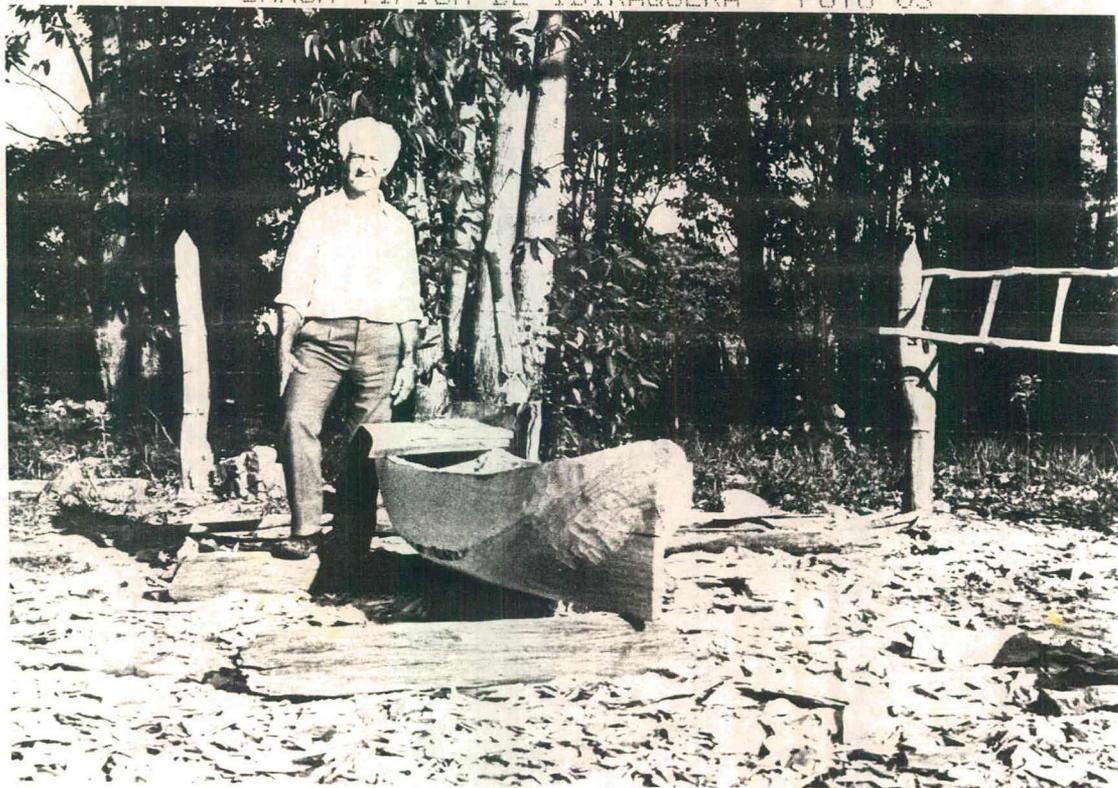
mercado. Industrializadas, produziam, entre outras espécies de adorno, o espartilho, espécie de colete revestido com barbatana, usado pelas damas para comprimir a cintura, utilizado em larga escala na França e em Portugal. Como normalmente ocorre com o supérfluo, a barbatana tinha maior valor econômico do que o próprio azeite, ainda que este atingisse um mercado mais amplo.

Já na época do Brasil Império, no século XIX, o surto baleeiro diminuiu, porém muitas pessoas ainda foram atraídas para Imbituba, aumentando consideravelmente a população, que caracterizou o local como "a cidade". Nessa mesma época, a localidade de Vila Nova possuía o maior número de habitantes, daí a promoção à categoria de distrito do município de Santo Antônio dos Anjos de Laguna. O distrito de Vila Nova compreendia os povoados de Imbituba, Mirim e Vila Nova.

A armação de Imbituba, da mesma forma que foi o primeiro grande investimento econômico para a região, também foi a causa da primeira crise econômica (FOTO 04). Alguns fatores são apontados como provocadores do fim das armações no Brasil (16). Entre eles destacam-se: o afastamento das baleias da costa brasileira para o extremo sul, e, principalmente, a substituição do óleo para iluminação "pelo querosene a partir do carvão de pedra, e depois, pelo petróleo" (Piazza, 1987: p. 47).

A pesca da baleia deixou de ser realizada como grande negócio no final do século XIX. Contudo, a proibição desta pesca no litoral brasileiro só ocorreu a partir 1985. A baleia franca, que percorre o litoral sul do Brasil, espécie em extinção, foi protegida pela comissão internacional a partir de 1934.

CANOA TIPICA DE IBIRAQUERA - FOTO 03



O QUE AINDA RESTA DO BARRACAO DA BALEIA - IMBITUBA (FOTO 04)



Entretanto, o Brasil só passou a participar desse organismo internacional em 1976, proibindo definitivamente a pesca deste cetáceo em nosso litoral.

O jornal "Imbituba", de 7 de dezembro de 1929, página 02, ainda noticiava:

" Pelo porto de Imbituba passam anualmente, nos meses de setembro a dezembro, regular número de baleias, no seu curso para o norte. Os exemplares desse mamífero, que no ano passado visitaram este porto, foram muitos. Arpoados alguns pelos pescadores da Vila, conseguiram os cetáceos feridos ganhar o alto mar, desaparecendo no grande oceano para irem dar à praia, mortos em algumas paragens, longínquas talvez. Entusiasmados pela grande quantidade de baleias que anualmente brincam à flor d'água em Imbituba, alguns cavalheiros organizaram aqui, no ano transacto, a Companhia Brasileira de Pesca Ltda, de modo a poder operar neste ano. Infelizmente, nos meses esperados, os colossais cetáceos não se aproximaram de Imbituba. Duas ou três baleias, somente, neste ano, aqui apareceram. Contra a expectativa geral, porém surgiram ontem dois belos exemplares de baleias, que os entendidos acham sejam das maiores que tenham aparecido em nossas águas. A Companhia Brasileira de Pescados Ltda. espera que os cetáceos se aproximem mais da praia a fim de dar-lhes caça, logo que a posição dos mesmos o permita."

1.5. A Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina

"Na paisagem emoldurada de amarelo e azul da enseada de Imbituba, os golpes de marreta batendo a primeira estaca - a estaca zero -, do traçado desta ferrovia" (Zumblick, 1987: p.27)

No dia 18 de dezembro de 1880 inicia-se, em Imbituba, a construção da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, nome dado em homenagem à Imperatriz do Brasil da época. Essa ferrovia, construída com capital inglês, visava garantir a infra-estrutura necessária para a economia da região, que estava ligada ao carvão.

O sul de Santa Catarina, da mesma forma que outras

provincias do país, recebeu várias visitas de geólogos (17), obedecendo ordens do Império para identificar os minérios existentes na região. Em 1839, Júlio Parigot faz um relatório incentivando o governo a explorar as minas do sul de Santa Catarina:

"... o carvão aparece na serra do Passo Dois, às cabeceiras do Rio Tubarão, com veio de três pés de espessura, sendo camada de boa qualidade, apresentando também uma camada de ferro. Estão reunidos na região como estão na Inglaterra" (Parigot, apud Bossle, 1981: p.16)

Em 1861 o Visconde de Barbacena obtém autorização para explorar o minério da região de Tubarão e também para construir uma estrada de ferro ao longo do rio Tubarão, facilitando o transporte do carvão. Somente 15 anos após (18), o Visconde de Barbacena, a partir de acordos e negociações com a Inglaterra, iniciou os trabalhos da construção da estrada de ferro, através da Companhia "Donna Thereza Christina Railway Company Limited". Em 10 de setembro de 1884 (5 anos antes da Proclamação da República e da saída de D. Pedro II e de D. Tereza Cristina do Brasil), toda a linha de ferro de 130 km foi entregue ao tráfego (Bossle, 1981: p. 20).

Os ingleses exploraram até 1877 - na ausência de estrada de ferro - mais de duas mil toneladas de carvão. Porém, a distância do porto e a demora no embarque provocaram a falência da empreitada. Nessa época tem início a imigração de italianos para a região mineradora (19).

O padre Dall'Alba, em seu trabalho sobre a imigração italiana no Estado, cita um regulamento de 1892 que descreve o porto de Imbituba e a estrada de ferro:

"As colônias do sul têm-se acesso por mar pelo porto de Imbituba ou pelo de Laguna, em sete ou oito horas da capital do Estado, Florianópolis. Imbituba é um porto natural, profundo, para grandes pesqueiros, porém mal seguro, porque aberto aos ventos, por isto pouco frequentado. Os navios geralmente ali aproam de março a outubro, período em que dominam os ventos do sul dos quais o porto está defendido. Há em Imbituba poucas casas e as oficinas da Ferrovia D. Teresa Cristina. Porto comercial é Laguna". (1983: p.24)

Conforme afirmado acima por Dall'Alba, o porto comercial era realmente Laguna e as diversas entrevistas realizadas confirmam o fato, como bem o demonstram as declarações feitas pelo Senhor Abilinho, antigo e reconhecido comerciante da região de Ibiraquera e Araçatuba:

"As lanchas de Garopaba levavam farinha para toda a Florianópolis. O nosso comércio era mesmo Laguna, nem a Tubarão a gente ia. Trazíamos mercadorias de prateleira. Trazíamos o pó de café que comprávamos em lata, não era empacotado como hoje. Comprávamos também farinha de trigo em saca de 50 kg. Comprávamos charque. Charque se vendia muito; querosene, sal. Vinha tudo de Laguna. Fósforo. Usava fósforo, mas geralmente o pessoal usava para acender cigarro um tal de isqueiro que tinha um fusível (sic). Eu vendi muito daquelas pedras, e daquele fusível que fazia fogo, para acender o cigarro de fumo com palha de milho. Eu vendia fumo."

1.6. Imbituba no Início do Século



Estabelecimento moderno. Luxuosos e bem mobiliados salões. Confortáveis accommodations para famílias e cavalheiros. Instalações de água corrente, fria e quente, em todos os quartos. Iluminação electrica. Moderna barbearia. Jardins de inverno. Luxuoso Bar. Camaras frigorificas. Serviço e cosinhas de primeira ordem. Praças de desportos e aparelhagem para gymnastica. Aprazível e pittoresca praia de banhos de mar. Agradavel e saluberrimo clima. O porto de Imbituba dista 270 milhas da barra do Rio Grande. É servido semanalmente por paquetes da Companhia Costeira e mantém communições ferroviarias com o interior do Estado.

IMBITUBA-HOTEL

Luxo e conforto a preço modico

Porto de Imbituba

Estado de SANTA CATHARINA

Imbituba era um município em franco progresso no início do século. Os trabalhos da historiadora Bossle (1981 e 1988), do historiador e ferroviário Zumblick (1987) e do jornalista Martins (1978) residente em Imbituba, entre outros, como também jornais da época, demonstram vastamente o largo investimento realizado pelo empresário Henrique Lage e a empresa Lage & Irmãos (20) na região.

O interesse pelos investimentos em Imbituba originou-se no carvão. Segundo entrevista com velhos moradores, há menos de 50 anos, geólogos pesquisaram a Lagoa de Ibiraquera procurando carvão de boa qualidade. Se os geólogos tivessem localizado minas de carvão perto do porto de escoamento, tal descoberta teria

barateado o custo do produto (21). Mas os resultados dessas tentativas não foram positivos. A importância da região de Imituba - que naquela época pertencia ao município de Laguna - estava relacionada com a existência do porto que escoava a produção de carvão.

Podemos dizer que Imituba viveu uma época áurea na segunda e terceira décadas do século XX, promovida a partir dos investimentos de Henrique Lage. Tais investimentos foram destinados à construção da própria cidade, objetivando dar sustentação ao processo de escoamento do carvão pelo porto de Imituba. Para dar uma idéia da dimensão dos investimentos, esse empresário trouxe da Europa imensos geradores (FOTO 05) que produziam energia a partir do vapor do carvão (22).

A antropóloga Cornélia Eckert, em seu trabalho sobre uma comunidade de mineiros de carvão na França, criada em meados do século XIX, nos traz grande contribuição na compreensão do processo que também ocorreu na zona carbonífera do sul de Santa Catarina no início deste século, atingindo sobremaneira Imituba. Assim descreveu a criação da vila pela companhia particular de exploração de carvão:

"La Grand-Combe nasceu da vontade de uma companhia de minas que aspirava desenvolver a indústria de carvão e dinamizar uma aglomeração urbana em torno dessa unidade extrativa, submetendo-a a um enquadramento paternalista, o que implicou a obtenção de um consenso em torno de um projeto de construção de uma comunidade de trabalho como uma 'família corporativa'" (Eckert, 1993: p.2)

O forte controle sobre a população da vila, cujos membros eram praticamente todos funcionários da companhia,

mantinha o poder, tanto na vila francesa como na vila imbitubense, cumprindo o papel de Estado com acentuada característica corporativista. Eckert prossegue o seu relato, que muito apóia a hipótese central deste trabalho - a presença do singular, do específico e também do universal na história regional:

"A vila viveu à sombra da Companhia: a demografia positiva ou negativa exprimia as necessidades de mão-de-obra por parte da empresa e suas estratégias de recrutamento; a urbanização foi condicionada pelos interesses e necessidades estruturais desta mono-indústria, o poder local era exercido por representantes da Companhia que garantiam, assim, o interesse patronal e o domínio sobre a área urbana" (op. cit. 1993: p. 7 - 8)

Conhecer a história de Imbituba deste século implica necessariamente conhecer os poderes exercidos pela "Companhia de Henrique Lage" e, neste caso, podemos aferir a semelhança do relato acima com o ocorrido em Imbituba.

1.7. Imbituba e a Revolução de 1930

A revolução de 1930, na história de Imbituba, demonstrou basicamente a capacidade da classe dominante de se manter no poder. Mesmo com perdas momentâneas, a revolução de 30 não significou ruptura no poder imbitubense.

Em 1924 Imbituba fora desmembrada de Laguna, tornando-se município. Segundo entrevista com o senhor Mario (funcionário público aposentado, com 72 anos de idade), a "emancipação de Imbituba já foi uma estratégia da Companhia, para controlar melhor Imbituba". Entretanto, com a revolução de 30, Imbituba voltou a ser distrito de Laguna.

O motivo que levou os revolucionários de 30, com o primeiro decreto-lei editado em Santa Catarina, a transformar efetivamente o município de Imbituba em distrito de Laguna foi a intenção de acabar com um foco de resistência legalista existente no local. A região de Garopaba, que até então pertencia ao município de Imbituba, passou para a jurisdição de Palhoça. Essas atitudes dos revolucionários fizeram parte de uma estratégia (e não deixou de ser uma vingança) para enfraquecer a reação do Partido Republicano no Estado.

Em 1930 Imbituba era um município em franco progresso econômico, cujo porto era o principal exportador de carvão da região, ao mesmo tempo em que fazia movimentação de passageiros entre os estados do Rio de Janeiro e Porto Alegre. Por outro lado, existia o florescimento da indústria cerâmica imbitubense, contribuindo, e muito, para que o município alcançasse um estágio econômico invejável para a época (23). Com todo esse progresso econômico, Imbituba conseguiu sua emancipação em 1923, perdendo-a rapidamente em 1930, no primeiro decreto dos revolucionários em solo catarinense.

Um dos homens de sua maior confiança, trazido por Henrique Lage para a região, foi Alvaro Catão, que na época acumulava as funções de prefeito de Imbituba, gerente da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, diretor do Porto e líder econômico da região. Em decorrência de tantas atribuições, era também líder político, pertencendo à diretoria (24) do partido da situação em Santa Catarina, o Partido Republicano.

Seguindo a trilha dessas informações, ficamos sabendo que:

"Senador Francisco Galotti e Alvaro Catão, a bordo de um navio 'Ita', tendo como guarda-costas um torpedeiro, traziam a bordo tropas legalizadas, de Florianópolis, para desembarcarem em Imbituba, e assim, guarnecerem a população nos primeiros dias de revolta" (Martins, 1978: s/p).

Sobre este mesmo fato Dall'Alba relata:

"A Araranguá a estrada (de ferro) mal chegara em tempo de servir à Revolução de 1930, transportando-lhe, quase pacificamente, as tropas. De heróico poderia ter havido algo na ocupação de Imbituba. Havia dois navios de guerra em alto-mar. '-E preciso ocupar militarmente, imediatamente, Imbituba!', foi a ordem. Trem especial. Soldados ocupando posições. Bastou o troar terrível de quatro canhões da marinha para que os valentes, às pressas, procurassem os vagões e o trem recebesse ordem de voltar célere para Tubarão" (1986: p.141).

Podemos inferir que Imbituba, paralelamente ao progresso econômico vivido naquela época, também representava um espaço de possível reação política legalista contra os revoltosos de 30. Na história da estrada de ferro e do carvão, podemos notar uma rivalidade entre Imbituba e Tubarão, como a disputa pela sede da ferrovia, em 1906. Aqui transcrevemos a forma como é entendida a disputa na história oficial, divulgada pelos órgãos da prefeitura de Imbituba:

"Mas o desfecho de Imbituba estava novamente selado; é que com a encampação da estrada de ferro pelo Governo Federal, fato ocorrido em 1903, ficou sua administração à mercê da política dominante, e com isto, aproveitando-se desta circunstância, foi por intermédio do prefeito de Tubarão, amigo do Ministro da Aviação, e ainda com franco apoio do prefeito de Laguna e amigos locais, conseguida uma verba de cem contos de réis, quantia bem apreciável naquele tempo, com a finalidade de serem transferidas para Tubarão todas as oficinas e demais departamentos da estrada aqui sediados, fato este ocorrido em novembro de 1906" (Documentos sobre Imbituba IBGE/ Florianópolis).

Lendo o primeiro decreto "das forças revolucionárias de 30", obtêm-se várias informações: primeiro, que a sede do governo

provisório do sul era em Tubarão (quem sabe mais um elemento na disputa entre estes dois municípios ?); em segundo lugar, é nesse primeiro decreto que ocorre a anexação de Imbituba a Laguna; e, por último, ressalte-se a definição de Pedro Bittencourt para prefeito de Imaruí, marcando a ascensão da oligarquia Bittencourt, em 1930, naquele município, permanecendo até os dias atuais.

1.8. Repensando a História Oficial

É importante ressaltar que as elites rapidamente se adaptam às mudanças, principalmente quando acontecem no nível superestrutural, e que, portanto, não atingem profundamente o modo de produção.

As elites não apenas se adaptam, como também se apoderam das mudanças, tomando-as como se por elas fossem responsáveis, adaptando-as à estrutura tradicional. Enquanto os subordinados não tiverem propostas advindas de sua própria organização, fruto de um trabalho coletivo - que lhes dê a força das suas certezas, difundindo uma nova visão de mundo, uma cultura relacionando dialeticamente infra-estrutura e superestrutura -, a história continuará sendo contada pelas elites.

A revolução de 30 não foi caracterizada exatamente como revolução, porque não modificou de forma significativa a estrutura econômica. No nível do poder político, entretanto, observaram-se algumas mudanças econômicas. Ela marcou o fim do grupo agrário-exportador como grupo hegemônico no poder e abriu espaço para outros grupos (classe média urbana, setores agrários de diversos estados), incluindo o fortalecimento das Forças

Armadas - não só dos tenentes, mas também das altas patentes do Exército. E o período em que, no Brasil, desenvolve-se o mercado de trabalho para as classes médias (devido à nova organização do Estado), diversificando a agricultura sem contudo mudar a estrutura fundiária.

Fundamentado na ideologia positivista, iniciada com Júlio de Castilhos, no Rio Grande do Sul, até Getúlio Vargas, no Distrito Federal, o Estado se cristalizou como representante de todos os interesses sociais, excluindo os interesses antagônicos de classes e preconizando o desenvolvimento harmônico da sociedade. Esse período, que inicia em 1930 (25) e culmina em 1937 com o Estado Novo, estava direcionado para a desarticulação, desmobilização e repressão aos interesses antagônicos, visando ao desenvolvimeto social como um todo.

Com o Estado Novo, em 37, o aparelho governamental, tendo o aval do Exército, provocou o processo de industrialização do país. Esse governo intervencionista, corporativista e autoritário toma medidas, objetivando o controle administrativo da sociedade e também a intervenção econômica, medidas que vão beneficiar o processo de industrialização via acumulação de capital, no qual o papel da mais valia, extraída do trabalho operário, torna-se significativo (26).

Podemos verificar, no caso de Imituba, que em 1930 não existia uma oposição organizada. Em pouco tempo, Alvaro Catão e seu patrão Henrique Lage estavam "modernizados", adaptando-se às novas regras trazidas pela "revolução de 30", ao mesmo tempo em que reativaram suas relações políticas, sociais e econômicas com

antigos opositores (27). Henrique Lage tornou-se amigo pessoal de Getúlio Vargas (28), beneficiando-se da política de industrialização nacionalista implementada pelo governo.

"Indiferente à Revolução (de 30), à ditadura do Estado-Novo, nosso trem, a saudosa 'Maria-Fumaça' continua subindo e descendo, em horários sem horário. Trem cargueiro, trem de passageiros, 1ª e 2ª classe, trem misto. Trem especial (...). Já em 1940 o Governo encampa tudo que é de Henrique Lage. Era a guerra, e não se podia tolerar um governo paralelo qual era o império do velho capitão da indústria. A ferrovia também passa à administração direta do poder central, até 1957 (...)" (Dall'Alba, 1986: p.142)

Durante a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial (1942-1945), a iniciativa privada submeteu-se às leis do Estado e os bens de Henrique Lage foram encampados pelo governo de Getúlio (29).

Em 29 junho de 1941, três dias antes de morrer, Henrique Lage escreveu uma carta endereçada ao presidente Vargas. Naquela data sua empresa siderúrgica já estava encampada pelo Estado, que também tomou parte dos seus navios, como forma de quitação de dívidas com o Tesouro Nacional.

"...O meu programa - carvão, ferro e navio - que vem sendo executado com os maiores sacrifícios, mesmo de ordem pessoal, encontra-se na sua fase final, com o complemento da siderurgia, sabiamente enfrentada por V. Exa. Retirando da relação dos meus navios os necessários para as linhas de carvão e sal de minha Organização, estão os demais à disposição de V. Exa., para serem incorporados à grande campanha unificada, que sei é seu pensamento fazer. Do produto apurado fica o governo de V. Exa. autorizado a fazer a liquidação dos meus débitos com o Banco do Brasil, Tesouro e demais credores, pondo assim o meu nome a salvo de eventuais possíveis (sic). As companhias de carvão da minha Organização e os demais setores de minha atividade industrial, aí estão como o penhor de meu fiel devotamento às causas nacionais. Com um grande abraço muito cordial para o meu grande amigo a quem sempre vi otimamente entregues o destino de um grande Brasil" (Lage, apud Martins, 1978, s/p).

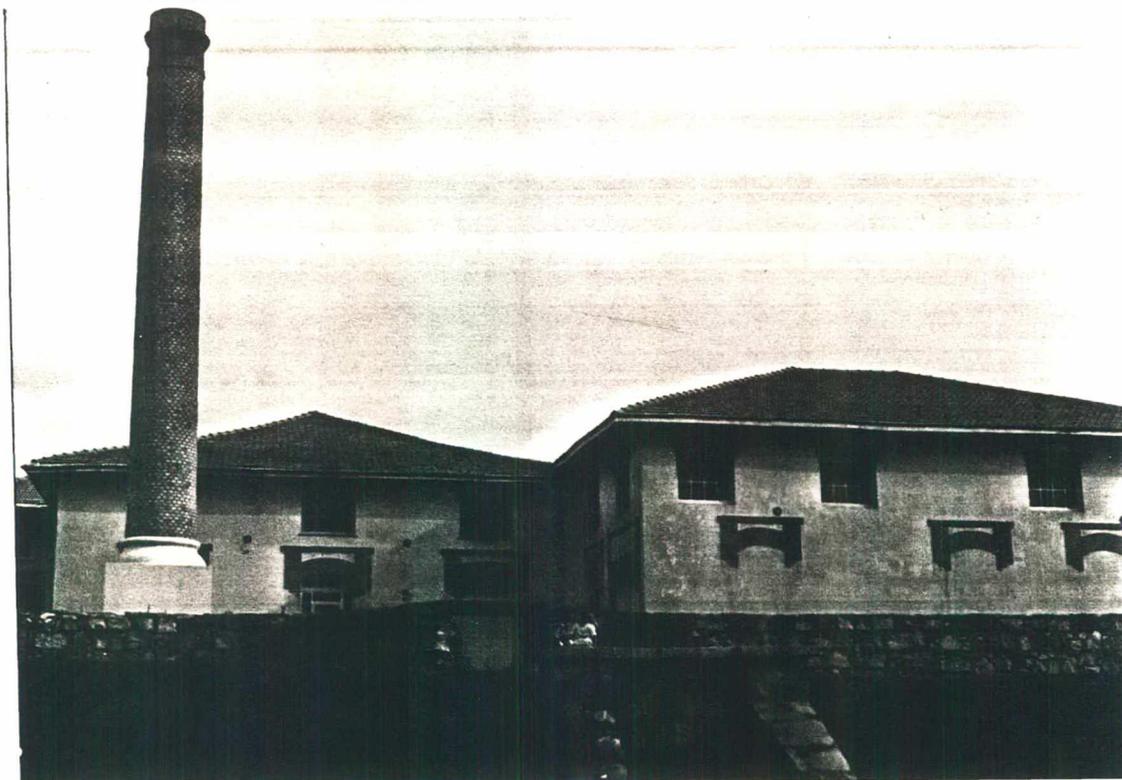
Verdadeira "carta testamento", neste documento Henrique Lage descreve seus bens, indicando-lhes a destinação. Restaram, porém, muitos outros bens além daqueles entregues ao Estado, riqueza suficiente para Dona Gabriela, esposa de Henrique Lage, voltar para Roma e permanecer mecenas das artes, principalmente da música, acolhendo cantores, músicos e maestros. Como o casal não teve filhos, a viúva vendeu suas ações para os "homens de confiança" do marido. Em Imbituba, a Companhia Docas ficou com a família Catão (FOTO 06) e a indústria cerâmica destinou-se ao ex-empregado João Rimsa.

1.9. Suplantando a História Oficial, por uma Nova História

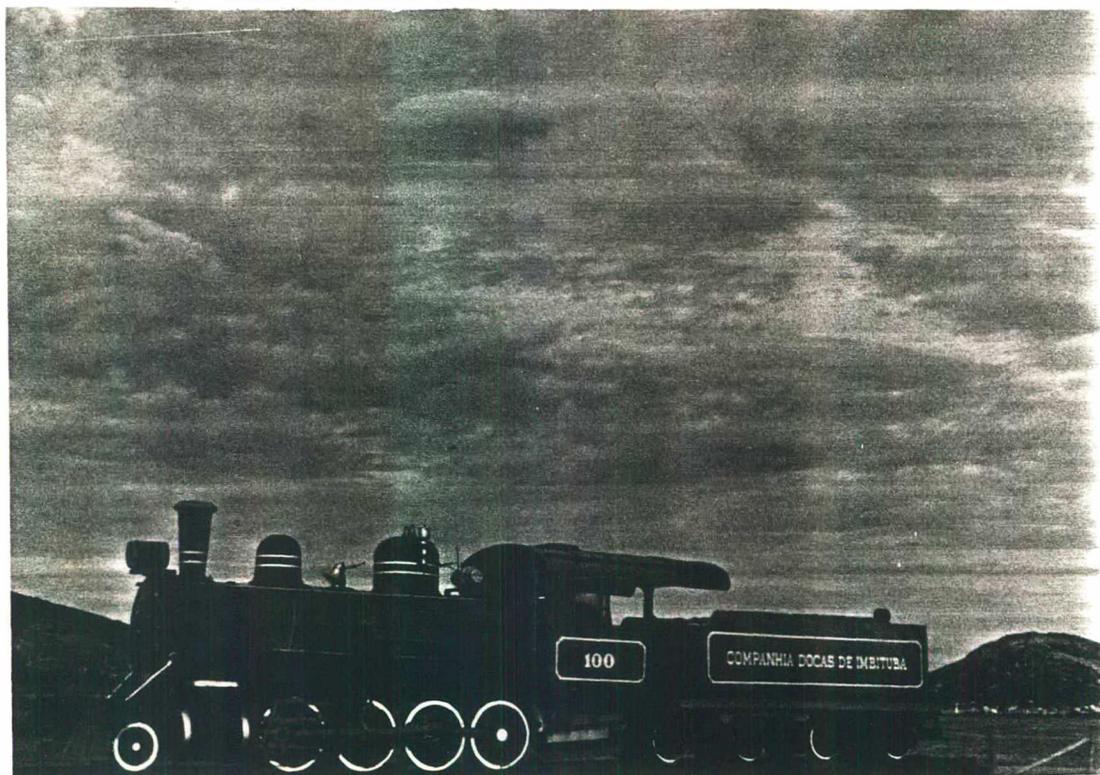
Do livro *Imbituba, Impressões de uma excursão a Santa Catarina*, de Veiga Miranda, publicado em 1933, pudemos retirar valiosas descrições da época, pois se caracteriza por enaltecer o lugar, enumerar as benfeitorias realizadas por Henrique Lage, relatar a organização dos trabalhadores, descrever a estrada de ferro, entre outras. Tudo em linguagem rebuscada, típica da época. Outra característica do livro é a total veneração à figura de Henrique Lage. Na sua visita a Imbituba, em dezembro de 1931, vindo do Rio de Janeiro, em longa viagem num navio da Companhia Henrique Lage, que demorou 32 horas para chegar ao destino, Miranda descreve:

"Estou diante de uma larguíssima avenida; de um lado, todas as habitações são em 'bungalows' e 'chalets', elegantes, graciosos, maiores ou menores, dentro de jardins com os gradis de madeira à frente, entretrecidos de trepadeira. Do lado oposto, alinham-se edifícios mais modestos, moradias de empregados, casas de negócios, estabelecimentos de pequenas indústrias, alfaiates, sapateiros, garagens"(op. cit.: p.58).

MUSEU DE IMBITUBA ONDE FUNCIONAVAM OS GERADORES DE ENERGIA MOVIDOS A CARVÃO - FOTO 05



MARIA-FUMAÇA QUE LEVAVA CARVÃO PARA O PORTO DE IMBITUBA - FOTO 06



E continua a descrição:

"Abaixo daquelas duas categorias de casas da avenida principal, há uma outra, a do tipo operário. Distribuídas por varios pontos, aglomeram-se principalmente em 'vila'"(op.cit.: p.63).

Neste processo descritivo e aparentemente neutro, o autor acaba mostrando de forma cabal a sua visão - idolatria do patrão Henrique Lage e ufanismo pelo modelo capitalista da produtividade. Descrevendo a cooperativa criada pela Companhia afirma:

"E aos sábados que um formigueiro de gente se abastece ali de todos os artigos necessários. Dá a idéia de uma instituição comunista, em que o Estado supre a cada um, segundo as suas necessidades. Não será, penso eu, tão perfeito e tão justo o sistema soviético. Aqui se dá a cada um segundo o seu esforço, o seu merecimento; são os 'vales' do trabalho trocado em utilidades; é a mercadoria pagando as horas de serviço" (op.cit.: 64).

O autor menciona inclusive as trocas de vales por utilidades no armazém da cooperativa. Os trabalhadores da Companhia Henrique Lage não chegavam a receber os seus salários em dinheiro, mantendo uma dívida na cooperativa e, assim, criando um vínculo perpétuo com o patrão, como tão bem lembra o senhor Mário (hoje com 65 anos):

"A Companhia Docas de Imbituba chegou a atrasar o pagamento por um ano. O sistema era chamado de 'regime do vale do barracão', porque eles diziam que não tinham dinheiro, então davam um vale usado na Cooperativa dos empregados. O operário com o vale, retirava o charque para 'fazer dinheiro' vendendo no comércio este charque. Eles ficavam 6, 8 meses e até um ano sem o pagamento. O meu irmão trabalhava na Cooperativa, diziam que a Cooperativa era dos empregados, mas quem nomeava o presidente da Cooperativa eram os chefes da Companhia Docas."

Estes "detalhes da história" não foram percebidos por Veiga Miranda, o qual nos dá uma outra rara descrição da

propriedade de Henrique Lage, pois tudo: as terras, a cerâmica, o porto, a estrada de ferro, lhe pertenciam.

"Vista com atenção, a officina typografica, regularmente aparelhada, onde já se imprimiu um jornal (referindo-se ao jornal Imbituba, editado de 1924 a 1930), e onde se estava compondo um livro de versos ... Entende o boníssimo Dr. Alvaro Catão que às musas também se deve estender o beneficio do cooperativismo, e assim proporcionar a um estreante local o lançamento das suas rimas. O forte, porém dos trabalhos graphicos, estranhos às obras das empresas Lage, consiste nos 'boletins' das associações operárias. Não boletins subversivos, proclamações rebeldes ou gritos de parede. Isso não há; e não há porque não aparecem motivos para a proliferação de semelhante fauna. Os avulsos impressos são invariavelmente amistosos. (...)" (op. cit.: p.65 - grifo meu).

A bibliografia sobre a região de Imbituba ainda é marcada pelo arrolamento de dados, descrição factuais e, sobretudo, pautada na figura de Henrique Lage, o benfeitor. Esqueceu-se, esta história, dos figurantes que trabalhavam no calor do forno da cerâmica e daqueles que construíram a cidade, possibilitando a "grandiosidade" da Companhia Henrique Lage. Nesta medida, a leitura do livro de Manoel Alves Ribeiro, o "seu Mimo", serve de contraponto à visão ufanista e unilateral de textos como o de Miranda, pois aponta elementos para uma outra leitura dessa mesma realidade. Ao contar sua vida, "seu Mimo" relata a história do Partido Comunista em Santa Catarina. Segundo ele, já existia, no início do século, discussão e organização da classe operária (30) neste Estado e, mesmo que ainda tênue, negligenciá-la seria um erro político a serviço da história das elites patronais.

"Os navios do Lloyd aportavam constantemente em Florianópolis e grande parte da tripulação participava de organizações revolucionárias. Através desses companheiros começamos eu e Alvaro a receber um jornalzinho chamado "Plebe", que era editado em São Paulo, pelo movimento anarquista" (Ribeiro, s/d: p.8).

E sabido que ao porto de Imbituba chegavam desde o início do século os navios da Companhia Nacional de Navegação Costeira e Lloyd Nacional. Este intercâmbio de experiências e visões de mundo entre os marinheiros e os trabalhadores da Companhia Docas fazia com que adentrassem Imbituba idéias que questionavam o **statu quo**. A história registrada até então nos livros é diferente daquela lembrada por uma parcela de velhos trabalhadores de Imbituba, como é o caso do senhor Mário, que nos conta em forma de verso:

"Em 1715 Imbituba foi fundada,
Naquela tempo ainda não era Catão quem mandava
Depois é que veio Catão e Henrique Lage armador
e acabou-se a liberdade do humilde pescador. "

O poder da Companhia, em Imbituba, era tão grande que não apenas os cargos eletivos (prefeito e vereador) eram garantidos através do seu poder de compra, como também os funcionários de carreira do Estado eram escolhidos pela empresa. E o Sr. Mário continua:

"A Cia. Docas nomeava o delegado, um dos últimos delegados colocado pela Cia. Docas se chamava Peruano. Foi daí que eu fiz uma outra quadrinha assim:
No tempo de seu Carvalho, do seu Sávio e Peruano
o pagamento atrasava de seis meses a um ano."

Segundo o Sr. Mário, os gerentes da Companhia Docas - Sávio e Carvalho -, contavam com o delegado Peruano, que, através de seu poder de polícia, obrigava os trabalhadores a submeterem-

se à ordem vigente (no caso significava aceitar o "regime do vale do barracão").

Porém, na memória do trabalhador Mário havia pessoas que lutavam contra o mandonismo do patrão:

"Um operário importante que deve ser lembrado é o Vitor Dutra, um líder operário que ajudou na formação do sindicato das Docas e da Estiva junto com Eustáquio Cavalcante. Os chefes da Companhia perseguiram e impediram como puderam a construção do sindicato. O Vitor Dutra e seus companheiros eram perseguidos pela Companhia. Muito é dito que o Getúlio falava nos discursos para o trabalhador formar sindicato, mas ele e seu chefe de polícia - Felinto Müller - mandavam prender os sindicalistas. Naquela época bastava falar em reforma agrária que já era chamado de comunista. Aqui a Companhia Docas fez de tudo para não criar sindicato. Depois a cerâmica também fez de tudo para não formar sindicato (sic)(31). Mas com os sindicatos criados, a cerâmica e as Docas passaram a ter pessoas de confiança dentro do sindicato, Jucemar, Luis Dário, Nilson Alves, para citar alguns. Até pouco tempo só eram eleitos para o sindicato e para vereador os representantes do patrão: Docas e Cerâmica."

Como já foi dito anteriormente, para este mesmo entrevistado, Mario Texeira, a criação do município de Imbituba, em 24, foi um arranjo dos "Catão" para que Imbituba ficasse "na mão deles mesmo, dominando o município, criando Imbituba". E, desta forma, ele mostra como os patrões preservam seu domínio político:

"Com uma indicação do vereador João Pamato, Imbituba iria construir a primeira escola pré-primária, os vereadores aprovaram. O Moacir Orige (prefeito pelo PTB) queria fazer a compra dos utensílios para a escola. Então o Nilson Alves (vereador eleito com o apoio da Cerâmica) deu um recado na Câmara: O Dr. João Rimsa mandou dizer para deixar o Jardim de Infância com ele. Na verdade, a Companhia Docas e a Cerâmica procuravam dominar - manter domínio político - de qualquer maneira. O primeiro que quisesse fazer alguma coisa para o povo com o dinheiro público, eles aí se apresentavam como se fossem bonzinhos. Criou o Jardim de Infância "Comendador João Rimsa", mas cobrando uma

taxa. Até hoje não tem uma escola pré-primária pela Prefeitura."

Uma das maneiras pelas quais a Companhia Docas e a Indústria Cerâmica de Ibituba estabeleceram hegemonia política no município já foi antes lucidamente relatado. O controle do município era exercido com base no princípio "dando antes que seja exigido", isto é, construindo aquilo - que era exigência da comunidade - antes que a população se tornasse independente. Criam-se, desta forma, vínculos poderosos de favores, gerando uma verdadeira teia de clientelismo. Ainda hoje, em todas as famílias do município (incluindo Ibituba), sempre há uma ou mais pessoas que "devem um favor" aos representantes da elite imbitubense. Deste modo e como consequência do clientelismo, não se pode ir contra a política dominante, espalhando críticas. Os que assim fazem acabam sendo punidos de alguma forma, pois os líderes locais continuam ocupando praticamente todos os espaços sociais.

Contraditoriamente, a criação da Indústria Carboquímica Catarinense S/A - ICC (32) em pleno período da ditadura militar, uma estatal dirigida por generais, que enriqueceu muitas empreiteiras e gerou muita poluição no município, foi responsável por uma certa "quebra de hegemonia" das Docas e da Cerâmica. No caso da ICC, não existia um patrão personificado, o patrão era o Estado. Assim, a ICC, que prometeu progresso e emprego para a população (que não ocorreu), possibilitou emergir um sindicato não atrelado ao patrão, apoiando outros grupos de trabalhadores, como no caso dos sindicatos da Cerâmica e das Docas, anteriormente controlados pelos patrões.

O processo de construção da ICC foi traumático para a população. Todos os moradores que viviam perto do porto (FOTO 07) foram "indenizados" e transferidos para uma região nunca antes habitada (33). A esse novo local a população passou a chamar de Divinéia. Em sua maioria, as pessoas aceitaram (34) pacificamente ser expropriadas de suas moradas à beira-mar, onde muitos pescavam. A nova região era íngreme, pois sofrera terraplenagem de forma abrupta.

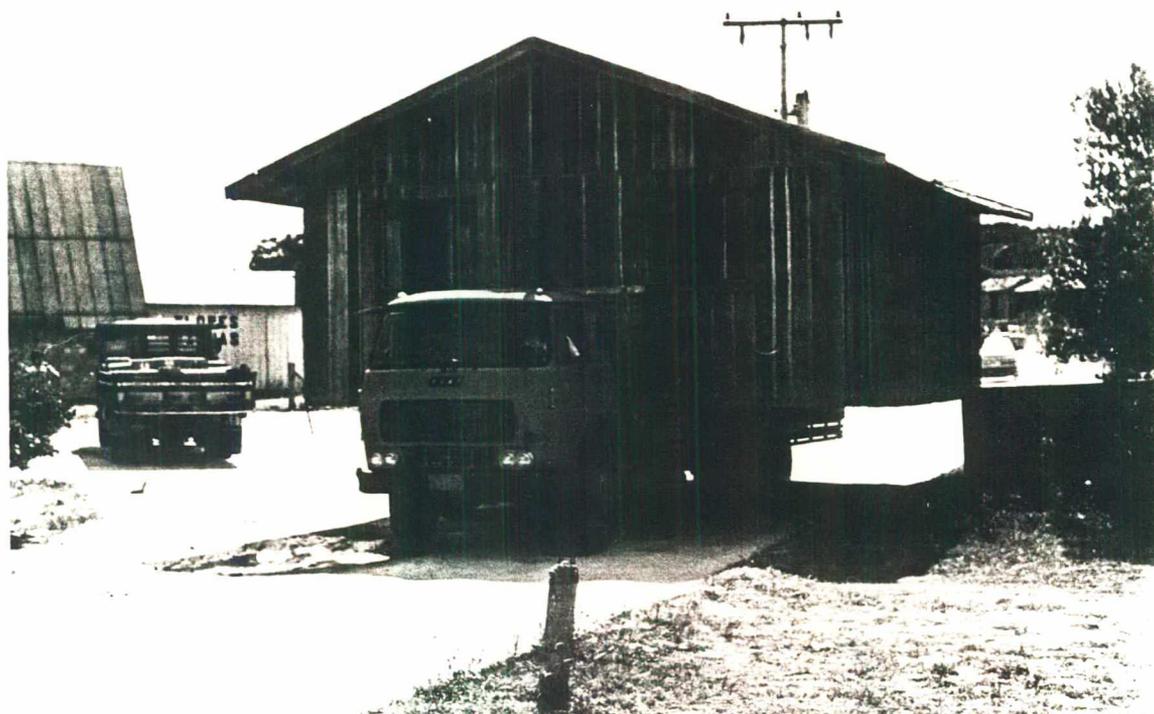
Segundo os moradores, lembrando aquela época, suas casas foram transportadas inteiras em cima de caminhões (FOTO 08). Quando chovia, rolavam imensos barrancos de terra, pois a empresa não aguardou que a infra-estrutura do bairro ficasse pronta, transferindo antecipadamente as casas e os moradores para o futuro bairro da Divinéia. Em consequência dessa pressa, muitas casas desmoronaram, estradas foram destruídas; faltava luz e água.

Hoje Divinéia é o terceiro colégio eleitoral de Imbituba, foco de disputas e muita compra de voto, mas também centro de discussão e crítica ao que está dado como verdadeiro e perene. Permaneceu ali o tradicional da política imbitubense, isto é, a Indústria Cerâmica e a Companhia Docas gerando o "paternalismo alienante". Porém, a experiência de saírem da beira do mar, onde viveram toda uma vida, de onde muitos tiravam o sustento como pescadores (35), propiciou um aprendizado e consequentemente a formação de focos de resistência. Um dos fatos que ilustra esta nova visão relaciona-se com o momento em que a população de Divinéia deixou de ir à Paróquia Central, próxima de suas antigas moradas, e em mutirão construiu uma nova paróquia.

ESCOLA ABANDONADA DEVIDO A CRIAÇÃO DA ICC - FOTO 07



TRANSFERENCIA DE CASAS POR CAMINHAO E UMA TRADIÇÃO - FOTO 08



Segundo João Batista, jovem de 27 anos morador de Divinéia, foi uma das primeiras vezes em que a população, sem interferência da Companhia Docas ou da Cerâmica, se organizou, assumindo e decidindo entre eles mesmos:

"A nossa igreja antes era a Matriz, a gente só ia assistir, não participava. Aqui, bem no início fizemos um salão improvisado, onde começamos a nos reunir para fazer as celebrações e promoções. A construção da igreja em forma de mutirão foi criando lideranças. Ainda hoje existem comunidades que são usadas pelos poderosos (são 29 capelas em Imituba e umas 15 foram feitas pela Docas e pela Cerâmica), a nossa capela tem total autonomia pois fomos nós mesmos que fizemos."

João Batista participou como candidato a vereador, pelo Partido dos Trabalhadores na eleição de 1992. Sobre a consciência política dos imbitubenses ele assevera:

"Eu pensava que hoje em dia já não era admissível pela população a compra do voto. Dizia: vai existir, mas não vai ser significativo. Que ingênuo que eu era, pensava que uma minoria de eleitos seriam pela compra de voto. Nas últimas eleições ficou evidente que todos que foram eleitos em Imituba, foi através da compra ou da 'ajuda' (que não é com dinheiro, mas com material ou favores)."

João Batista completa seu raciocínio, apontando a possibilidade de mudança, na medida em que acredita no discernimento da população:

"Imbituba continua em plena era do clientelismo e da compra de votos, mas em 89, quando da eleição presidencial, que o dinheiro e favores não estavam em jogo, o eleitor pouco pressionado decidiu por ele mesmo, ele soube discernir. Imituba votou em massa no Lula no segundo turno, eu ouvia as conversa, as pessoas conseguiam perceber o engodo do Collor. Já numa eleição mais próxima eles nem partem para analisar, já têm seus votos marcados."

As conclusões iniciais, diante de todos os aspectos que foram relatados, encaminham uma reflexão sobre a forma como a

elite dominante-governante vem se mantendo no poder durante este século em Imituba. Observa-se que os empresários, mesmo fazendo críticas ao governo, alegando serem neo-liberais e contra a intervenção estatal, trabalham atrelados ao Estado. E, por esta razão que Henrique Lage e seus discípulos, em Imituba, pertenciam, antes da década de 30, ao Partido Republicano (partido da situação) e combatiam criticamente a Aliança Liberal (36). A partir de 1945 filiaram-se ao PSD, assim permanecendo até 1950. Em 1950, com a ascensão da UDN ao governo do Estado, houve divisões no interior da elite imbitubense, ou seja, entre os responsáveis pelo funcionamento e gerência das empresas Docas e Cerâmica, numa estratégia política (que não vem ao caso discutir se consciente ou não), entretanto mantendo o objetivo da perpetuação no poder. Unem-se no final da década de 60 à ARENA (é bem verdade que ARENA 1 e ARENA 2). Hoje, em Imituba o PFL e o PPR (antigo PDS) continuam vitoriosos nas eleições, com o "eterno" apoio das potências econômicas imbitubenses, Indústria Cerâmica e Companhia Docas.

NOTAS :

(1) A barra da lagoa não abre naturalmente, sendo necessária a ajuda humana. Através de relatos dos moradores - os quais serão trabalhados mais adiante - o local de ligação com o mar e o momento de abri-la sempre foi motivo de discórdia e brigas na localidade.

(2) A construção da BR 101, no trecho de Santa Catarina, ocorreu no final da década de 60 e início de 70, sendo um fator decisivo para o desenvolvimento turístico da região.

(3) Os jovens do lugar fazem um trocadilho chamando Ibiraquera de "i-buraquera", devido ao descaso do governo municipal em relação à conservação das estradas, lembrada apenas nos discursos e promessas das campanhas eleitorais.

(4) A ponte de Ibiraquera iniciou sua história no mutirão liderado pelo seu Roberto Texeira. Como a história de Ibiraquera está imbricada com a do clientelismo, a ponte foi sempre motivo eleitoral. Em todas as campanhas eleitorais, os candidatos vão a Ibiraquera e prometem uma ponte de concreto. No entanto, atualmente em razão da deplorável situação da ponte, o transporte coletivo que liga a região à sede do município é obrigado a fazer um trajeto três vezes maior, dificultando ainda mais a vida das pessoas.

(5) Imbituba foi pela primeira vez município independente de Laguna pela Lei nº 1451, de 30 de agosto de 1923; posteriormente foi suprimida sua autonomia, voltando a pertencer ao município de Laguna através do Decreto nº 1, de 6 de outubro de 1930 do Governo Provisório do Sul do Estado.

(6) Foi saindo do estudo específico da memória dos velhos de Ibiraquera e passando a pesquisar em jornais e documentos que nos defrontamos com a fase do florescimento de Imbituba, nas primeiras décadas deste século. Trataremos deste assunto mais adiante.

(7) Na época da chegada dos europeus, tanto a Ilha de Santa Catarina como o litoral fronteiro de São Francisco até Laguna estavam habitados. A população indígena tupi-guarani que vivia nesta área litorânea foi chamada pelos europeus de **carijó** (Santos, 1977: p.25). Estudos arqueológicos efetuados em inúmeros sítios pré-cerâmicos e cerâmicos oferecem base à afirmação de que a tradição cultural tupi-guarani provavelmente penetrou no atual território de Santa Catarina pelo Vale do rio Uruguai e só mais tarde teria chegado ao litoral.

(8) "Fartura que evidentemente atraía e provocava disputa entre

as populações (...) os carijós tinham chegado a esta região vindos da área do atual Paraguai" (Santos, 1977: p. 28)

(9) No final do século XVI, a Europa vivia um momento denominado didaticamente de Idade Moderna. Com o desenvolvimento do comércio e o crescimento das cidades em detrimento dos feudos, aumentava a necessidade de buscar mercadorias fora da Europa. O caminho até então conhecido pelos europeus, via Mediterrâneo, para chegar às Índias, maior centro fornecedor de mercadorias, estava sob a hegemonia de outros povos. Houve por parte das jovens nações o incentivo marítimo para desbravar novos caminhos. Não vem ao caso discutir se antes de 1500 outros povos, por exemplo os Vikings, já haviam chegado ou não à América. O que nos interessa neste momento é a influência hegemônica exercida pelos europeus a partir dessa época.

(10) Vilarejo dos mais antigos de Imbituba, onde aportavam famílias açorianas e madeirenses em 1752.

(11) Os documentos oficiais do município afirmam que Imbituba começou a ser colonizada em 1715 - "Em seu retorno ao Rio de Janeiro, após inspecionar os trabalhos de colonização em Imbituba, no ano de 1715, o Capitão Manoel Gonçalves de Aguiar havia recomendado ao Governador a instalação de armação para a pescaria baleeira" (Martins, 1978: s/p). Mas até então só foi localizada em livros de história a data de 1752 com a fundação da Vila Nova e Sant'Ana do Mirim por colonos açorianos e madeirenses (Piazza, 1987: 37). Por outro lado, Imbituba pertencia a Laguna que foi fundada por volta de 1684 (op. cit., 1987: p.30).

(12) Compõem o Arquipélago dos Açores as ilhas: São Miguel, Santa Maria, Terceira, Graciosa, São José, Faial, Pico, Flores e Corvos. Segundo Piazza "assinalam-se entre os povoadores de Santa Catarina e seu continente pessoas de todas as ilhas" (Piazza, 1992: p.113).

(13) Descrição detalhada sobre o tucum será feita em capítulo posterior.

(14) O fim do monopólio ocorreu através do alvará assinado pelo Rei em 1798: "Que da publicação deste alvará em diante, possam todos os negociantes portugueses, cada perci (sic) ou reunidos em sociedade, preparar e armar navios destinados a pescar baleias, e preparar seu azeite em alto mar, em toda e qualquer parte desde as costas dos seus reinos, até as do Brasil, e nas de Moçambique; podendo depois vender o azeite e as barbatanas debaixo das mesmas condições, que os atuais contratadores; ou seja, nos domínios de Sua Majestade, exportados para fora do Reino." (Laytano, apud Silva, 1992: p.50)

(15)Espermacete era empregado em produtos farmacêuticos, em velas e como âmbar, na perfumaria.

(16) Martins afirma que Imbituba mantinha empresas especializadas na pesca da baleia, até a proibição dessa atividade pela SUDEPE. Segundo depoimento de um empresário de pesca em Imbituba, Aldo Pittigliani, a última baleia que a sua empresa matou foi em 1973. (Martins, 1978: s/p).

(17)Bossle os enumera : Barão de Guilherme de Eschewege, que veio ao Brasil com a família real. Em 1832, pelo naturalista Selow; em 1833, por Alexandre Davidson; em 1837, Augusto Kersting; em 1838, pelo francês Guilherme Baulierch; e, em 1839, por Júlio Parigot. (1981: p.15)

(18) Pelo acordo assinado, o Visconde teria de iniciar, dentro de dois anos, a construção da estrada de ferro.

(19)As "pedras que ardiam" e a estrada de ferro foram atraindo gente para o sul de Santa Catarina. Criciúma foi fundada por 31 famílias de italianos, em 1880. Porém, o carvão só passou a chegar por trem a Imbituba na década de 20. Antes disso, em Criciúma, os imigrantes italianos dedicavam-se à agricultura.

(20)Segundo Bossle, a firma Lage & Irmãos "aos poucos ganhava novos mercados e diversificava seus negócios", entre eles comércio de café, sal, navegação costeira, estendendo seus negócios em 1887 para o sul com a "aquisição dos terrenos carboníferos do sul de Santa Catarina" (1981: p.24-25).

(21)"As minas catarinenses possuíam a desvantagem de estarem afastadas dos portos que escoam o produto, dependendo da Estrada de Ferro Donna Thereza Christina para o transporte do carvão aos portos, e, de lá, aos mercados consumidores" (op. cit: p. 48-49). As minas de carvão situavam-se ao sul de Santa Catarina, região de colonização italiana.

(22) O geólogo americano Dr. White, convidado pelo presidente Rodrigues Alves e pelo Ministro da Viação e Obras Públicas, Lauro Müller, ao vir para o Brasil para realizar experiências, em seu relatório afirma: "O carvão de Santa Catarina é muito pobre, contendo muita umidade, oferecendo mais vantagem como gerador de energia, quando convertido em gás." (op. cit. 1981: p.28) Este tipo de carvão catarinense de baixa caloria, para ser usado em locomotivas ou geradores construídos para queimar carvão tipo "cardiff" inglês, necessitava adaptação, para reduzir seu teor de gás.

(23) Em 1920 a população de Imbituba era de 18.574 habitantes. O censo de 1992 apurou em Imbituba 30.565 habitantes. A taxa de

crescimento populacional hoje em Imbituba é de 2,07% ao ano. Nestes 70 anos que se passaram, a população de Imbituba não teve o crescimento esperado, pois se tivesse mantido aquele ritmo estaria hoje com uma população superior a 67.194 habitantes.

(24) Segundo Lenzi, em janeiro de 1926 ocorreu uma célebre convenção do Partido Republicano, a qual rearranjou o Partido, visando aumentar sua força política no Estado: "Entre palmas, alegrias e unanimidade, foi eleita a Comissão Diretora do Partido (todos com 57 votos, segundo a ata em nosso poder): Cel. Antonio Pereira da Silva Oliveira (este aliás, com 58 votos), Dr. Victor Konder, Dr. Ulisses Alves da Costa, Cel. Raulino Júlio Adolfo Horn (com também 58 votos), (...) Dr. Alvaro Catão Monteiro de Barros" (Lenzi, 1983: p.106).

(25) No período 30-35 os interesses liberais, com força política insuficiente e pouca clareza nas propostas, encontravam-se em luta com a tendência totalitária dos grupos modernizantes. Este último grupo foi visto por Werneck Vianna como aquele que assumiria a via prussiana de desenvolvimento. Este período é turbulento e a sociedade civil manifesta diversos interesses (ANL, AIB, Tenentismo, entre outros), daí o motivo de os setores dominantes do país apoiarem sem muita relutância o Estado ditatorial de 37. A conjuntura mundial contribuiu para a ascensão do Estado Novo de Getúlio, o qual estabelecia, por um lado, analogia simbólica com o fascismo e com o nazismo e, por outro, analogia econômica com o fascismo corporativista italiano; ainda que o corporativismo brasileiro não se equiparasse ao italiano, era suficiente para imobilizar as classes, impedindo-as de participação na luta de interesses.

(26) Sobre o assunto ler: **Estado e Planejamento econômico (1930-1970)** de Otávio Ianni; **O Populismo na Política Brasileira**, de Francisco Weffort e **Liberalismo e Sindicato no Brasil**, de Luiz Werneck Vianna.

(27) Veiga Miranda descreve um almoço oferecido a Henrique Lage em Laguna em 1933: "Estavam ainda bem vivas, em Santa Catharina, as feridas da Revolução de 30; havia vencedores e vencidos. Os antigos dominadores, partidários do falecido Hercílio e dos Konder, haviam-se vistos suplantados pelos adeptos da Aliança Liberal. E pela primeira vez iriam aparecer lado a lado, numa confraternização momentânea, sim, mas apesar de tudo surpreendente, numa tréguia aos sentimentos, acotovelando-se as massas numa passeata de rua, sentando-se os chefes na mesma mesa de almoço" (Miranda, 1933: p. 82).

(28) Bossle, no seu livro **Henrique Lage e o Desenvolvimento Catarinense**, conclui no último parágrafo: "Henrique Lage apoiou-se no nacionalismo econômico, tentando por este caminho promover o estabelecimento da indústria siderúrgica no Brasil. Pela

fraqueza do próprio sistema brasileiro, pela oposição de outros grupos e pela ausência de uma estruturada via de transporte, este nacionalismo somente obteve resposta no regime Vargas" (1981: p.70).

(29) Em 1940 Getúlio comemorou a invasão da Alemanha em Paris (queda da democracia liberal). Defendera a neutralidade visando a vantagens econômicas e a balança comercial brasileira atingiu essa vantagem - exportava mais do que importava. Contudo, no final da guerra, a Europa destruída não tinha condições de saldar suas dívidas. Durante o Estado Novo, vultosos investimentos privados de capital americano são aplicados no Brasil. Nessa fase nacionalista proibiam-se empresas estrangeiras de concorrer com empresas nacionais. Esse período de guerra de total intervenção na iniciativa privada afetou os negócios de carvão de Henrique Lage (vide nota 28).

(30) "Em 1922, sob a influência da Revolução Socialista da Rússia, foram fundadas em quase todas as capitais dos estados brasileiros ligas operárias. Em Florianópolis foi criada a Liga Operária e a União Operária" (op. cit.: p.7).

(31) A formação do Sindicato da Cerâmica ocorreu em 1954, um ano após a criação do Sindicato dos Portuários e da Estiva, sob as ordens e a serviço dos patrões. Veio a transformar-se num sindicato combativo somente em 1989.

(32) Em 16 de junho de 1969, por determinação ministerial, a Siderúrgica do Estado de Santa Catarina - SIDESC teve seu objeto social alterado, dando surgimento à Indústria Carboquímica Catarinense S/A - ICC, a qual visava implantar, junto ao porto de Imbituba, um complexo industrial para a produção de ácido sulfúrico e fosfórico. A ICC tinha por finalidade aproveitar o rejeito do carvão, da zona carbonífera do sul catarinense, tendo como matéria-prima a pirita carbonosa e a rocha fosfórica de Anitápolis (SC), o que não ocorreu até hoje. Primeiramente recebeu rocha importada de Marrocos e posteriormente o concentrado fosfático de Goiás, elevando a preços altíssimos o processo, devido aos altos custos do transporte. (Documento ICC, janeiro de 1993).

(33) Eram várias as comunidades desapropriadas: Barracão da Baleia, Cancha, Praia e Guada.

(34) Ocorreram apenas casos isolados, que se negaram a aceitar a indenização imposta pela CODISE (companhia responsável pela desapropriação).

(35) A história de Divinéia e de Ibiraquera têm muito em comum. Ambas as populações eram de pescadores e saíram da beira do mar em decorrência das imposições do capitalismo. A primeira para dar espaço à construção de uma indústria química. A segunda devido à indústria do turismo. Estas duas populações do mesmo município, em momentos distintos, adaptam-se à nova ordem, pois o dilema é optar entre submeter-se ao trabalho assalariado ou render-se à marginalização.

(36) "Convenha-se que a ideologia dos aliancistas não era muito distinta do situacionismo republicano. A disputa desenvolvia-se em torno do poder e não apresentava programas reformistas. (...) Vidal de Oliveira Ramos (então deputado federal) e seu filho Nereu Ramos fundaram e comandavam a Aliança Liberal em Santa Catarina (...)" (Lenzi, 1983: p.94)

CAPITULO 2
AS MULTIPLAS SINGULARIDADES

"Da minha aldeia vejo quanto da terra se
pode ver no Universo...

Por isso a minha aldeia é tão grande
como outra terra qualquer"

(Fernando Pessoa, 1980).

2.2. TRAVESSIA DAS LETRAS

"o homem moderno não pode somente aprender a língua, conhecer o campo - deve conhecer todas as coisas, (...) ser contemporâneo a sua própria época, ou seja, saber que vive num mundo altamente cientifizado, tecnologizado" (Manacorda).

CAPITULO 2 - AS MULTIPLAS SINGULARIDADES

A riqueza contida na idéia da palavra múltiplas possibilita a apreensão das diversas facetas da realidade de Ibiraquera. As singularidades referem-se às especificidades, fruto de múltiplas determinações e produzidas historicamente na localidade.

Este capítulo está subdividido em fragmentos da realidade, que por sua vez apresentam elementos de coesão, constituindo dois aspectos da mesma questão: as singularidades de Ibiraquera. O primeiro pretende captar as especificidades culturais vividas em Ibiraquera. O segundo busca historiar a escola e a educação existentes, possibilitando o elo de ligação entre o singular ibiraquerense e o universal.

2.1. Buquê de Singularidades

2.1.1. Antes da Chegada do Estrangeiro

"EDITAL - Faz saber aqueles que este virem ou dele noticias tiverem que pretendem casar-se Francisco Marcellino Marques e Dona Rita Marcellino de Jesus. O contraente tem 25 anos de idade, é solteiro, domiciliado e residente em Biraquera deste município, filho legitimo de Marcellino Francisco Marques e de Custódia Maria de Jesus, também domiciliados e residentes no mesmo lugar, e a contraente é solteira, tem 24 anos de idade, domiciliada e residente em Biraquera, filha legitima de Leodoro Manoel Feliciano e de Marcelina Candida de Jesus, domiciliados e residentes naquele lugar. Apresentaram os documentos exigidos pelo Código Civil, em devida forma (...) lavro o presente, que será afixado no lugar do costume e publicado pela imprensa." (Jornal Imbituba, 10 de janeiro de 1925)

Este edital de casamento é uma das raras menções a Ibiraquera (que era chamada de Biraquera), noticiado em jornal no

início do século, e surpreende, pois costumeiramente a população simples não é notícia para a imprensa(1).

Com a Proclamação da República (*res publica* em latim significa coisa pública), a secularização do Estado tornou obrigatórios os registros civis de nascimento, de casamento, entre outros, em detrimento dos registros religiosos. No mesmo jornal, mas em data anterior, de 28/09/1924, é noticiado um veto do Presidente Arthur Bernardes à resolução "que admitia o registro civil sem multa até 31 de dezembro de 1925, dos nascimentos ocorridos desde 1889".

Partindo destas notícias, podemos inferir alguns fatos: primeiramente, que apenas as famílias detentoras de dinheiro - papel moeda - é que iam ao cartório fazer registro de casamento ou de nascimento; e em segundo lugar, a importância crescente que passavam a ter os registros civis, na sociedade brasileira. Mesmo casais jovens, analfabetos, agricultores e pescadores, que pouco manipulavam o dinheiro, chegavam a realizar o casamento civil.

Mencionar a existência deste edital de casamento é muito significativo, justamente por ser um fato extraordinário. Ainda hoje, em Ibiraquera, o casamento dos jovens realiza-se no ato de "fugirem", indo o casal dormir na casa de uma pessoa que, simbolicamente, será o padrinho que "abençoa o casamento". O casamento civil ocorrerá posteriormente, geralmente quando é ano de eleições e os políticos fazem o "favor" de registrá-lo no cartório. Os registros em cartório são "inúteis" e caros para os moradores da zona rural, daí a surpresa com o edital de casamento do seu Francisco com Dona Rita encontrado no jornal. Dessa união

celebrada no início do ano de 1925, resultaram doze filhos e muitos netos. Há menos de dez anos morreram, depois de muito viver e trabalhar em Ibiraquera. O fato curioso que gostaria de registrar é que seu Francisco e dona Rita moravam no engenho onde residem atualmente. Engenho, palco das antigas domingueiras e que hoje acomoda, ao lado da antiga prensa da farinha, um computador, possibilitando assim a elaboração deste trabalho.

Ibiraquera é um lugar de muita história que até hoje não tinha sido escrita, sistematizada. Muitos dos dados presentes neste trabalho originam-se dos relatos orais das lembranças dos velhos moradores no local:

"Nós iam muito lá no Porto Novo, quando o vô Ferreira era vivo. Ele era guarda de linha. Só tinha a linha do arame, não tinha estrada. A linha do arame era um poste de ferro com aqueles canecos, com aqueles fios. O avô Ferreira pegava do Mirim à Palhoça, a cavalo, vendo se os fios estavam bem. Eram fios de telégrafo. Só depois de muito tempo veio o correio, o rádio. Quando passou o primeiro avião o povo quase morreu. Passou pelo morro. Quando ouvi rádio eu era solteira. Eu me casei em 1930. Era uma festa ouvir o rádio, ninguém sabia, a gente ia ouvir aquelas músicas bonitas; era a bateria que funcionava" (Dona Tomázia, nascida em 1907).

Ibiraquera desenvolveu-se a partir de alguns núcleos familiares e, assim, atualmente a grande maioria das pessoas do lugar apresenta alguma relação de parentesco: primos, tios, genros ou compadres(2). Segundo várias entrevistas, as famílias Teixeira e Souza deram origem ao vilarejo hoje conhecido por Teixeira (ver mapa).

A praia do Rosa (3), que pertence à região de Ibiraquera, era habitada por duas grandes famílias: a família

Marques (do edital de casamento citado) e a família Rosa. Esta última, durante a década de 70, na figura do senhor Dorvino Rosa, casado com Dona Eugênia Marques Rosa, recebia no seu engenho muitos jovens gaúchos que vinham passar as férias na praia, inicialmente isolada. Foram esses gaúchos que começaram a divulgar a praia do Rosa.

Antigamente a região conhecida como Porto Novo (em função da presença de um porto de pesca artesanal) era freqüentada regularmente pela população local. Ressalte-se que essa região encontrava-se contígua à Praia do Rosa. Nos dias atuais a crescente popularidade dessa praia obscureceu a existência do Porto Novo. Muitos velhos de Ibiraquera, ainda hoje vendo tantos carros com pranchas de surf, em direção à Praia do Rosa, ficam surpresos com o movimento, sem saber onde fica essa "tal" praia. Eles só lembram dos tempos da sua mocidade, quando puxavam arrastão no Porto Novo ou participavam dos ternos de reis realizados no famoso engenho do seu Francisco e da dona Rita (os mesmos do edital), que serviam as melhores roscas de polvilho da região.

2.1.2. No Inverno Retoma-se o Cotidiano

Ainda hoje a vida em Ibiraquera fora de temporada é muito tranqüila (FOTO 09). De maio a agosto o período é caracterizado pela pesca da tainha (quando os homens vão para os ranchos de pesca e ficam à espera dos cardumes) e pela produção da farinha.

2.1.2.1. O trabalho anfíbio

Franklin Cascaes denominou os colonos açorianos e madeirenses, aos quais Ibiraquera deve sua origem, de "Colonos Anfíbios", pois ora trabalhavam na terra, ora no mar. A pescaria se estabelece por ciclos, conforme as estações. De maio a junho ocorre a pesca da tainha. Nesse período, a pesca do arrastão faz com que os pescadores deixem suas pequenas lavouras para se estabelecerem nos ranchos das canoas. Durante dois meses os homens ficam no rancho (FOTO 10), comendo, dormindo e aguardando o momento em que o vigia dará o sinal, através de um apito, comunicando que é hora de "cercar". Entre os pescadores, vigia é aquele que tem a incumbência especial de vigiar os cardumes, observando que tipo de peixe é e em que momento e de que maneira vai ser apreendido.

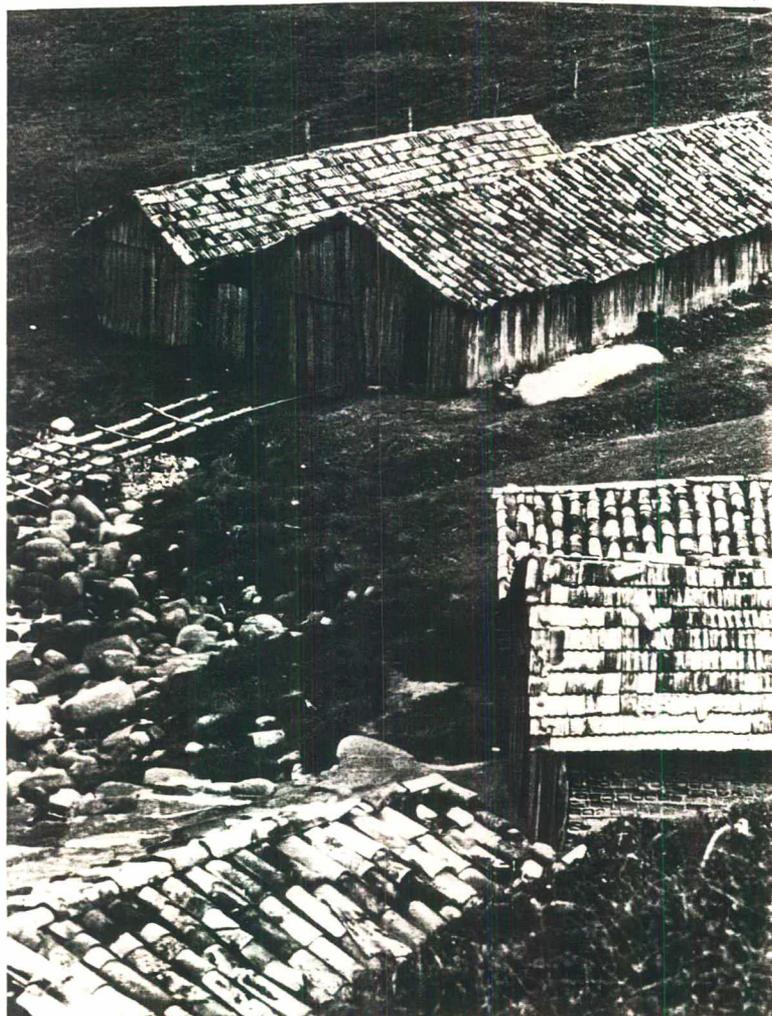
O arrastão é uma pesca artesanal. Em Ibiraquera, a pesca de beira-mar em forma de arrastão ocorre principalmente na época da tainha (FOTO 11 - A e B) e em menor intensidade na pesca da anchova. Como já foi dito, a pesca artesanal do arrastão exige o trabalho de muitos homens: um vigia em cima de um morro; o patrão que trabalha com o leme, guiando a canoa, orientado pelo vigia; o chumbeiro que tem a função de ir largando o chumbo da rede; e os remeiros. No caso das canoas de Ibiraquera, são quatro remeiros; já em outros lugares existem canoas de até seis remeiros.

A canoa sai da terra deixando uma das pontas do cabo e o chumbeiro vai largando a rede, retornando à terra com a outra ponta do cabo. Em terra, é necessário que haja no mínimo mais

DA LAGOA E DA LAVOURA SÃO EXTRAÍDOS MUITOS DOS ALIMENTOS DOS
IBIRAQUERENSES - FOTO 09



RANCHOS DE PESCA - FORTO NOVO (FOTO 10)



LANCE DE TRES MIL TAINHAS - PORTO NOVO (FOTO 11-B)



CONTAGEM E SEPARACAO DOS PEIXES (FOTO 11 - B)



seis homens para ajudar a puxar os cabos. A pesca do arrastão necessita ao todo de, no mínimo doze homens, fixos no rancho de pesca. Este é um "ritual" que se repete todos os anos. Ao assopro do apito do vigia ou no movimento maior de "rapaz pequeno" na estrada, as pessoas do lugar deixam o que estão fazendo e saem correndo para a praia, onde estão os ranchos de pesca. Vão ajudar a puxar a rede e ver se garantem a tainha para a refeição.

Quando são muitas as tainhas cercadas pela rede, pulam para fora da água. Para quem vê da praia é uma imagem linda, que mexe com a emoção. Ver aqueles peixes prateados ao longe, pulando acima do mar ...

Na época da tainha, quando sopra o vento sul e os pescadores conseguem cercar os cardumes, as casas de Ibiraquera as exibem penduradas em varais, secando ao sol, parecendo bandeirinhas com o reflexo da luz. Este será depois o peixe seco, também chamado de "peixe escalado" - um peixe limpo, salgado e seco ao sol -, um tipo de charque de peixe. O peixe escalado era a solução encontrada pela população para conservar o peixe quando ainda não havia luz elétrica. E a maioria das pessoas em Ibiraquera garante que o peixe escalado é mais gostoso do que o congelado. Também característico dessa época é o cheiro da tainha assada saindo dos fogões das casas por onde se está passando.

Todos os que ajudam a puxar a rede ganham peixes. Primeiro, as viúvas, as mulheres grávidas e as crianças, que voltam em seguida para a lida da casa, enquanto os homens ficam para recolher a rede. Cada dono de "parelha" (parelha neste caso, é o equipamento utilizado na pesca: rede, barco, rancho,

entre outros - vide glossário) tem um trato com a tripulação. Antigamente, era costume a metade do pescado ser do dono da "parelha" e a outra da camaradagem (a turma toda do rancho). Esta, por sua vez, fazia uma divisão entre eles: a turma da terra tinha direito a um "quinhão" (uma parte) e a turma da canoa recebia uma parte e meia. Nessa divisão, o vigia faz parte da turma da canoa, às vezes sendo mais bem remunerado que os outros integrantes. O trabalho do vigia é considerado um trabalho "especializado", não é qualquer um que tem bons olhos, que sabe diferenciar o tipo de peixe e orientar a turma para a melhor hora de ir cercá-lo. Um erro do vigia é fatal. Atualmente, a divisão do pescado é de uma parte para o dono da "parelha", e duas para a camaradagem.

Segundo o pescador Antônio Feliciano: "desde que eu me conheço por gente, existem pescadores que tarrafeiam por fora da rede do arrastão", isto é, enquanto o resto da população puxa a rede para ser depois repartida, o pescador ganancioso fica pescando os peixes que fogem do arrastão, beneficiando-se da perda dos outros. Esta atitude é vista com normalidade entre eles; os individualistas sempre existiram e inclusive o mutirão não é uma atividade onde todos queiram participar (4).

A pesca artesanal da tainha ainda hoje é uma realidade, porém com menos freqüência, pois os homens se encontram envolvidos em atividades assalariadas que tomam todo o seu tempo. Atualmente eles são empregados com vínculos e não dispõem mais de dois meses para pescar. Outro motivo que gradativamente reduz a freqüência da pesca artesanal é o desenvolvimento técnico dos

radares e sondas. Os barcos pesqueiros profissionais já são equipados com toda a tecnologia para detectar o peixe em mais de um quilômetro de raio de distância. Os cardumes de tainha saem do Rio Grande (RS) com as correntes quentes vindas da África, que levam as tainhas até Cabo Frio (RJ) para desovar. Os barcos profissionais, nesta corrida atrás do peixe, saem ganhando, não dando chance nem para o pescador artesanal que fica, no sentido literal, a "ver navios", muito menos para o peixe fugir. Com o decorrer do tempo, e tendo seqüência o processo atual de matança das tainhas ovadas, impedidor de sua reprodução, é provável que elas passem a existir apenas na nossa memória, como muitas outras coisas que hoje só permanecem na lembrança dos antigos moradores deste litoral.

Tanto na pesca coletiva do arrastão quanto na pesca individual (FOTO 12) utilizam-se redes. Segundo Albuquerque (1990), no litoral de Santa Catarina as tarrafas utilizadas na pesca individual são confeccionadas predominantemente por mulheres, porém em Ibiraguera as mulheres que teciam tarrafas eram e continuam sendo exceção, pois esse trabalho é visto como sendo função do homem. Os velhos pescadores lembram que, no tempo em que as chumbadas não vinham prontas para entralhar, derretiam num caldeirão de ferro barrinhas de chumbo para confeccioná-las. O trabalho feminino em relação à pescaria consiste em buscar marisco no costão, limpar o peixe ("governar o peixe") e secá-lo ao sol.

A prática pesqueira depende de fios, cordas e fibras, para a confecção de redes, tarrafas e espinhéis. Há menos de três décadas, o náilon não era conhecido na região e apesar de o

centro de Ibituba viver então grandes progressos, Ibituba e seus habitantes teciam as tarrafas com fibras naturais, dentre elas o tucum, fiado pelas mulheres (5). Dona Edite nos informa que, apesar de existir tucum na região, as mulheres, quando iam fiar, tinham de comprar as fibras em maço, pois a palha necessitava ser previamente curtida e este trabalho era feito em outra cidade. Segundo ela, tal material vinha de Laguna, que na época era sede do município e grande centro comercial da região. A fiação do tucum era feita no mesmo fuso que fiava o algodão e o gravatá (6). A roda de fiar (FOTO 13) era usada para torcer três fios de tucum já torcidos anteriormente no fuso, fazendo assim um único fio mais grosso.

Sobre a tarrafa de tucum, lembra seu Agripino :

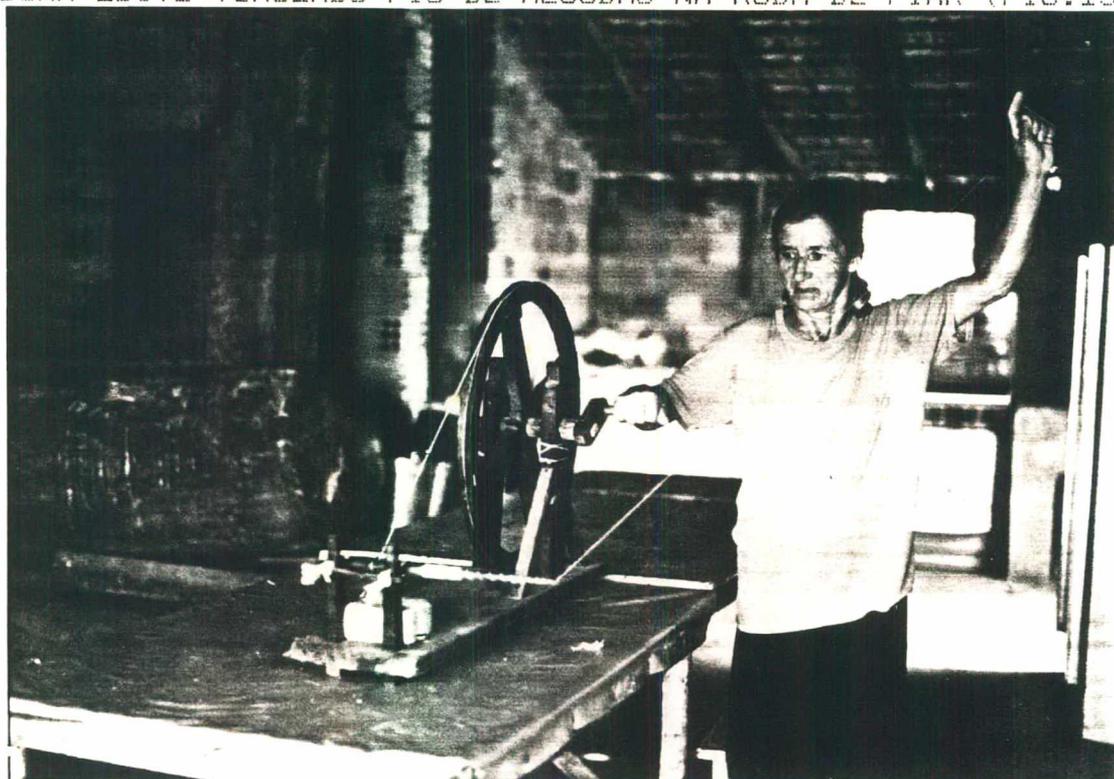
"A minha mãe era exímia fiadeira de tucum. Para fazer tarrafa, comprava-se o tucum em fibra. A quantidade certa para fazer a tarrafa era 1/2 kg de tucum. Ela fiava e cobrava do dono do tucum o seu trabalho de fiar. Comprava-se o tucum, a fiadeira fiava com o fuso de mão e nós, os tarrafeiros, confeccionávamos as tarrafas." (Entrevista feita com seu Agripino, senhor de 64 anos, que estudou fora e é professor).

Os produtos resultantes das diversas atividades artesanais visavam basicamente à subsistência das famílias do lugar, mas havia comercialização, ainda que em pequena escala. A comercialização do peixe ocorria tradicionalmente a partir do seu transporte em carro de boi até a estrada, onde era colocado em caminhões e conduzido para as cidades. Após a construção da ponte e das estradas, facilitando o acesso a Ibituba, amenizou-se o trabalho de transportar os peixes através dos carros de boi. Os pescadores ainda precisavam, entretanto, dar "graças a Deus" por

SEU ZE TARRAFEANDO NA LABOA DO SACO - IBIRAQUERA (FIG.12)



DONA EDITE TORCENDO FIO DE ALGODÃO NA RODA DE FIAR (FIG.13)



de tarrafadas vale mais dinheiro do que um saco de farinha que levou dois anos (7) para ser fabricado e é por isto que, apesar de continuar "farinhando", o entusiasmo deles é menor. As crianças e os velhos são considerados "desqualificados" pelos padrões da sociedade capitalista, talvez seja esta a razão que os mantenha na perpetuação deste trabalho artesanal. Embora essa atividade seja rica em detalhes, na qualidade do produto e na troca de experiências da vivência comunitária, é bastante pobre nos lucros monetários.

Crianças e velhos raspam com facas a mandioca para tirar-lhe a casca (8), sentados em banquinhos em volta dos montes do produto trazidos de carro de boi (FOTO 14) e descarregados no meio do engenho. E é nesse ambiente que todos brincam, os mais velhos relembram e ensinam os mais novos através de aforismas populares como este, lembrado pela vó Edite:

"Trabalho de rapaz pequeno é pouco,
mas quem não aproveita é louco !"

Os engenhos de farinha de mandioca (FOTO 15) ficam todos funcionando de maio a agosto. Quem passa de fora já vê ao longe o engenho branco do pó da farinha que sobe e pinta as telhas. As pessoas que trabalham na feitura da farinha também ficam todas brancas. Os velhinhos e as velhinhas ficam mais velhinhos ainda com os cílios, sobancelhas, cabelos, enfim, todo o corpo branco do pó produzido ao torrar a farinha (FOTO 16).

Os engenhos característicos deste lugar que estamos descrevendo é o de centro, também chamado em Ibiraquera de "monte de engenho". Na Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, recebe o

conseguirem intermediários que comprassem o peixe pelo preço que impunham...

A pesca do camarão também é sazonal e sua comercialização ocorre através de vários intermediários do lugar. Trata-se de pessoas de maior poder aquisitivo, que possuem carro, o que lhes permite passar de manhã nas casas dos pescadores e adquirir o camarão pescado durante a noite. Os pescadores têm um vínculo-obrigação que direciona a venda para um só dos intermediários. Este vínculo muitas vezes é criado porque o intermediário financiou a rede ou é compadre e amigo do pescador. Entretanto, o preço do camarão é sempre estabelecido pelo intermediário. Observa-se que a maioria desses intermediários tem uma função política no lugar: são cabos eleitorais de algum partido ou de algum político.

2.1.2.2. A Feitura da Farinha

A farinha é produzida em Ibiraquera geralmente nos meses de maio a agosto, período em que a rama da mandioca está madura e hibernando, isto é, sem folhas. O trabalho é de mutirão, exigindo a ajuda de muitas pessoas e, como foi dito anteriormente, é um momento de muito sacrifício que se abrandava pelo simultâneo clima de festa e de alegria.

Ainda hoje nessa época se observa um intenso convívio entre as pessoas, mesmo que os jovens estejam menos presentes. As crianças atuam com grande entusiasmo e os mais velhos continuam na lida da farinha, embora com menos entusiasmo. Os idosos já sabem que um quilo de camarão retirado da lagoa em algumas horas

de tarrafadas vale mais dinheiro do que um saco de farinha que levou dois anos (7) para ser fabricado e é por isto que, apesar de continuar "farinhando", o entusiasmo deles é menor. As crianças e os velhos são considerados "desqualificados" pelos padrões da sociedade capitalista, talvez seja esta a razão que os mantenha na perpetuação deste trabalho artesanal. Embora essa atividade seja rica em detalhes, na qualidade do produto e na troca de experiências da vivência comunitária, é bastante pobre nos lucros monetários.

Crianças e velhos raspam com facas a mandioca para tirar-lhe a casca (8), sentados em banquinhos em volta dos montes do produto trazidos de carro de boi (FOTO 14) e descarregados no meio do engenho. E é nesse ambiente que todos brincam, os mais velhos relembram e ensinam os mais novos através de aforismas populares como este, lembrado pela vó Edite:

"Trabalho de rapaz pequeno é pouco,
mas quem não aproveita é louco !"

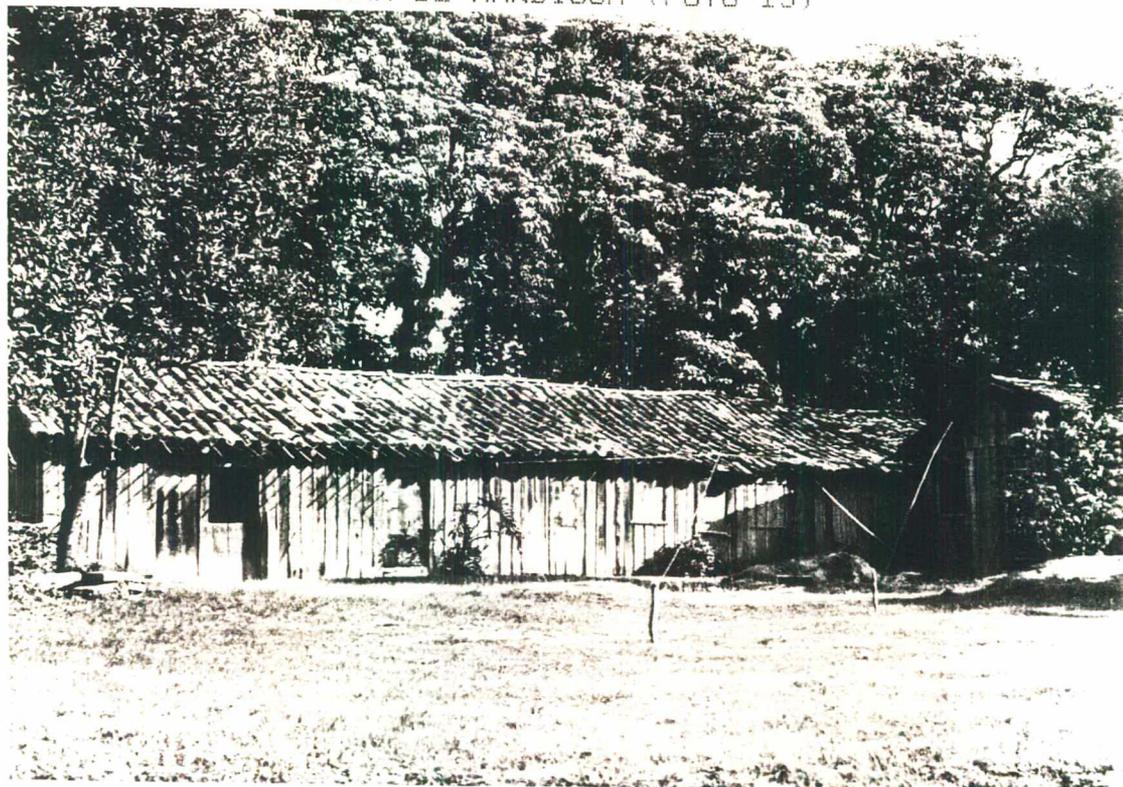
Os engenhos de farinha de mandioca (FOTO 15) ficam todos funcionando de maio a agosto. Quem passa de fora já vê ao longe o engenho branco do pó da farinha que sobe e pinta as telhas. As pessoas que trabalham na feitura da farinha também ficam todas brancas. Os velhinhos e as velhinhas ficam mais velhinhos ainda com os cílios, sobancelhas, cabelos, enfim, todo o corpo branco do pó produzido ao torrar a farinha (FOTO 16).

Os engenhos característicos deste lugar que estamos descrevendo é o de centro, também chamado em Ibiraquera de "monte de engenho". Na Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, recebe o

CARRO DE BOI CONVIVENDO COM VEICULOS A MOTOR (FOTO 14)



ENGENHO DE FARINHA DE MANDIOCA (FOTO 15)



nome de "molhe", que lembra o formato das tafonas de farinha que eram usadas na região dos Açores (Rocha, 1985:77). O monte de engenho é movido a tração animal, com o boi abrochado na canga presa com almanjarra e impedido de enxergar devido aos antolhos (ver glossário anexo).

A tecnologia dos engenhos de farinha de mandioca foi uma adaptação dos engenhos de farinha de trigo usados pelos açorianos em sua terra natal. Com a vinda dos açorianos e madeirenses, ocorreu um salto tecnológico, com os conhecimentos sobre engenhos que trouxeram da Europa.

O senso comum indica ser a colonização açoriana - em contraste com a alemã e a italiana -, típica da identidade nacional brasileira e também causadora do lento progresso e desenvolvimento urbano-industrial no litoral catarinense. Esta visão parcial omite o fato de que os açorianos chegaram ao Brasil antes da Revolução Industrial. Já a maciça imigração de alemães e italianos para o Brasil ocorreu posteriormente, resultante do êxodo provocado pela Revolução Industrial na Europa.

Sobre o papel dos imigrantes açorianos na história catarinense, é importante apontar o que ensina o professor Paulo Lago:

"... os açorianos foram a grande plataforma dos colonizadores alemães. Hermann Blumenau contratou famílias açorianas para fabricar engenhos de farinha, tecnologia desconhecida pelos europeus, e para orientá-los na manipulação do cultivo e do processamento de cana-de-açúcar, do fumo e das árvores frutíferas" (Lago, 1989: p.37).

A partir de meados de 1977, os engenhos de Ibiraquera transformaram-se aos poucos em engenhos movidos a energia elétrica. A divisão por gênero e idade na lida da farinha fazia

parte do sistema tradicional (9). Com a introdução da eletricidade para mover os engenhos, esta divisão sofreu algumas mudanças. A roça continua sendo um serviço tanto da mulher quanto do homem. O momento de colher as ramas e levá-las ao engenho é uma festa, com as crianças em cima do carro de boi. O serviço de raspar a mandioca é predominantemente feito por mulheres e crianças.

Trabalhar com a cevadeira (10), por outro lado, por ser perigoso e exigir muita atenção, habitualmente é realizado pelo homem. Na época do engenho movido a tração animal, os homens primeiro treinavam os bois com os olhos vendados a andar em círculo e, assim, mover as três engrenagens que faziam a roda do ralador girar em grande velocidade. Nessa roda prendiam um metal furado com pregos posicionados de dentro para fora. Se o homem estivesse distraído, ao pressionar a mandioca na lata girando, podia perder a unha ou até o dedo, como acontecia muitas vezes. Depois de ralada a farinha vai para a prensa em tipitis. Colocar a massa da mandioca nos tipitis e prensá-la era e continua sendo um trabalho masculino. Antigamente o serviço de forno era movido a braço feminino, pois as mulheres, que já estavam acostumadas com o serviço do fogão, ficavam o dia inteiro mexendo a farinha no forno para secá-la e impedir que queimasse. Atualmente são os homens ou rapazolas que retiram a farinha dos tipitis e a colocam no forno. São eles também quem mantêm o fogo aceso, retirando a farinha já torrada do forno para peneirá-la, a fim de separar o "carolo". Uma vez peneirada, a farinha passou pela última fase do processo e está pronta para ser guardada, comida, vendida...

Antigamente a farinha em grande quantidade era armazenada em "paióis". As quantias menores eram guardadas nas casas e nos engenhos, em "caixões" de madeira grossa, com mais ou menos 1,50 m de altura por 2 m de comprimento, tendo uma pequena abertura embaixo por onde se retirava o produto. É importante guardar a farinha em lugares sem ar, para ela não ficar úmida e velha em pouco tempo. A farinha tem que durar, no mínimo, até o ano seguinte, quando se fizer nova farinha. Atualmente, a farinha é guardada, nas casas, em tonéis. Cada família tem no mínimo um tonel cheio para "agüentar o ano". Se a farinha acabar vão ter que depender mais da "venda" (armazém).

A cada ano que passa é menor o consumo de farinha em favor de outros alimentos introduzidos gradativamente no cardápio doméstico. O arroz, substituindo o pirão. A bolacha e o pão de trigo, no lugar do biju, da bijaxica e da própria farinha, que era comida às colheradas junto com o café. Muitos pais comentam que seus filhos têm vergonha de comer pirão d'água, preferindo comer arroz nas refeições. É espantoso, nesta paisagem ainda rural, ver as pessoas, ao amanhecer, caminharem muitos quilômetros a fim de comprar, na venda, pão para o café.

Diversos estudos registram a importância dos engenhos de farinha de mandioca na região litorânea de origem açoriana (Pereira, 1987; Lupi, 1985 ; Lago, 1983; Rocha, 1983). Em comparação com os engenhos de açúcar, alambiques e tafonas, os de mandioca são sobremaneira preponderantes. Hoje, em Ibiraguera, dos equipamentos desses engenhos existem apenas peças esparsas e as imagens vivas na lembrança dos mais velhos. A única indústria familiar que resistiu - adaptando-se às mudanças do tempo -,

devido a sua importância na economia e cultura da sociedade local, foi o engenho de farinha de mandioca.

3.1.3. União dos Povos

Em diversas entrevistas com os moradores mais idosos de Ibiraquera, há referências ao trabalho coletivo de mutirão (11), que era a solução para a execução das tarefas que requeriam um grande contingente de trabalhadores. O mutirão era útil para montar uma casa de engenho, na hora de construir uma ponte, quando um vizinho perdia a casa por causa de incêndio etc.

Seu Agripino, homem de 64 anos, ao lembrar da sua infância, nos diz:

"Aquele tempo era muito difícil de se viver, porque não havia um método, um meio de se produzir. Não havia produção porque era tudo à base da enxada, machado, ancinho, pá, picareta. Não havia máquinas, nem eletricidade, tudo era a braço. As famílias tinham muitos filhos e usava-se a união de povos, não se pagava mão-de-obra, não se pagava material, bambu, cipó, madeira, enfim, isto não tinha preço, dava-se. Lembro que meu pai, para construir a casa onde me criei, ganhou toda a madeira. Ganhou a taquara, o cipó, o barro, a mão-de-obra, ganhou o carreto. O trabalho era tipo mutirão. Uniam-se até 20 pessoas num dia para fincar aqueles esteios grossos e também a cumeeira. Os carpinteiros da época faziam engenho, prensa, caixa tipo baú, faziam tudo com ferramenta comum. Quando eles trabalhavam com alguém para fazer a casa do outro, isto era ajuda, não se cobrava dia. Quando cobrava, então não era dinheiro, era trocado: eu trabalho um dia contigo e depois tu me pagas um outro dia de serviço. Eu trabalho como carpinteiro e você, como não sabe carpintaria, você trabalha na minha roça. Eu faço uma calça pra ti ou um vestido e se você não puder me pagar, você vai trabalhar pra mim num outro serviço, noutro serviço que eu tenho. Porque aquilo é profissão, a gente trocava os dias assim."

Este trabalho de mutirão, ou melhor, "união de povos"

ou "ajutório", no dizer dos ibiraquerenses, está enraizado na cultura do lugar: para barrear uma casa, para colocar uma cumeeira de engenho, e, também, na pesca do arrastão, que é um trabalho essencialmente coletivo. "Não basta ser o dono da rede, é necessária a força de muitos homens" (dito popular).

Nesses trabalhos que envolvem um coletivo de pessoas - atividades como a feitura da farinha ou a pesca do arrastão -, ocorre desgaste físico, mas ao mesmo tempo é muito prazeroso porque as pessoas estão reunidas. A população da zona rural, que se caracterizava por casas distantes umas das outras, só se encontrava na venda; aos domingos, no jogo de futebol ou na missa. Os trabalhos coletivos são, de certa forma, uma festa, o convívio se intensifica. Essas lidas têm em comum o trabalho artesanal, que exige muito das mãos, dos braços e perdura um longo tempo, permitindo a conversa solta dos "causos", das fofocas, dos versinhos, das lembranças de outros tempos. No convívio, crianças, jovens e velhos vão-se relacionando. Os mais velhos ensinam aos mais jovens, transmitindo e trocando experiências.

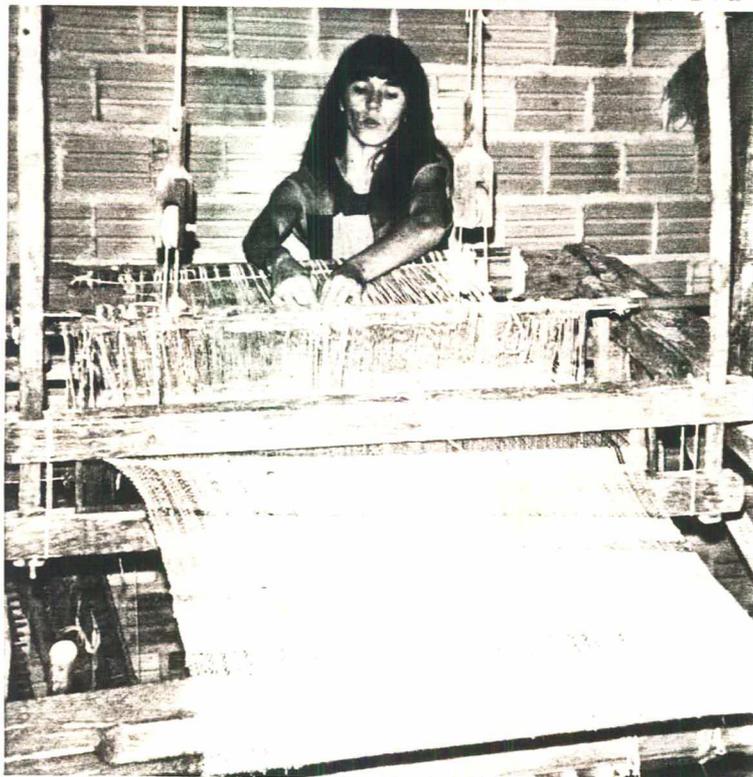
2.1.4. Dona Chiquinha Tecendo os Fios da História

A moça Mira, "filha de Ibiraquera", resolveu montar um tear antigo (FOTO 17), tradicionalmente usado pelas mulheres. Quem lhe deu o tear foi Dona Alvina, 97 anos, garantindo que a maioria das suas peças teriam cento e cinquenta anos, pois pertencera a sua bisavó. Acontece que Dona Alvina não conseguia montar o tear, pois os paus estavam soltos, espalhados. E havia mais uma indagação: quem ensinaria a arte de tecer?

OS VELHOS FICAM MAIS VELHOS COBERTOS DO PO DA FARINHA DE MANDIOCA (FOTO 16)



A JOVEM MIRA TECENDO NO SEU TEAR (FOTO 17)



Ninguém mais trabalha com tear. Lembrando a estória da Bela Adormecida, que fora proibida de fiar, atualmente os filhos das velhinhas praticamente as proíbem de usá-lo, alegando ser atividade bastante trabalhosa e antieconômica. Depois de muito procurar alguém que lhe ensinasse a arte de tecer, Mira encontrou Dona Chiquinha, que tem o seu tear desmontado e já todo apodrecido embaixo da casa. Dona Chiquinha é a última moradora do lugar que ainda sabe usar um tear e não acreditava que a moça quisesse realmente aprender a trabalhar no tear. Segundo ela:

"... não vale a pena (12), ainda mais que hoje em dia passam na porta de casa os vendedores ambulantes vendendo tapetes bem baratinhos".

Dona Chiquinha passou toda a sua vida tecendo no tear e hoje diz que é melhor comprar tudo pronto. Será que expressa o seu próprio sentimento e racionalidade ou estará justificando a atitude dos seus filhos que desmancharam o tear alegando o "bem dela" ? Com a ocupação de ensinar Mira a montar o tear e a tecer, dona Chiquinha ficou até mais jovem, feliz de ter um saber importante para transmitir a outras pessoas - de ter jovens que ainda dão valor ao que ela sabe e que a escutam atentamente. E notório os velhos ficarem mais envelhecidos com o descaso, falta de tempo e de paciência dos jovens em ouvi-los.

Heloísa, menina de 6 anos, sobrinha de Mira, depois de ver o tear montado perguntou : "Tia, onde liga?" Os jovens só conhecem máquinas movidas a eletricidade, não têm a compreensão do processo histórico de desenvolvimento do trabalho humano, que permitiu chegarmos onde estamos hoje, na sofisticação da eletrônica.

O tear usado em Ibiraquera para produzir tecidos que vestiam a antiga população do lugar é extremamente rústico, primitivo e trabalhoso. Cabe a pergunta: por que montar novamente essa máquina ultrapassada? Talvez encontremos resposta no seu valor histórico. Com as peças todas esculpidas a faca e canivete; com o pente de tear feito de palitos de bambu, este tear tecia fios de algodão fiados na roda de fiar. É uma peça de antigüidade, que representou para certa época uma tecnologia avançada e que exigiu muito tempo de trabalho humano. Hoje, o homem, além de não saber utilizá-lo e não ter tempo, alega ser uma atividade não lucrativa e bastante trabalhosa.

O historiador Le Goff, ao referir-se à perda da memória, vincula a questão histórica à saúde mental e social dos indivíduos:

"... num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva" (1991: p.425).

É fundamental, para a saúde mental e social de um povo, a preservação de pelo menos vestígios que mantenham a memória do seu passado. Assim, as novas gerações de Ibiraquera precisam conhecer o processo que culminou no tear mecânico. O reconhecimento dos elementos desse processo possibilitam a visualização da dimensão do trabalho vivido por seus antepassados - trabalho pretérito que gerou o presente, sendo a construção do presente a sementeira do futuro. Esta percepção da realidade social é compreendida, enquanto produto do trabalho humano, como

movimento histórico, impulsionado pelo homem a partir das relações sociais. O processo é contraditório e nada linear, diferenciando-se da idéia de história enquanto progresso, pois o novo nem sempre é melhor.

Dona Chiquinha vivia num engenho de farinha, no meio de um grande arvoredor. Hoje, mora na beira da Estrada Geral de Ibiraquera, casa e quintal mantendo características de sua antiga morada. Foi com surpresa que observei não existir caminho da casa direto para a estrada. Se pararmos na estrada em frente a sua morada, não há trilha para chegarmos até ela, molhamos os pés no capim. Os caminhos existentes são atalhos de areia feitos com o passar do tempo, por quem anda a pé.

Indagada sobre o futuro de Ibiraquera, Dona Chiquinha respondeu com muita segurança e com grande otimismo no futuro, lembrando que a vida dos habitantes do lugar sempre foi de muito trabalho e sacrifício; que as mulheres, quando iam ter filhos, sofriam uma verdadeira seleção, muitas não sobreviviam ao parto.

E completa:

" Não se tinha dinheiro. Quando um velho morria diziam ainda bem. Hoje o velho tem seu dinheiro, seu aposento. E o trabalho da roça é muito pesado. Os jovens estão indo embora de Ibiraquera e os velhos estão vendendo suas terras. Mas Ibiraquera vai ser melhor, com médico, remédio e comércio. As pessoas não vão passar tanto sacrifício."

Sobre o futuro de Ibiraquera, Dona Chiquinha prevê que será um centro urbano, mas sobre o amanhã dos seus moradores, ela não teve resposta. Acha que o velho, que trabalhou durante toda a vida está melhor, tem sua aposentadoria. Para as pessoas que pouco dinheiro tiveram, a aposentadoria significa muito, dá-lhes uma certa independência, não sendo um peso para os jovens.

2.1.4.1. A Tecelã de Hoje

Hoje não se tece mais nos teares, em Ibiraguera. Eles foram substituídos por algumas empresas caseiras de mulheres que vieram de fora - gaúchas na sua maioria. Estas pequenas indústrias empregam as moças de Ibiraguera para tecerem malhas em máquina semi-industrial. As donas das malharias vieram da cidade e fazem a roupa da moda, vendendo nas lojas elegantes das capitais do Brasil. Esta é a "cara" atual de Ibiraguera - filhas de tecedeiras e fiadeiras tradicionalmente continuam tecendo, mas de outra maneira. Agora elas saem de casa para trabalhar, deixando seus filhos e recebendo um salário mínimo pelo trabalho, a maioria das vezes sem carteira assinada, pois no interior ainda não chegou este direito garantido já nas primeiras décadas do século, expresso pela CLT.

2.1.5. Lembrança do Passado, Lembrança do Trabalho

É uma tônica em Ibiraguera, principalmente entre as mulheres, a lembrança do passado como uma época de muito sacrifício. A lembrança do passado é a lembrança do trabalho. Divertiam-se nas lidas de mutirão, pois era o momento em que se encontravam, porém o trabalho era muito rigoroso.

Dona Tomázia, nascida em 1907, relembra o cansaço da lida no engenho de farinha:

"... arrancava a mandioca, sentava de noite no engenho. Montanha de mandioca no meio, botava a raspa, mas hoje ninguém bota a mão em nada, porque para tudo tem máquina. Naquele tempo não, a gente levantava, como eu me levantava a uma hora da madrugada. Botava fogo no

forno, quando o sol ia assim no canto do morro eu já tinha forneado 17 "tipitim" de massa. Pra ganhar 1 mil réis ou 500 réis, sem ter nada naquele tempo. Quando a tapioca chegou a 8 mil réis o saco, a farinha 5 mil réis, ôh!... todo mundo fez uma fortuna !"

O trabalho feminino era bem maior do que o dos homens. Em casa tudo era feito pelas mulheres: elas produziam desde o fio da roupa até o alimento. Ganhavam seus filhos em casa, como lembra dona Serafina:

"Naquela época era muito custoso criar uma criança. As crianças eram criadas como filhos de bichos. A gente tinha um balaio cheio de paninho do tear, vestia uma blusinha comprida e enrolava a criança com esses paninhos sem calcinha, em courinho. E quando estavam urinadinhos ou com cocô a gente trocava. No mais, quando já eram maiorzinhos, andavam sem calcinha, com vestidinho, os meninos também não vestiam calças, era tudo vestidinho. Chupavam bico de pano - botava farinha e açúcar dentro do paninho bem fininho. Fazia aquela chupetinha e molhava no café ou na aguinha morna. Um pano fazia 4, 5 chupas. Eles comiam bananas, quando tinham uns 3 meses comiam peixe, as mães amamentavam seus filhos. Os meus mamaram até os 3 anos. O remédio que tinha na venda era noz moscada e erva doce. As mulheres tinham filhos com parteiras, quando as parteiras viam que o caso era complicado, elas mandavam pra Laguna. O parto era assim: botavam a mulher num banquinho, outras tiveram deitadas. A minha primeira filha, eu cheguei na roça e deu uma dor muito aborrecida, eu disse: Domingos, vou para casa. Quando cheguei me deu um calor, peguei dois cobertores da caixa, sentei no urinol na beira da cama, a barriga desceu toda. Fiquei sozinha com o nenê, ela gritava. Se a roça fosse mais longe tinha ganhado no meio do caminho. Daí quando Domingos chegou, chegou uma vizinha minha. Eu pedi para a minha vizinha antes de fazer o fogo ver se o nenê não tinha machucado a cabeça no urinol. Daí a minha mãe chegou e cortou o umbigo e enrolou o nenê, que é a Ana."

O básico do lazer eram as dominqueiras, mas para chegar lá venciam quilômetros por caminhos de areia, com tamancos nos pés e os sapatos pendurados nos ombros, para não sujar. Prossegue

lembrando Dona Serafina:

"Baile a gente ia e levava o tamanco nos pés, sapatinho na mão; chegando lá perto a gente escondia nas capoeiras, nas macegas o tamanco e botava o sapato para entrar na igreja ou na casa onde havia a domingueira. Eu na minha vida calcei dois pares de sapatos de solteira e depois comprei um para casar. Nos dias de festa vinham aqueles moços com os sapatos amarrados com o cadarço um no outro, pendurados no ombro."

As lembranças são sempre carregadas de um sentimento contraditório. Ao mesmo tempo em que falam no sacrifício, sentem também saudade da mocidade. Nas lembranças dos velhos evidencia-se que os homens, diferentemente das mulheres, não associam tanto o passado ao sacrifício demasiado no trabalho. O trabalho, para eles, implica rememorar momentos de glória, de grandes feitos, grandes pescarias, a sua virilidade, a força braçal para construir, para puxar redes ou para lidar com o gado. "Bons tempos", como diz o Sr. Ulisso, que nasceu em 1915 e deu a entrevista quando ainda se recuperava de uma cirurgia:

"Eu pescava sempre, não tinha hora, matava muito peixe, viola boa para fazer ensopado - para mim é o melhor peixe - peixe de couro. Trabalhei muito na pesca. Gostava muito de baile, de dançar e de cavalo. Tinha cavalo aqui, agora tem é muito carro, é um perigo."

Para muitos ibiraquerenses, que foram viver e trabalhar em outros locais, a civilização trouxe melhoras para o lugar, "as superstições são bobagens", como diz seu Agripino:

"A falta de conhecimento das pessoas 'tapadas' do passado, eram capazes de morrer pela dieta. Os nossos pais, as pessoas, tomavam um purgante, remédio do passado, óleo de ricino, amêndoa doce. Quem tomava esses purgantes, não podia chupar laranja, não podia pôr os pés no chão, não podia se molhar, tomar banho, uma série de exigências por longos dias, até meses.

Aqui sempre foi um local de muito vermes, ia-se na farmácia do João Medeiros, de Paulo Lopes que era a principal, comprar remédio para vermes, e o meu pai nos proibia de chupar laranja por um ano. E uma superstição, uma falta de conhecimento, não se podia comer banana crua, tinha que ferver ou assar no fogo. Não se podia comer certos tipos de peixe. Seis meses sem tomar banho na praia, porque tomou remédio. E uma falta de conhecimento. E outros tipos de superstição, feito feitiço, lobisomem, bruxas. Existiam animais, bichos inexistentes, como a bruxa. Uma criança que adoecia então levavam nas benzedadeiras que benziam com folhas e diziam 'é bruxa'; geralmente era uma mulher velha. Muitas vezes indicavam, é fulana de tal, uma velha feia, desdentada, descorada, negrona, corcunda, nunca bem trajada. As mulheres bonitas nunca eram bruxas. Estava chupando a criança, de noite entrava pela chave ou era invisível, tipo espírito, entrava e embruxava a criança e a criança chegava a morrer por falta de socorro, acreditando naquela credence. E foram centenas de crianças que morreram magrinhas com desidratação ou com febre. A minha filha, quando morreu, disseram que era bruxa, mas hoje eu sei que era desidratação. Não estava descoberta a desidratação quando a nossa filha morreu. O lobisomem também era geralmente culpado o solteirão, um homem feio, então este era o lobisomem que à noite aparecia como cachorro, como um porco, como um bicho qualquer que corria atrás das pessoas, das crianças, nos caminhos escuros. Depois iam descobrir, era um animal qualquer e eles acusavam um homem qualquer da região. O boitatá, que hoje não existe mais, não se vê, mas antigamente se via um facho de fogo levantar e pousar no pinheiro, garapuvu ou madeira qualquer e ali soltava faísca e perseguia as pessoas."

Desmistificar a sociedade - compreendendo-a enquanto movimento passado, presente e vir-a-ser -, e também a natureza - entendendo-a enquanto elemento essencial para os homens construírem a história - poderá oportunizar ao homem libertar-se e construir um mundo melhor. Retomando o pensamento do seu Agripino a respeito da morte de sua filha, o conhecimento do processo da desidratação teria oferecido condições para tratá-la, em vez de ficarem pensando que era mau-olhado (13).

NOTAS

(1) Várias pesquisas realizadas em Santa Catarina demonstraram o poder das oligarquias, detentoras dos meios de comunicação - jornal, rádio e tv - colocados a serviço da perpetuação do **status quo**, manipulando informações e nutrindo o senso comum na população. O jornal Imbituba, por exemplo, foi criado e patrocinado pela empresa de Henrique Lage no município, entre 1924 e 1930. Já a Rádio Difusora de Imbituba, criada em 1955, tem como maior acionista Francisco Catão, presidente da Companhia Docas de Imbituba.

(2) As pessoas de Ibiraguera falam: "não presta casar primo com primo". Mas em uma sociedade fechada é normal ocorrerem esses casamentos. Ibiraguera até pouco tempo era praticamente uma sociedade fechada, pois poucas pessoas de fora a procuravam para morar. Assim, existem vários problemas de saúde mental, possivelmente pelos constantes casamentos entre parentes próximos.

(3) Hoje não restam mais do que duas famílias "nativas" morando na Praia do Rosa. As demais, em torno de 100 famílias, venderam suas terras e foram morar (a grande maioria), do outro lado do morro, nos vilarejos da Grama e do Teixeira, longe do mar mas próximos da lagoa, da estrada, do mercado, da escola e do ônibus.

(4) A idéia de que não era unânime a ajuda no mutirão aparece também na entrevista com o Sr. Roberto Texeira. Ao falar sobre a construção da ponte lembrou: "Passei seis meses viajando em Ibiraguera, não todos os dias, pedindo ajuda, alguns me respondiam bem, outros me enchiam a cara dizendo: "os meus pais se criaram sem ponte na lagoa, e nós também, por isso não ajudamos." Muitos responderam assim.

(5) O tucum é uma palmeira baixa, cheia de espinhos e que produz um cacho de pequenos cocos. As pessoas comem esses cocos ainda verdes e também depois de maduros, quando se tornam roxos. A fibra para fazer o fio da tarrafa é retirada das folhas do tucum.

(6) Gravatá é uma planta espinhenta rica em fibras, que colocam na água para ser curtida, fica em média de molho por oito dias. Após o molho a planta fica transformada em felpas brancas prontas para serem batidas e após fiada. Os fios do gravatá eram usadas para entralhar as tarrafas.

(7) A mandioca utilizada na feitura da farinha é colhida após dois anos do plantio da rama. São no mínimo quatro carpidas na

roça, durante esse tempo.

(8) A mandioca destinada à farinha é venenosa. O gado só pode comer mandioca e suas ramas no período de maio a agosto. Nesse período de inverno a mandioca, que é uma planta tropical, hiberna em temperaturas baixas (Pereira, 1989: p.263). Segundo os agricultores, depois dessa época, começa a brotar novamente e torna-se venenosa até para o gado. Segundo Pereira (op. cit.: p. 263), a mandioca tem um elevado teor de ácido cianídrico. Quando ralada e com a massa molhada, entra em processo de fermentação. Quanto menos ácida e, portanto, mais doce (a mandioca tem baixo teor de açúcar) é melhor a farinha. Para isto é necessário que a massa não fique muito tempo na prensa e no tipiti. A água extraída da mandioca ralada é colocada nos formigueiros para matar formiga e é também utilizada como adubo. A mandioca que se come é chamada de aipim, podendo-se diferenciar uma da outra pela casca. Na roça, é mais difícil diferenciar os dois tipos de planta, pois existem muitas variedades tornando uma planta muito parecida com a outra. É mais fácil diferenciar a mandioca do aipim depois de colhido, isto é, na hora de descascá-lo. Do aipim retira-se, junto com a casca marrom, uma película branca. Isto não acontece com a mandioca, que não é descascada e tem a casca marrom raspada. O trabalho de raspar a mandioca é dividido de dois em dois. Nesse momento surge uma brincadeira de competição entre as pessoas que estão raspando a mandioca. Segundo o dicionário, "capote é o reconhecimento da vitória de alguém em jogo de aposta". Nessa brincadeira, quem "bota capote" é a pessoa mais experiente que raspa a parte mais dura e difícil, que é o lado da mandioca que estava unida à rama. E quem "tira capote" pode até ser as crianças, pois raspar a outra ponta é mais fácil. Daí surgem as brincadeiras competitivas para passar o tempo e apressar o serviço (aumentar a produção brincando). Na brincadeira de "botar e tirar capote", perde o que bota capote quando o outro ficar esperando a mandioca para raspar a outra ponta (tirar capote), ou perde o que tira capote se ele atrasar o serviço, deixando amontoar muitas mandiocas para tirar o capote.

(9) Segundo Anamaria Beck (1979), na área familiar de trabalho, compreendida pela casa, roça e engenho, havia uma nítida divisão sexual de trabalho. O chefe da família mantinha a liderança na roça e no engenho, enquanto o elemento feminino era responsável pela casa e pelo quintal. Apesar da liderança masculina, as mulheres e crianças participavam das várias atividades da feitura da farinha, desde a roça até o engenho.

(10) Cevadeira é o ralador da mandioca. Quando falam que o "forno agora é elétrico" significa que as pás que mexiam a farinha passaram a ser movidas a energia elétrica, mas o forno continua, ainda hoje, aquecido a lenha. O raspador elétrico é uma barrica de madeira cujas ripas mantêm uma distância entre si. Coloca-se a mandioca dentro do cilindro com a casca; o motor gira o cilindro, como uma centrífuga. Assim, com o atrito nas ripas, a mandioca acaba por perder a casca.

(11) Segundo Antônio Cândido, referindo-se ao caipira do interior de São Paulo, em pesquisa realizada na década de 50, "A obrigação bilateral é ainda elemento integrante da sociabilidade do grupo, que desta forma adquire consciência de unidade e funcionamento. Na sociedade caipira, a sua manifestação mais importante é o mutirão, cuja origem tem sido objeto de discussões", Cândido prossegue o raciocínio citando dois autores, Marcondes e D'Alincourt, sobre o termo mutirão, que já era usado naquela época - "muchiron" . (Cândido, 1979: p. 67). Já em Ibiraguera, segundo depoimentos, este termo não era conhecido. Mas para expressar a idéia - "Mutual-Aid" segundo Marcondes -diziam "união dos povos", ou "fulano vai pedir um favor, vai pedir uma ajuda", um "ajutório".

(12) Pena aqui está no sentido de sacrifício. Dona Chiquinha vive das lembranças do passado relacionadas com o trabalho no tear, um trabalho que exigiu muito da tecelã. É importante registrar que as lembranças das senhoras idosas da Ibiraguera são de que trabalharam muito e com muito sacrifício. Por exemplo, no caso da roupa, executavam todo o processo, desde plantar o algodão até costurar a roupa. São unânimes em afirmar que a mulher de hoje não sabe o que é trabalho.

(13)"A escola, mediante o que ensina, luta contra o folclore, contra todas as sedimentações tradicionais de concepções de mundo, a fim de difundir uma concepção mais moderna, cujos elementos primitivos e fundamentais são dados pela aprendizagem da existência de leis naturais como algo objetivo e rebelde, às quais é preciso adaptar-se para dominá-las, bem como de leis civis e estatais que são produto de uma atividade humana estabelecida pelo homem e podem ser por ele modificadas visando o seu desenvolvimento coletivo" (Gramsci, 1989: p.130).

2.2. Travessia das Letras

2.2.1. O Mundo Não-Letrado de Ibiraquera

Na região de Ibiraquera a população vivia, até pouco tempo atrás, com pouquíssima instrução, formação escolar. Havia poucas pessoas que sabiam ler e realizar as quatro operações. Não existia escola. O mundo letrado não chegara ainda a Ibiraquera. Esta é uma das possíveis razões para que tão rápida e facilmente as pessoas do lugar se deixassem iludir com o fascínio dos urbanos que ali chegavam, vendendo-lhes os bens que possuíam - suas terras - para hoje sofrerem as conseqüências dessa atitude.

Este é o caso do marido de Dona Dotina, que vendeu suas terras, mostrando os limites demarcados com pedras e registrados em braças (antiga unidade de comprimento equivalente a 2,2 m). Em Ibiraquera, porém, as braças relacionavam-se com os braços dos proprietários das terras. Este terreno foi vendido para uma pessoa que posteriormente o dividiu, vendendo-o para três novos proprietários. Para construir pousadas, esses proprietários mediram as terras com teodolito (instrumento óptico destinado a medir com precisão ângulos horizontais e verticais, garantindo a metragem exata da terra). Concluíram que o terreno não possuía a metragem especificada no ato da compra e, assim, apelaram para a justiça, não contra o vendedor que loteou a terra, mas contra o nativo, já falecido, que vendera suas terras há mais de quinze anos. A viúva, Dona Dotina, muito nervosa com a situação, lembrava:

"Meu velho era muito ladino, mas não sabia ler. Então quando ele vendia terra, os papéis que não serviam mais

ele rasgava e jogava fora."

O marido de Dona Dotina conhecia muito bem os detalhes da região. Ele pertencia ao mundo não letrado de Ibiraguera, era ladino, porém, talvez não fosse compreender, nos dias de hoje, esta comparação absurda envolvendo instrumentos de precisão (teodolito) e partes do corpo humano (braços).

Conseguir registros escritos do passado de Ibiraguera é muito difícil, pois para quem não sabe ler, papel velho só serve para juntar baratas e quinquilharias de nada servem. Seu Francisco Irineu é uma exceção, pois guardou desde a infância a "primeira cartilha", bem como moedas do século passado. Estas foram encontradas na roça e ele as guardou pelo simples prazer de colecionar, tendo hoje um rico material para a história de Ibiraguera.

2.2.2. A Escola de Ibiraguera: Antigamente Era Assim ...

Há 50 anos, em Ibiraguera, começaram a aparecer professores, vindos de diversos lugares, para instruir as crianças. Por não haver espaço escolar definido, moravam nas casas das famílias e ministravam aulas para grupos de crianças. E como lembra o senhor Lisso :

"Os pais é que pagavam o professor, ele ia nas casas e perguntava para os pais se eles queriam pagar, meu pai disse que sim. Pagou para mim e para os meus irmãos, mas depois me tiraram da escola. Nós íamos na casa de Pedro Marques, depois de Jovino Antônio e por último do Mané. Deu aula em três lugares aqui, íamos para a casa onde ele estava. Os meus irmãos aprenderam mais. O professor era Francisco Duarte, ele foi para Corrêa Pinto e casou por lá."

Em Ibiraguera temos notícia da primeira Escola Estadual a partir de 1937. A professora era paga pelo Estado e as aulas

eram ministradas também em casas particulares, emprestadas pela comunidade. Segundo os antigos, três lugares em Ibiraquera sediaram escolas até ser construído o prédio atual da Escola Estadual Professora Justina (nome dado em homenagem à professora que faleceu em decorrência de pressões sofridas quando fora presidente de mesa em eleições passadas). Os lugares citados acima foram: a Escola da Lagoa do Saco, a Escola na casa dos pais de Dona Ana e a escola situada onde hoje é a Igreja de Ibiraquera.

A escola surgida em 1937 situava-se na beira da Lagoa do Saco. Seu Francisco Irineu, de 64 anos, ainda mantém, do tempo dessa escola, a lousa (1), a primeira cartilha, editada em 1933, e seus primeiros cadernos que foram feitos, como era costume no lugar, pelo próprio aluno - com papel de embrulho cortado e costurado.

Seu Francisco Irineu lembra que essa primeira escola era numa sala grande, com paredes de barro e cobertura de palha. Nos primeiros tempos havia a mesa da professora e o quadro de escrever, mas não havia carteiras, os alunos ficavam sentados no chão. Posteriormente, foram transportados de outra escola, em do carro de boi, bancos e mesas dotados de orifícios para colocar o tinteiro. As meninas sentavam de um lado e os meninos de outro. Lembra também que as crianças mais sabidas sentavam na frente, o que nos remete para as atuais escolas, em que os mais interessados sentam na frente, perto do professor, enquanto os "desinteressados", muitas vezes por não conseguirem acompanhar a aula, "ficam para trás", em ambos os sentidos.

→ Pode-se verificar, nas diversas entrevistas realizadas com os idosos de Ibiraguera, que, para eles, o ensino naquele tempo era melhor. Após estudarem três anos sabiam mais do que as crianças de hoje que, mesmo estudando oito anos, freqüentemente não adquirem destreza com as letras e com os números. Ignoram, estes idosos, que sua vivência de muitos anos permitiu o aprimoramento no conhecimento das letras e dos números e que hoje a vida moderna também exige gradativamente maior domínio desses elementos. As crianças de hoje forçosamente necessitam assimilar tais saberes, sob pena de serem marginalizadas do processo produtivo e conseqüentemente excluídas da sociedade e do consumo.

Na visão do Sr. Abílio, que nasceu em 1918, as crianças ficavam menos tempo na escola, porém aprendiam mais:

"A escola naquela época era do Estado e o professor morava aqui também. A primeira professora era a Dona Célia, depois teve a Dona Ritinha. Já morreram todas. Eu estudei até o 3º ano nesta escola isolada, as crianças entravam mais ou menos na idade de 8 anos e não existia o pré. Antigamente as crianças aprendiam melhor do que hoje. Se estudava bastante, a professora ensinava bastante e a gente aprendia bastante, porque a gente tinha compromisso com as professoras. Elas davam aquela lição e a gente tinha que aprender. Enquanto não saísse daquela ali, não passava. As contas também era a mesma coisa, passavam aquelas contas e a pessoa tinha que dar conta daquilo, tinha que fazer os deveres. Tinha depois o recreio, a gente brincava muito, com bola, com 'ré bandeira' aquele que batesse na bandeira os outros tinham que pegá-lo, se pegasse ficava lá, na bandeira. As meninas faziam canteiros em forma de coração cheio de flores e os meninos ficavam brincando de ré bandeira."

No relato evidencia-se que a aprendizagem estava condicionada apenas ao fato de estudar bastante; assim, todos teriam aprendido quando soubessem de cor a lição previamente determinada.

Seu Agripino, 65 anos, relata minuciosamente o seu tempo na escola do Saco da Lagoa, introduzindo segundo seu ponto de vista, o "valor" da questão disciplinar e a garantia do método de ensino, descrevendo também os diversos tipos de material utilizado.

"Para chegar a nossa escola, viajávamos mais de uma hora a pé. A escola era paga pelo Estado. Funcionava numa sala grande, de 1º ao 3º ano. O 4º ano não havia, e a professora ensinava tudo misturado, 60 ou 70 alunos, o número que tivesse. Escrevia-se no início em lousa, depois passou-se para papel, qualquer papel, o mais simples que tivesse, papel de pacote, papel preto, papel azul. Escrevia-se com lápis, mas não havia dinheiro e a economia era tão grande que quando o lápis ficava pequeno e não dava mais para segurá-lo, então rachava-se o lápis extraía-se o grafite de dentro e enfiava numa taquarinha, para com aquilo escrever. Havia respeito com a professora que era como uma mãe. As mães entregavam seus filhos à professora para que ela educasse. Então havia puxão de orelha, régua com palmatória, vara de marmelo nas costas do aluno, castigo de joelho, e tinha professoras que davam com a cabeça do aluno na parede, porque o aluno não se corrigia de maneira nenhuma. Sempre encontrei junto comigo alunos irreverentes, que mereciam rigor, execução. Aprendia-se muito mais, havia melhor ensino e melhor método de ensino. Mudou muito, hoje o aluno é muito mais moroso para aprender, porque naquele tempo ensinava-se o que precisava, sem Educação Física. Enfim, deixava-se correr à vontade, pouca coisa se ensinava de Educação Física e a professora já começava com o método necessário aquilo que o aluno precisava. Mas como ela não dava conta de ensinar 60, 70 alunos, então ela pegava o aluno mais adiantado, como eu fiz muito, levava no quadro com o 1º ano e ela ficava ensinando ao 3º as matérias mais difíceis. Até 21 anos permaneci em Ibiraguera com este estudo e após fui trabalhar em Urussanga numa mina. Até hoje já trabalhei em 29 tipos de serviços."

Seu Agripino confunde as funções de professora com a da mãe, permitindo que ambas castiguem fisicamente, justificando o objetivo comum: "educar". Ainda hoje em Ibiraguera os pais delegam poderes aos professores para praticar violência física,

visando ao melhor para os seus filhos.

Este senhor nos faz refletir sobre a importância da escola da vida, quando a ausência de uma dada profissão o obrigou a ter "29 tipos de serviços".

Dona Tomázia, nascida em 1907, menciona a facilidade existente hoje para estudar, ao lembrar do seu tempo, pois de "pés descalços" na terra, fazia seu caminho orientada por um fio de comunicação, no céu:

"Hoje vem esses meninos de ônibus, nós andávamos tudo a pé. Nós vínhamos muitas vezes descalço com o pé na água. Freqüentei a escola da Custódia Barbosa, na casa dela. Os pais não pagavam nada. Nós escreviamos com o giz na lousa, passava o pano molhado e apagava. Tinha o quadro negro e o mapa. Ela nos botava de joelho em cima do areão, outras vezes em pé na porta com o chapéu na cabeça. Naquele tempo tinha rigor, e nós tínhamos medo dela. A linha do arame do telégrafo fazia o caminho até a escola, pois não havia estrada. Quando passávamos pela linha do arame viamos um rastro de sapato, já sabíamos que era um polícia ou um viajante. Hoje os filhos bem não nascem e já botam sapato."

Dona Raquel, nascida em 1926, foi a primeira professora a lecionar no vilarejo da Grama, onde atualmente existe uma Escola Municipal, pertencente a Garopaba. Esta senhora, nascida em Palhoça, foi trabalhar em Ibiraguera na década de 40 e nos conta um pouco do seu passado:

"Naquele tempo a gente fazia o Complementar, que valia pelo Normal hoje. Estudei na escola pública, ginásio de Palhoça. O que me fez vir para cá é porque eu não tinha mãe. Meu primo-irmão, que era político, depois foi governador do Estado, me trouxe para cá. Era o Ivo Silveira. Não conhecia ninguém daqui. Recebia salário, a escola era numa casa, dava aula para 1ª, 2ª e 3ª séries. Funcionava de manhã e à tarde. Para trabalhar ali, cada professora tinha que ter 45 alunos. O material quem dava era a prefeitura. O salário era uma mixaria. Eu dava todas as matérias. O que eu acho

diferente hoje em relação aquela época, é que eu andava a pé daqui a Garopaba e voltava. Hoje as professoras saltam na porta de carro. Garopaba pertencia a Paulo Lopes, mas tinha coletoria; o inspetor era de Palhoça."

Para ela havia muito respeito (revestido de medo) dos alunos para com a professora. Relata:

"A gente botava os alunos de joelho, tinha a palmatória, eram os castigos, a gente batia. Adiantava na época, pois eles tinham medo. Hoje cadê o medo deles? Piorou sem o castigo. Se eu não me aposento eu tinha desistido, pois a turma de alunos é por demais. A maioria dos velhos foram meus alunos. Todos eles. Credo, eu tenho um aluno aí que trabalha na estrada, o Euclides, ele não fuma na minha vista, não é capaz."

Nesses vários depoimentos há sempre menção à dificuldade da falta de transporte. Tanto dona Raquel como seu Agripino e dona Tomázia referiram-se à mesma questão. Professores e alunos sofriam por ter de vencer longas distâncias a pé. Eles acreditam que hoje tudo é melhor, pois o acesso (2) à escola foi facilitado.

Seu Roberto, nascido em 1908, lembra com muito orgulho da época de estudante:

"Com 8 anos meu pai me colocou na Escola da Araçatuba, a professora era Custódia Barbosa. Eramos passados na canoa porque não tinha ponte na lagoa. Passavam 13 rapazes numa canoada só. As 8h levava e às 3h da tarde vinha buscar. E nós passava na areia mole até a Araçatuba, o quadro(3). Eu estive na escola 3 anos. Saí no terceiro, sabia ler, escrever, fazer as quatro operações."

Há também, em Ibiraguera, relato de autodidatas, como é o caso do senhor Herminio, nascido em 1920 e marido da professora acima citada:

"Nunca pude estudar, as escolas eram longe e meu pai não podia dar estudo para todos, então eu, com a idade de 17 anos, fui trabalhar em uma olaria. Lá me foi

dado um livro de ABC e uma tabuada e disseram para eu decorar uma letra por dia, começa do A e vai até o Z, quando tiver sabido todas as letras, você junta elas para fazer o nome. E a tabuada desse mesmo modo. Com a vontade que eu tinha de aprender, acordava às 4 horas da manhã ia para frente da olaria, sem tomar café, e estudava. Quando fez 23 dias, escrevi uma carta, agradecendo os livros."

Segundo o seu Edeberto, de 70 anos, os pais, lavradores da Ibiraguera da sua época, não achavam importante seus filhos irem para a escola. Mas ele hoje valoriza muito a escola e a educação e tem mágoa de não saber ler, apenas sabe assinar o nome. Para ele, a "pessoa que não sabe ler é como papagaio, ouve e repete". Por isto seu Edeberto afirma ter incentivado seus filhos a estudar e, com muito orgulho fala que seus filhos estão "bem na vida", trabalhando na indústria (um trabalha na ICC em Imituba, o outro foi demitido da ICC com a crise provocada pelo governo Collor e trabalha hoje por conta própria e o mais novo trabalha na Indústria MORMAII, em Garopaba).

As pessoas em Ibiraguera aprendiam basicamente na "escola da vida", na convivência, no trabalho: roça, engenhos de cana-de-açúcar e farinha, na lida com o gado, na pescaria, boca do fogão. As experiências de vida eram transmitidas de pai para filho. A memória para quem não sabia ler, era fundamental, sendo ainda hoje a capacidade de memorização uma característica dos idosos de Ibiraguera. Eles lembram versos imensos e passagens do passado riquíssimas em detalhes. No dizer do seu Edeberto, os velhos de Ibiraguera são exímios papagaios.

As histórias do passado eram contadas em versos cheios de rimas, chamadas por eles de "pasquim" ou "décimas". Todas as senhoras com as quais conversei conheciam versos, lembranças

ainda do tempo de seus pais, que mantinham o hábito de conversar em forma de versos rimados. Os pasquins descreviam episódios acontecidos na localidade, casamentos, festas, rixas entre pessoas, como também histórias com ensinamentos morais, visando educar os que as ouviam. Os alfabetizados copiavam os pasquins falados e anexavam nas portas das casas de comércio, ou colocavam debaixo das portas das casas para divulgá-los melhor.

Dona Edite adora lembrar os versos que a sua mãe e o seu pai contavam para ela e ainda tenta transmiti-los para os seus filhos, que ficam aflitos e sem paciência, pois isto atrapalha a atenção dos programas a que estão assistindo na televisão.

"Com idade de doze anos, José e Maria se amavam,
mas o velho pai da moça com isto não concordava.
A carta que ela escrevia com tristeza ela contava,
é melhor nos dois fugir que outro jeito não achava.

Trataram de se encontrar numa tarde trovadora,
Maria saiu de casa e a má sorte acompanhou.
Num 'encruso' de caminho uma onça lhe pegou
e seu xalinho branco no lugar ela deixou.

José conheceu o xale, pela mata foi entrando
E as tranças de seus cabelos na picada foi achando.
Chegou na beira do rio do outro lado foi nadando,
chegou na gruta de pedra e a onça estava esperando.

José viu Maria morta, dentro da gruta pulou,
arrancou o seu revólver nesta hora ele negou.
Puxou pelo seu punhal, com a fé ele lutou,
foram três corpos sem vida que dentro da gruta ficou.

Ia passando um caçador, José ainda pode falar,
avise a minha família, que eu não volto mais para lá.
Maria morreu por mim, por ela eu vou findar,
não casamos aqui na terra mas no céu vamos morar".

O senhor Antônio Pedro, pescador e pedreiro, que no passado era grande tocador de violão nas festas, costuma recordar

várias décimas. Os versos aqui lembrados falam sobre o oriente e nos fazem lembrar as estórias das mil e uma noites, mas em versos:

"Vou contar uma estória de um pavão misterioso,
que levanta o vôo do agreste por um rapaz corajoso,
rapitando uma condessa filha de um conde orgulhoso.

Residia na Turquia um viúvo capitalista,
pai de dois filhos solteiros. O mais velho João Batista,
então o filho mais novo chamava-se Evangelista.

Um dia aqui João Batista pensou pela vaidade,
disse ele a Evangelista: meu mano tenho vontade,
de visitar o estrangeiro mas senti deixar saudade.

Respondeu Evangelista: vai que aqui eu ficarei
Cuidando do nosso negócio como sempre trabalhei,
Garanto que os nossos bens com cuidado zelarei.

Evangelista respondeu, vai passear no estrangeiro
me traz de lá um presente que sirva a rapaz solteiro
Mesmo que custe dinheiro.

Aí saiu João Batista abraçado com o irmão,
Chorando um pelo outro na triste separação.
Daí pegou um pacote e seguiu para o Japão.

João Batista no Japão esteve seis meses somente,
Gozando daquele império percorreu o Oriente,
depois seguiu para a Grécia, outro país diferente.

João Batista entrou na Grécia divertiu-se a passear,
E comprou passagem de bordo, quando ia embarcar,
Ouviu o grego dizer, acho bom ocê demorar.

Mora aqui nesta cidade um conde muito valente,
Mais soberbo do que Nero, pai de uma filha somente,
Que é a moça mais bonita que há no tempo presente.

E a moça que lhe falo filha do pai potentado
O pai tem ela escondida em um quarto do sobrado,
Chama-se Cresa e criou-se sem nunca ter passeado.

De ano em ano esta moça bota a cabeça para fora
para o povo adorar no espaço de uma hora
para ser vista outra vez, tem um ano de demora.

Respondeu João Batista então eu vou esperar
para ver essa condessa estrela desse lugar,
para quando eu chegar na terra tenha muito que contar.

Logo no segundo dia Cresa saiu na janela
Os fotografos se fecharam, tiraram retrato dela,
Com prazo de meia hora desapareceu a donzela.

João Batista encontrou um retratista vendendo
algum retrato de Cresa, e chegou e foi dizendo,
Quanto quer por um retrato que eu compro, o pretendo.

Respondeu o retratista custa um conto de réis.
Respondeu João Batista, eu compraria até por dez.
se o dinheiro fosse pouco-eu empenharia os anéis.

João Batista saiu da Grécia para Turquia,
Logo que chegou em Enéia, cidade que residia,
O seu mano Evangelista banqueteceu este dia.

Respondeu Evangelista, meu mano vai me contando
Que me trouxeste de presente, vai logo me entregando

Respondeu João Batista, para ti trouxe um retrato
de uma condessa da Grécia que tem finos tratos,
Custou um conto de réis, ainda achei muito barato

Respondeu Evangelista depois de uma gargalhada.
Nesse caso meu irmão para mim não trouxe nada,
Pois retrato de mulher é coisa bastante usada.

Existem muitos retratos, mas como o que eu trouxe não,
Vou agora examiná-lo entrego na tua mão.
Quando veres a beleza mudará de opinião.

João Batista retirou o retrato de uma mala,
Entregou a seu irmão, que tava de pé na sala,
Quando ele quis falar tremeu a fala.

Evangelista estremeceu com o retrato na mão,
dizendo muito assustado, perguntando a seu irmão,
Se a moça do retrato tinha aquela perfeição.

João Batista respondeu: Cresa é muito mais formosa
Do que está neste retrato, é beleza preciosa.
Tem o corpo desenhado por uma mão milagrosa.

Respondeu Evangelista, pois meu mano eu te digo,
vou sair do meu país, não posso mais ficar contigo,
Pois a moça do retrato deixou uma vida em perigo.

Precipitar não convém,
do que serve ir embora por este mundo além,
a procura de uma moça que não fala com ninguém."

A décima termina quando Evangelista consegue conquistar
e raptar a moça num aparelho que voa camuflado de pavão,

como foi relatado na primeira estrofe. Esta décima rica em detalhes e informações de geografia era cantada pelos ibiraquerenses nos tempos de outrora, porém ainda hoje lembram de memória.

2.2.3. Novas Relações, Outra Educação

Hoje, as novas gerações são educadas sob uma enorme gama de influências: "cardumes" de surfistas no verão, multidão de turistas que alugam as suas casas, o rádio, a televisão, o trabalho de auxiliar-de-pedreiro, sem esquecer evidentemente a escola (4). Muitos jovens dizem que não gostam de estudar, mas quando começam a trabalhar sentem saudade dos "bons tempos" de estudante.

As crianças da Ibiraquera de hoje têm garantida a educação da 1ª à 4ª série (5), e menos de 5% dos jovens até 14 anos não freqüentam a escola. A evasão escolar até a 4ª série ocorre principalmente devido a problemas físicos e mentais. Muitas das crianças saudáveis que freqüentam a escola até a 4ª série, entretanto, não saem alfabetizadas, elas sabem copiar perfeitamente do quadro, mas não conseguem ler.

A questão educacional está imbricada no conjunto das relações sociais, envolvida pelo Estado, pela sociedade e pelos indivíduos. Sabemos que soluções parciais não são redentoras - relativas apenas ao trabalho do professor ou à eficiência do aluno -, porém, mais do que isto, é na relação parte-todo que podem ocorrer as transformações. Assim, todas as múltiplas

facetas que constituem a realidade educacional necessitam incorporar propostas que apontem mudanças, acreditando que é possível ter uma educação, para o caso específico de Ibiraguerra, que possibilite aos nativos compreender essa sociedade que os sujeitou.

Um ponto importante para-a reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem é o vocabulário existente nos textos. Este não é de domínio dos alunos. Assim, por exemplo, o ensino de História não se limita, vai além da especificidade do conteúdo histórico. A questão linguagem está sempre presente. Lembramos que neste caso estamos falando de alunos da zona rural, filhos de pais analfabetos. É necessário respeitar o dialeto nascido do cotidiano, admitindo que não há razões legítimas para discriminá-los por terem "dialeto não-padrão" e ressaltamos o valor da riqueza das expressões. Mesmo assim, é fundamental lutar pela ampliação do vocabulário dos alunos, fornecendo maior domínio da língua padrão. Apostamos na linguagem do ibiraquerense (e com isto na sua expressão do mundo), não para que fique restrito a ela, mas entendendo-a como um dos componentes que traz o germe do novo (existe bom senso), que será a base de uma nova hegemonia.

"Quando teorias sobre as relações entre linguagem e classe social são escolhidas para fundamentar e orientar a prática pedagógica, a opção que se está fazendo não é, apenas, uma opção **técnica**, em busca de uma competência que lute contra o fracasso na escola, que, na verdade, é o fracasso da escola, mas é sobretudo, uma opção **política**, que expressa um compromisso com a luta contra as discriminações e as desigualdades sociais" (Soares, 1987: p.79).

Opção técnica e política devem estar relacionadas dialeticamente. Muitas vezes, querendo que os alunos dominem o "saber" do dominador, anula-se o seu potencial intelectual,

restringindo-o às regras e às normas. Em outros momentos, também ocorre o contrário: muitas vezes, permanecendo no "basismo" da exortação ao popular, não se avança na direção de um conhecimento crítico; crítico para o saber dominante dado como único, verdadeiro, legítimo, e crítico em relação ao senso comum popular.

2.2.4. A Educação, Uma Ponte para o Universal

"No caminho, há uma ponte de madeira cuja travessia ... se constitui muitas vezes numa aventura de grande risco, ... a incerteza de atingir o outro lado" (p.22).

A educação contextualizada a partir dessas entrevistas deve ser entendida aqui não apenas na sua "forma dominante" (6), isto é, educação formal, educação escolar. A visão dos relatos foi encaminhada a partir da escola, ultrapassando-a. O processo educativo aconteceu na vida, na convivência, nas relações sociais. A escola é sem dúvida, um local privilegiado da relação ensino-aprendizagem, pois está ali sua especificidade, possibilitando aos educadores a apropriação desse espaço.

A educação cumpriu um grande papel, ao promover o processo civilizatório emergente do século XX, alterando a concepção de mundo impregnada do senso comum das pessoas. A superstição "amarra" as pessoas, deixando-as temerosas de um poder superior, invisível - podendo ser Deus ou o Estado -, impossibilitando a compreensão do ser humano que constrói e se constrói nas relações sociais. Por outro lado, o processo civilizatório pode exacerbar a egolatria e provocar o fanatismo

do tipo super-homem, "homem-Deus", que tudo pode, e justamente nesta esteira surgiram o nazismo e também os problemas ambientais.

A modernidade, entretanto, tem muitos elementos importantes. Deve-se fazer críticas tanto ao domínio absoluto da razão, quanto ao surgimento e à consolidação do capitalismo, fruto desta época, marcando-a. Não podemos negar, porém, que a ciência, o uso da razão e do método constituem um grande legado. Desta forma, a escola, nascida a partir da ascensão da burguesia, surgiu pela necessidade desta emergente classe social de manter-se difundindo o novo ideário. Contraditoriamente, esta mesma escola pode prestar um grande serviço à sociedade como um todo. Ao mesmo tempo que reproduz a hegemonia dominante, a escola também socializa o saber, difunde verdades já descobertas e, através da pesquisa, descobre novas verdades.

Gramsci afirma que a "hegemonia é uma relação pedagógica". Estamos imersos num embate de movimentos que são hegemônicos ou que buscam hegemonia.

Na vida, a todo momento o ser humano aprende e ensina, nos seus atos, na sua fala, na observação, na relação com o mundo. Ibiraguera está em transformação e o processo educacional ali existente também vive essas mudanças. A história universal da educação está presente no microcosmo de Ibiraguera nas suas etapas: transmissão oral dos conhecimentos ou ensino informal, e hoje, com o ensino formal, das escolas. A escolarização na sociedade moderna de Ibiraguera, sem lavouras, permitirá o acesso de suas crianças aos novos mercados de trabalho.

N O T A S

(1) Chamava-se lousa ao quadro-negro, feito de pedra de ardósia. Como papel e caderno eram materiais raros, cada aluno tinha uma pequena lousa individual, emoldurada com madeira fina, onde escrevia e apagava.

(2) Acesso significando trânsito e também ingresso na escola. Este último, aludindo à idéia de garantia obrigatória à educação.

(3) Para os idosos o quadro significa a vila onde há casas próximas uma das outras: o quadro da Araçatuba, o quadro em Imituba.

(4) Ibiraquera tem duas escolas: uma escola básica, criada em 1989 e localizada no vilarejo conhecido por Texeira, e uma escola de 1ª a 4ª série situada no Vilarejo da Grama, pertencente ao município de Garopaba. Estas escolas têm um total de 566 alunos matriculados. O segundo grau mais próximo foi criado em 1992 e localiza-se em Araçatuba, bairro vizinho, que há menos de três décadas era o centro religioso, cultural e comercial de Ibiraquera. Imituba conta hoje com 28 escolas de 1º grau, com 6.346 alunos matriculados e três escolas com 2º grau, com 1.091 alunos matriculados.

(5) Como muitas crianças depois de 4 anos na escola continuam sem destreza na leitura, a escola de 5ª a 8ª série não tem o mesmo percentual de matriculados que a de 1ª a 4ª série, percebe-se grande evasão.

(6) "A educação escolar é simplesmente a educação; já as outras modalidades são sempre definidas pela via negativa. Referimo-nos a elas através de denominações como educação não escolar, não-formal, informal, extra-escolar" (Saviani, 1991: p. 100).

CAPITULO - 3
OS DOMINIOS DO UNIVERSAL

"Este trabalho contínuo para selecionar o elemento 'internacional' e 'unitário' na realidade nacional e local é, na realidade, a ação política concreta, a única atividade criadora de progresso histórico. Este trabalho requer uma unidade orgânica entre teoria e prática, entre camadas intelectuais e massas populares, entre governantes e governados" (Gramsci, 1976).

CAPITULO 3 - OS DOMINIOS DO UNIVERSAL

A partir da travessia indicada anteriormente pelo processo educacional, adentramos o espaço universal. Tal espaço está impregnado pelos novos elementos, também vivenciados em outros lugares do planeta. O encontro do cotidiano até então tradicional (as singularidades) com os novos elementos (o universal), os quais se impõem e ao mesmo tempo são desejados pelas singularidades, geram uma nova universalidade em Ibiraquera.

3.1. Nem Tudo que Reluz é Duro

3.1.1. Os Novos Arranjos : O Novo ou o Novíssimo ?

Sob o título acima se tratará da questão do turismo e de como ele é visto pelos ibiraquerenses, como tem interferido no lugar, e como, ao mesmo tempo em que serve aos interesses de uma classe média e alta que vem de fora - o estrangeiro -, fornece possibilidades para o novíssimo.

A partir dos dados levantados por meio dos projetos de ampliação da rede elétrica, podemos deduzir que, em 1978, havia 105 casas com energia elétrica em Ibiraquera. Em dezembro de 1979, a rede de eletrificação foi ampliada, beneficiando mais 19 casas. Em fevereiro de 1981, com mais um aumento na rede, foram atendidas mais 37 casas, perfazendo um total de 161 casas com energia elétrica. Essas ampliações na rede, de 1978 a 1981,

atingiram o total da área aqui em estudo. Hoje Ibiraquera conta com 647 relógios de luz ligados; destes, 290 são de casas de turistas somente ocupadas nas férias. Os restantes pertencem a moradores nascidos em Ibiraquera e também de muitas famílias que viviam em grandes cidades e vieram residir na localidade atraídos pela beleza do lugar, buscando um novo tipo de vida e dedicando-se principalmente à exploração turística: pousadas, restaurantes, butiques e confecções.

	1978	1979	1981	1993
CASAS MORADORES	105*	124	161	357
CASAS TURISTAS	10	11	30	290
POUSADAS	1	1	2	16

(*)Os dados foram obtidos a partir dos relógios de luz, muitas casas em 1978 ainda não tinham luz em Ibiraquera.

Como a tabela mostra, o número de casas de turista (290) está muito próximo do número de residentes fixos (357), atestando a enorme importância que aquele grupo assumiu nos últimos dez anos em Ibiraquera. A tendência ao aumento relativo dos turistas tende a se acentuar nos próximos anos, como se verifica pelo crescimento atual do número de relógios instalados pela cooperativa na região. Atualmente a média mensal de relógios de luz é de oito unidades, com tendência a aumentar, devido aos novos loteamentos que estão sendo vendidos. Quem passa pelas estradas de Ibiraquera, pode notar o grande movimento de caminhões com material de construção, rumando para novas obras

que surgem semanalmente.

A proposta inicial da pesquisa era trabalhar o processo de "transformação" ocorrido em Ibiraguera nos últimos anos, tendo no turismo um fator claro de ruptura - e é como os novos interesses capitalistas influenciaram e influenciam maciçamente o lugar. Quando este estudo começou a ser feito, sob o enfoque saudosista e romântico de que os invasores "gauchos" e, mais tarde, paulistas e florianopolitanos, trouxeram o "mal", defendia-se a idéia de que Ibiraguera deveria preservar o "bem", ficar intacta. Que utopia! A propriedade privada existe e é a ossatura da sociedade atual, os próprios moradores a defendem e, como já foi dito, acham "ótimo" vender suas terras. Se hoje entrarmos num boteco de Ibiraguera, ouviremos da maioria das pessoas presentes que o turismo é bom, trouxe emprego e riqueza.

Dona Tomázia, 86 anos, expressa uma idéia comum entre os velhos moradores do lugar:

" Agora é que o tempo é bom! O pessoal diz que eu ganho uma mixaria com o aposento! E no tempo que eu me criei, que não se ganhava nada? Só se via dinheiro de ano em ano, quando se fazia a farinha. (...) Os comerciantes eram os ricos, tinham terno de casimira. Hoje não existe mais pobre, tudo é rico."

O terno de casimira era um símbolo de posses, do homem bem de vida. Atualmente, as roupas que são mostradas nas novelas de televisão podem ser adquiridas em seguida, pela juventude do lugar. São roupas de qualidade duvidosa similares às "de etiqueta", porém com preços acessíveis. Para estes velhos, que trabalhavam de sol a sol, "os jovens de Ibiraguera não sabem o que é trabalho, não sabem o que é sacrifício, hoje tudo é fácil."

Para surpresa minha, constato que, contraditoriamente,

(1), muitos dos novos moradores de fora, vistos generalizadamente como os "invasores", estão junto aos "nativos" do lugar, lutando, se organizando, para impedir a destruição da natureza e da qualidade de vida da população local. Esta luta passa necessariamente pela questão político-eleitoral, pelo avanço da população em termos de organização, reivindicação e compreensão do proclamado clientelismo e do papel do Estado.

Assim, o "novo" quer significar as mudanças decorrentes do movimento universal, da globalização, até então visto como negativo e evitável, passando a ser compreendido aqui como capaz de exercer uma influência complexa, contraditória, em que muitos elementos são claramente promotores de ruptura em relação ao processo existente anteriormente. É uma realidade através da qual o capitalismo se espalhou e se espalha por entre as fibras do tecido social. Mas este processo ocorre de diferentes maneiras, não simplesmente por imposição, mas sofrendo adaptações constantes frente às resistências das culturas autóctones.

O capitalismo provoca uma desprovincianização. A sociedade de Ibiraguera deixa de ser uma sociedade isolada, com uma visão localista. O turismo provocou uma inevitável ruptura, e esta é uma transformação contraditória, pois possui elementos que apontam para o novíssimo - ou seja, para além das "amarras do capitalismo" - e elementos novos apenas na aparência, pois garantem, fundamentalmente, a manutenção da dominação vigente. É uma problemática complexa de continuidade e descontinuidade. Assim, o clientelismo e a especulação turística na Ibiraguera são fenômenos que permitem a continuidade na esfera política e econômica, enquanto o movimento político-ecológico aponta para

uma provável descontinuidade.

Como diz Gramsci, nós somos sempre conformistas de algum conformismo(2) e toda relação de hegemonia é uma relação pedagógica. Para este caso, observa-se que, por um lado, o clientelismo foi construído historicamente, a partir de uma relação pedagógica (a meu ver, deseducativa); por outro lado, é tarefa educacional das forças progressistas impulsionar a construção de uma nova hegemonia, em que a cidadania seja plena, onde o subalterno não seja conivente com o seu próprio opressor, tendo condições de suplantar a subalternidade.

No embate vivido com os moradores, e que ultrapassou as fronteiras da observação, revelaram-se várias e novas facetas da realidade de Ibiraquera. As observações aproximaram meu conhecimento do real, pois mostraram a realidade enquanto movimento, contradição, luta, vir-a-ser.

3.1.2. A Etnografia da Transformação

Cultura e relações de produção estão interligadas. A exploração turística alterou a forma de subsistência da comunidade. Ibiraquera e sua cultura estavam, no passado, intimamente ligadas à pesca, à produção da farinha nos engenhos, ao trabalho no tear e às domingueiras.

"As domingueiras tinham como motivo a alegria, nada de datas especiais. Tinha dia de acabar com o sol já alto. A música era a gaita, o gaiteiro cantava, tinha violão, cavaquinho, pandeiro. Cantavam marcha, rancheira, valsa e samba. Tinha café com rosca de polvilho e broa de polvilho; de bebida também faziam a 'consertada', que é cachaça com tempero : erva doce, cravo e açúcar" (entrevista com sr. Agripino).

Hoje, o dia-a-dia dos jovens é trabalhar de pedreiro

nas novas construções que surgem diariamente. Esses jovens interrompem seus estudos e trabalham para comprar uma moto (é significativo o número de motocicletas: a maioria de seus proprietários terminou a 8ª série e parou de estudar), esperam herdar um pedaço de terra dos pais e construir uma casa para casar. O futebol e as discotecas marcam os fins de semana dos jovens ibiraquerenses. As moças, na sua maioria, também estudam até a 8ª série e então passam a trabalhar nas casas dos novos moradores do lugar (quase todos de Porto Alegre e São Paulo). Enquanto estudam até a 8ª série, esses jovens trabalham nas férias, quando existe grande oferta de serviço.

Muitos dos jovens nativos aprenderam a surfar e têm cabelos e roupas de surfistas, ficando difícil diferenciá-los dos que vêm de fora, pois são igualmente bronzeados de sol e musculosos; estes devido à academia de musculação e aqueles por carregarem pedras e sacos de cimento.

Um dos rapazes do lugar falou-me que "adora o verão na Praia do Rosa. Lá não se diferencia o rico do pobre, pois todos estão de calção; basta comprar um 'sundown' e curtir entre os ricos".

Podemos dizer que a moda surfista é uma das características do universalismo na singularidade de Ibiraguera: Bali, Sidney, Havaí ou Praia do Rosa, são todos locais visitados por jovens. Há traços semelhantes na juventude que caminha pela praia usando fone de ouvido e pranchas de surfe.

Se às vezes esta convivência é pacífica, em outras não. A pesca artesanal da tainha vem ocorrendo a cada ano em menos

lugares. Na Praia do Rosa o surf é um dos elementos que concorre com o trabalho dos pescadores. Todo ano surgem brigas entre pescadores e surfistas, havendo casos inclusive de linchamento de surfistas, pois os pescadores alegam que as pranchas assustam os cardumes, atrapalhando a entrada do peixe na baía. A pesca do arrastão depende da sorte dos pescadores, pois não são eles que criam as condições para pegar o peixe, ao contrário, esta pesca exige muita paciência. Os pescadores ficam parados aguardando os peixes, que determinam as condições em que serão apreendidos. Desta forma, quando os "cardumes de surfistas" invadem a praia, os cardumes de tainhas se afastam assustados, prejudicando, muitas vezes, dias inteiros de espreita e ansiedade dos nativos.

3.1.3. Chega o Turismo e o Pescador se Afasta do Mar

Dona Aurora, 60 anos, conta:

"Meus avós eram donos de um grande pedaço de terra que ia da Lagoa de Cima à Lagoa de Baixo. Quando morreram foi dividida a terra entre os muitos filhos que tinham. Já os meus pais tiveram 10 filhos e venderam parte da terra que herdaram dos meus avós para terem dinheiro para nos criar. Agora, para os meus filhos, não tenho terra para dividir. O que eu vou fazer é uma fundação de casa bem forte para que eles possam construir em cima da minha casa."

Estas poucas palavras de Dona Aurora retratam com muita clareza o processo gradativo da perda de terras nas últimas três gerações em Ibiraquera. A crescente valorização das terras e conseqüentemente o loteamento e a venda indiscriminada do solo é a realidade vivida atualmente no local (FOTO 18 - A e B).

Dona Rita e seu Francisco, do edital de casamento de 1925, eram os maiores proprietários de terra da Praia do Rosa.

Seus doze filhos herdaram as terras e já as venderam. Nenhum dos descendentes do casal vive na terra que herdou.

O comércio imobiliário, que se desenvolveu em função do turismo, é avassalador. As terras, cada vez mais valorizadas, proporcionam o sonho da "vida fácil" para os já idosos: vender as suas terrinhas para os "veranistas" e viver de renda com os juros da poupança. Doida e doida ilusão, em pouquíssimo tempo "comem" o dinheiro, pois gastam-no em comida. Ironicamente, a terra, que era o bem maior de sustentação, da qual tiravam seu alimento (mandioca, feijão, milho) já não é mais sua, está picotada em lotes de 12 por 15 metros, ficando difícil plantar até mesmo cebolinha.

A partir do final da década de 70, desenvolveram-se em Ibiraquera dois vilarejos, um conhecido por Texeira, principal reduto da família dos Texeiras, e outro de nome "Gramma", assim chamado há muitos anos devido ao solo que, após ser carpido, é logo tomado pela grama (ver mapa).

Os moradores desses vilarejos, que viviam na beira do mar, venderam as suas terras, atraídos por estrada, luz, escola e se aglomeraram formando as vilas. Hoje, na sua maioria, são trabalhadores assalariados. As famílias, que antes tinham roça suficiente para dela tirar seu alimento, na atualidade moram em pequenos lotes de terra, trabalhando como jardineiros e domésticas, por um salário mínimo, ou nem isso, nas terras que antes eram suas. Eles se obrigam a comprar na venda tudo o que necessitam para a subsistência, incluindo muitas vezes o peixe.

Muitas das pessoas mais velhas de Ibiraquera, optaram por vender as suas terras, hoje valorizadas por se localizarem em

lugares privilegiados (ao gosto do turista - beira de mar, lagoa, vista panorâmica) e compraram maiores extensões de terra na beira da estrada, ou mesmo terra plana e agricultável. Essas pessoas pretendiam continuar trabalhando na roça; porém, 10 anos de desenvolvimento turístico, já valorizaram até mesmo essas terras longe do mar, e seus proprietários já se iniciam na especulação imobiliária. Estão vendendo em forma de lotes as roças de mandioca e comprando maiores extensões de terra nos locais ainda mais distantes, aguardando a sua valorização.

Os mais jovens de Ibiraquera são contrários à venda das terras, pois desejam herdá-las, afirmando que os velhos entregaram seu patrimônio a forasteiros "a preço de banana". Nota-se, porém, que, para construir uma casa ou começar um negócio, o capital inicial vem da venda de um pedaço adquirido por herança, apostando no sucesso do investimento.

As terras na Ibiraquera são pouco produtivas (3) devido ao solo arenoso e à nefasta prática tradicional transferida de pai para filho, da agricultura com queimadas, pouca adubação de solo e nenhum projeto de drenagem. A utilização da terra visa à produção para a subsistência (FOTO 19), tendo como base a mão-de-obra familiar e como tecnologia o arado e o carro de boi. Entretanto, a realidade que se afigura no momento é esta: a agricultura de subsistência está perdendo continuamente espaço para a especulação imobiliária. Assim, em plena região rural, o solo está sendo loteado e urbanizado. Denota-se, pela tabela em anexo, o crescente desmembramento do solo na região. Em 1987 existiam 550,2 hectares cadastrados no

INCRA: na atualidade restam 339,3 hectares.

3.1.4. O Nativo Empresário do Turismo

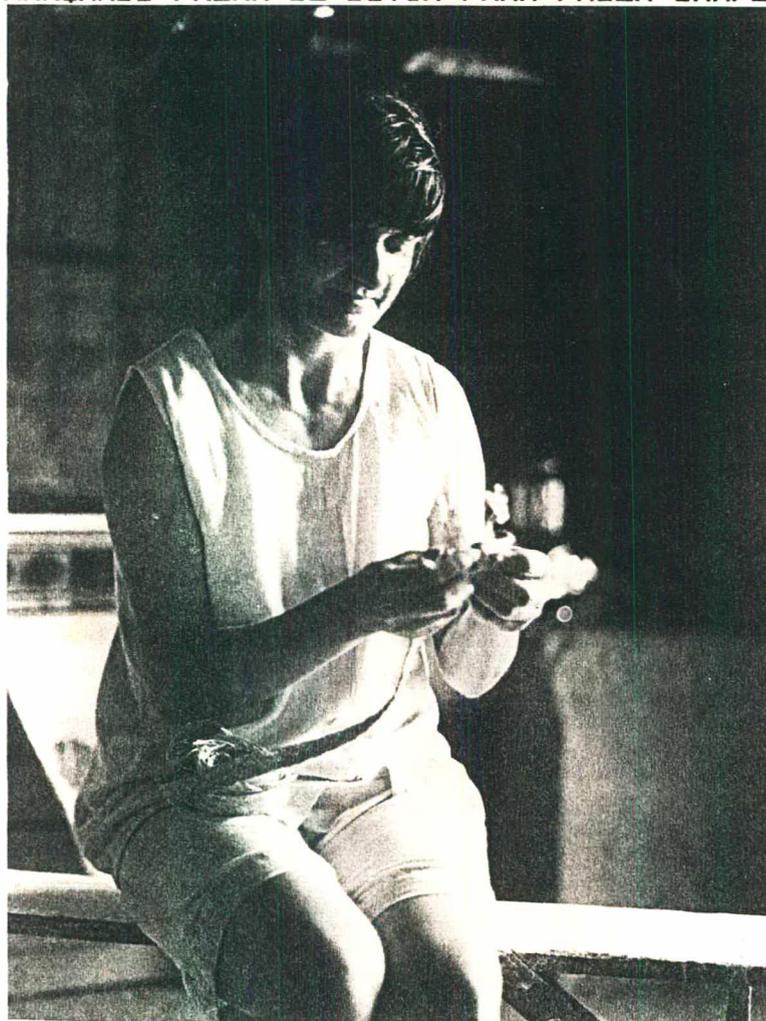
A história do seu Eleodoro mostra uma trajetória em que as mudanças na localidade provocaram alterações nos rumos de sua vida. Seu Eleodoro era o filho mais novo de um velho casal de Ibiraquera (o mesmo do edital de casamento de 1925). Trabalhava na roça, pescava e fazia chapéu com folha de butiazeiro (FOTO 20) e palha do tucum. Quando os irmãos resolveram vender o engenho onde morava, teve de sair de lá. Com a sua parte do dinheiro, comprou um pedaço de terra na beira da estrada de Ibiraquera e viajou com a sua família. Seu Eleodoro (mesmo nome do avô materno) foi ser zelador de um prédio na Praia de Itapema. Alguns anos depois voltou para Ibiraquera, construiu uma casinha - de arquitetura e comodidade pautada no gosto do turista -, alugou no verão e ficou numa casinha de meia-água, atrás da alugada. Com o dinheiro do aluguel, hoje dolarizado, construiu outra casinha, e assim por diante. Hoje, passados cinco anos do retorno para Ibiraquera, tem um Fusca na garagem e um "condomínio" de várias casinhas que são alugadas no verão. Atualmente, muitos nativos do lugar, sem terem saído de Ibiraquera, seguem o exemplo de seu Eleodoro.

Chegar hoje em Ibiraquera me dá uma sensação muito diferente daquela primeira vez em que visitei o lugar. Da BR-101 já se vêem placas indicando a distância para chegar a Ibiraquera e principalmente avisando sobre a Praia do Rosa, própria para surfistas devido às suas ondas.

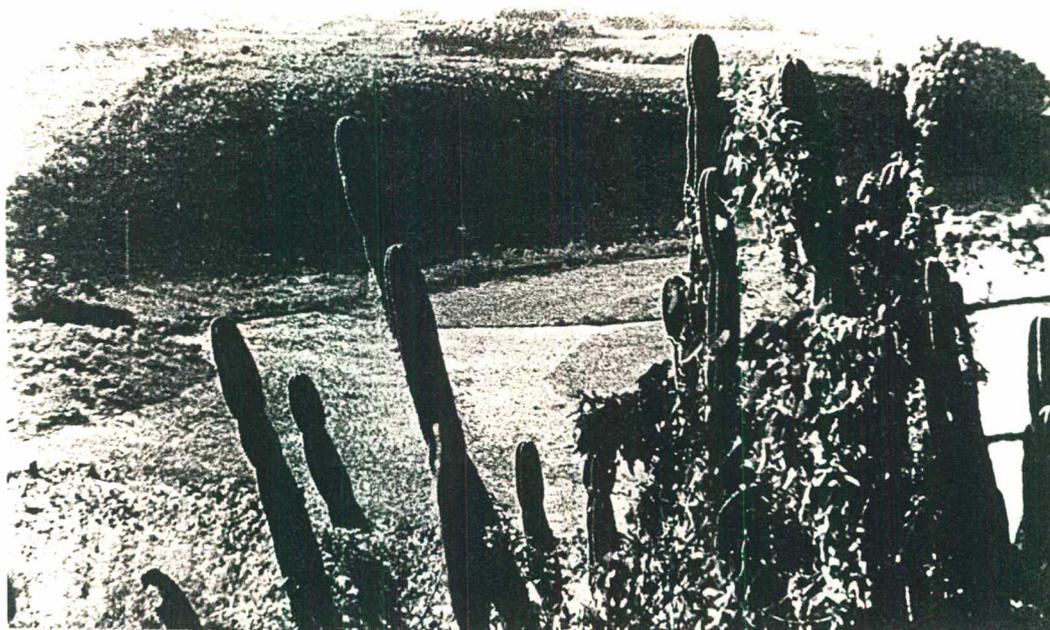
EM PLENA REGIÃO RURAL SURGE UMA CIDADE - (FOTO 19)



TIA LICA, TRANCANDO PALHA DE BUTIA PARA FAZER CHAPEU (FOTO 20)



A NATUREZA SEM URBANIZAÇÃO - 1983 (FOTO 18 - A)



A TRANSFORMAÇÃO DO LUGAR - 1993 (FOTO 18 - B)



Obs.: As fotos retratam o mesmo local, nos diferentes momentos.

Diferentemente das outras praias populares do município de Imbituba, que, devido à poluição provocada pela Indústria Carboquímica Catarinense, expulsaram o turismo, a Praia do Rosa hoje pertence predominantemente à burguesia. E praia de pessoas "sócio-economicamente privilegiadas", não mais de agricultores e pescadores. Da estrada já se vêem cartazes do tipo: "Restaurante Tailandês", "Fazenda-Hotel", "Pousadas com Piscina". Juntamente aos cartazes e com eles se mesclando, encontram-se placas com os dizeres: aluga-se esta casa. No verão de 1993, pela primeira vez, crianças em pontos estratégicos portavam plaquinhas escritas: aluga-se. A concorrência torna-se progressivamente muito grande, gerando a propaganda ambulante. As crianças não só vendem comida na praia como também competem entre si para alugar as casas de seus pais.

Os fatos narrados acima nos instigam a estabelecer uma analogia entre os nativos ibiraquerenses e os índios carijós, primeiros habitantes dessas mesmas terras (até onde se tem conhecimento). Ambos os nativos receberam de maneira cordial o "estrangeiro", que aqui chegou e os dominou. Os índios receberam espelinhos em troca de água e mantimentos; os nativos de Ibiraquera ganharam e continuam ganhando roupas usadas e alimentos industrializados.

Bem recentemente é que as pousadas começaram a ser exploradas economicamente na região, pois até então os moradores do lugar não alugavam suas casas, mas hospedavam amigavelmente a leva de jovens que chegava à praia e não tinha onde dormir. Porém, o capitalismo ensinou rapidamente aos nativos suas leis básicas, modificando o ambiente onde predominavam as relações

afetivas. Agora, os antigos hóspedes são proprietários de pousadas e os nativos, por sua vez, aprenderam a lição do capital.

3.1.5. O Fim da Pelica : Uma Questão Ecológica

O rápido processo de mudança em Ibiraquera é contraditório. Ao mesmo tempo em que "a vida fica mais fácil", traz também irremediáveis perdas culturais e ecológicas, entre outras.

Os loteamentos ao redor das lagoas e a construção de casas que liberam o esgoto direto nas suas águas: a luz e o barulho dessas casas, perturbando o interior da lagoa, fazem com que a pesca fique cada vez mais rara e difícil. Este problema ecológico, que é também político e social, não encontra eco nas instituições públicas de preservação do meio ambiente, pois a falta de vontade política devido ao comprometimento do poder público com os especuladores, entre outros fatores, torna seus técnicos ineficazes. As leis de preservação existem, mas somente são respeitadas a partir da pressão social, de uma sociedade civil participante. Por outro lado, para que aconteça a participação social, é necessário dedicação e muito trabalho de organização, pois somos freqüentemente educados apenas para aceitar e não para conquistar nossos direitos. A população de Ibiraquera está mergulhada nesta realidade em transformação, permanecendo muitas vezes mais como espectadores do que como atores.

Nota-se o crescente acúmulo de lixo inorgânico (advindo da sociedade industrial-consumista-capitalista) nas estradas e

terrenos de Ibiraguera. Até pouco tempo o morador da zona rural jogava pela janela da casa os objetos sem serventia e o tempo dava conta de desintegrá-los. Os terrenos eram grandes e o consumo de plástico era pequeno, então não se tinha tanto lixo em volta das casas. Quando iam à "venda" já levavam a "pelica" (saco plástico), para trazer a mercadoria. O vendedor não possuía embalagens para fornecer aos fregueses.

Lembro ainda de ir à venda e a vendeira me perguntar se eu tinha levado a pelica. Parei alguns segundos sem entender do que se tratava, e foi tamanha a tristeza ao me sentir parte de um mundo que prima pelo desperdício. Enquanto todos que lá viviam levavam um saco, uma bolsa para trazer as compras, eu e todos novos no lugar, oriundos da cidade, gerávamos uma falsa necessidade - a bolsa plástica. Grande parte dos urbanos que rumam para a zona rural, muito embora atraídos pela beleza natural, o verde das plantas, água limpa e sem poluição, bichos e flores em quantidade de cores, sossego e ar puro, acabam numa transposição mecânica de seus hábitos e costumes, comprometendo no campo, aquilo que já foi destruído na cidade.

O capitalismo usa como estratégia de superação para suas crises cíclicas a eterna, porém limitada, criação de novos mercados. Atualmente fala-se que o capitalismo gera hábitos nos consumidores, afirma-se inclusive que primeiro é criado o produto e depois o mercado. É importante questionar o capitalismo, que está calcado nas desigualdades e, no caso brasileiro e particularmente de Ibiraguera, sustentado pelo clientelismo. Defender o fim da fome, da miséria e desejar, no dizer de Caetano

Veloso, "luxo para todos", não pode significar desperdícios que afetam a preservação do planeta.

Diferentemente da chegada, ocorrida 20 anos atrás, quando Ibiraquera parecia um outro mundo - longe do consumo da cidade, sem luz, sem telefone, sem supermercado -, hoje, ao percorrer a estrada, nos deparamos com uma quantidade brutal de lixo. Há dois anos não havia em Ibiraquera recolhimento de lixo por parte do poder público, cada morador dava conta de seu lixo individualmente. Entretanto, a farta produção de lixo das pousadas requisitou tais serviços da municipalidade. O recolhimento do lixo gerou um descomprometimento do morador em relação ao lixo produzido em sua casa, aflorando a consciência individualista, principalmente entre os moradores que vieram de fora e que hoje vivem no Rosa. Predomina hoje a chamada "ecologia de quintal", onde no espaço particular, ou seja, dentro da propriedade particular, tudo é bonitinho e limpinho, porém ao ultrapassar o muro, jogam-se os sacos de lixo na estrada à mercê do ineficiente recolhimento da prefeitura municipal que, quando passa, só o faz duas vezes na semana. Ai os cachorros e gatos encarregam-se de espalhar o lixo pelas estradas, lagoas e mar. O recolhimento do lixo, aparentemente salutar, trouxe conseqüências desastrosas, não só para o destino, onde se acumula o lixo em Imbituba, como para a própria localidade, que deixou de pensar na questão do lixo, tanto ao comprar, como ao consumir produtos, pois não mais precisa preocupar-se com seu destino: este problema deixou de ser seu e passou a ser do Estado, compreendido como um organismo desvinculado de sua vida. E como disse um "gauncho" que vive há tempos no local, ao passar por uma das montanhas de lixo

exclamou: "As pousadas socializam o lixo nas estradas!".

É fundamental uma educação a respeito do que é lixo e o que fazer com o lixo. O lixo plástico demora 400 anos para desaparecer. Lixo é vida na medida em que é reciclado, mas também lixo é morte, quando polui e destrói a natureza.

3.1.6. Cuidado com a Estrada !

A estrada para Ibiraguera é de terra e devido ao movimento de carros (a maioria novos e de luxo) nos feriados e veraneio, torna-se intransitável. Repleta de buracos e constantes engarrafamentos, na época de seca, a poeira que entra nas casas em volta da estrada é brutal e o turista não tem o mínimo respeito pela população local. Um fato narrado por uma vizinha é bastante elucidativo da relação turista-nativo. Um dia essa jovem senhora molhava a estrada em frente à casa para reduzir o pó, pois tinha um nenê pequeno. Naquele instante passou um carro de dentro do qual saiu a seguinte provocação: "Não quer sujar o carpete?" Ela me contou este fato com muita indignação.

Atualmente, uma das vias de acesso ao Rosa e a Ibiraguera está sendo calçada, gerando uma transformação radical, pois a mesma população que já engoliu muita poeira daquela estrada, trocou o sacrifício antigo pelo grande risco de ser atropelada. Os carros mantêm a mesma velocidade do asfalto naquela estrada rudimentar.

3.1.7. O Rio "Não Seja Aqui" - A Baixada Fluminense

Como já foi dito anteriormente, a partir da venda, pelos pescadores, das suas terras localizadas na beira do mar, desenvolveram-se, em Ibiraguera, duas vilas: a Teixeira e a Grama. Na maioria dos casos, as mulheres é que incentivaram seus maridos a essa decisão, para ficarem mais próximos da estrada, de vizinhos e do colégio dos filhos. Iludiram-se com as ofertas recebidas e sonharam com futuros e prósperos negócios bem ao lado da estrada.

Fragmentos dos sonhos estão concretizados, pois atualmente as vilas Teixeira e Grama possuem uma escola, uma Igreja, um freqüentado salão de festas, o time de futebol e vários tipos de comércio. Há uma certa rivalidade entre as duas vilas. Os jovens, através do futebol, e os mais velhos, com a organização das festas da igreja, disputam entre si o título de melhor vila.

A vila Teixeira é a mais antiga e surgiu a partir da venda em lotes de uma herança da família Teixeira. Antigamente sediava a paróquia de Ibiraguera e construiu-se a primeira escola em terras doadas por esta família.

Numa triste ironia e contrastando com os sonhos originados das amarras do capital, atualmente está surgindo na vila Teixeira uma rua apelidada de "Baixada Fluminense", cognome dado pelos jovens numa alusão ao lugar de crescimento desorganizado, onde "pipocam casinhas" a todo momento. Embora não chegue a ser perigosa, como a verdadeira Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, já apresenta um prenúncio de favela.

3.1.8. O roubo e o Responso

O sistema econômico mundial, pautado na acumulação e na não-distribuição equilibrada das riquezas, acarreta problemas sociais cada vez mais graves. Este quadro está presente tanto no nível mundial, como também no nacional e no local. Ibiraguera era uma comunidade que vivia, alguns anos atrás, sem grandes disparidades entre ricos e pobres, onde o símbolo de prosperidade era a "roupa de casimira". Transformando-se, seus símbolos de riqueza passam a ser outros. As famílias dependem de empregos, pois não têm mais terra para fazer suas roças. Quando não estão empregados (pai, mãe e filhos), não têm o que comer. Assim, em Ibiraguera começa a se delinear o perfil da miséria econômica, social e moral. A diferença entre ricos e pobres passa a ser gritante e os "nativos" que trabalham usam as roupas da moda, mas não conseguem adquirir os bens de consumo de luxo que as pessoas de fora trouxeram.

O roubo que praticamente inexistia na região, começa a ser comum: já roubam roupas nos varais. Entrar nas casas é um desvio na formação da população e um ato de coragem que os nativos ainda não tinham, mas que aos poucos, no convívio com pessoas de fora e que ali se encontram no verão, começam a aprender. O desejo de "ter" objetos ou dinheiro, praticamente inacessíveis com 10 anos de trabalho na construção civil ou na jardinagem, faz com que aos poucos Ibiraguera estréia como palco de criminalidade.

Pequenos roubos começaram a ser frequentes no local, passando aos poucos a roubos de maior valor, gerados pela cobiça dos dólares de turistas estrangeiros. Os ladrões não são como

Robin Hood, que roubava dos ricos para dar aos pobres. Em Ibiraquera, hoje, rouba-se tanto do rico, que veio de fora, como dos nativos.

Um detalhe que chama atenção é a atitude das pessoas roubadas, quando o lesado é o nativo. É marcante a descrença no poder constituído do Estado, da polícia, a atitude normal esperada seria ir até a polícia notificar o fato. Entretanto, o morador que foi roubado dificilmente procura a delegacia para dar queixa e o expediente comumente utilizado é ir até a casa das mulheres que rezam "responso". No catolicismo, o responso é uma oração para Santo Antônio, santo que ajuda as pessoas a encontrarem objetos perdidos ou roubados. Aqui há algumas mulheres da igreja que rezam o "responso", ainda que seja principalmente rezado por benzedadeiras. As benzedadeiras do lugar são mulheres que têm uma visão eclética da religião.

Dona Delaide (de 65 anos) é uma senhora de origem africana que "não faz trabalho contra ninguém, nem pagando", mas "desfaz trabalho", pois ela só "trabalha com Deus e com as forças do bem". Pessoas de várias regiões vão à procura de Dona Delaide para resolver seus problemas de roubo, de perdas, como também de saúde. Da mesma maneira que a população descre a polícia, também é grande o descrédito em relação à saúde pública, aos postos de saúde. É verdade, também, que anteriormente todas as pessoas de Ibiraquera nasciam pelas mãos das parteiras e as doenças eram tratadas com chás das benzedadeiras ou doses de homeopatia recomendadas pelo dono da "venda", que tinha o livro e os remédios de homeopatia.

Dona Delaide, antes de atender os que a procuram, disfarçadamente toma um gole de cachaça enquanto encaminha as pessoas para uma salinha separada da casa, que possui um altar com diversas imagens de santos. De frente ao altar, pega umas folhas de árvore e começa a benzer. Utiliza a intuição para falar com as pessoas, acertando muitas vezes. Nos casos de roubo, ela descreve a casa onde o ladrão entrou e onde pode ser encontrado o objeto.

O sincretismo religioso é um traço marcante na maioria das pessoas do lugar.

Segundo os mais velhos, a reza do responso resultava em coisas positivas. Atualmente são menores os efeitos da reza, não pela falta de fé da pessoa que reza ou da pessoa que pediu a reza, mas possivelmente pela falta de fé da pessoa que roubou. A reza do responso pertencia ao imaginário social do lugar. Como os ladrões também pertenciam à mesma região, influenciados pelo "poder da reza", acabavam muitas vezes devolvendo o objeto roubado. Como já foi dito anteriormente, para a grande maioria da população dessa região, Deus é mais presente e real que o Estado.

NOTAS

(1) A realidade é movimento. A contradição é o seu motor, e a mediação é a categoria que supera a visão de causa e efeito. "A realidade, no movimento que lhe é endógeno, é exatamente a tensão dialética sempre superável do já sido e do ainda-não no sendo" (Cury, 1987: p.31). Cury em vários momentos aponta elementos direcionados para uma possível alteração da realidade. "A contradição sempre expressa uma relação de conflito no devir do real (...) A contradição é destruidora, mas também criadora, já que obriga a superação, pois a contradição é intolerável." (op. cit., 1987: p.30) "A categoria da mediação expressa as relações concretas e vincula mútua e dialeticamente momentos diferentes de um todo." (op. cit., 1987: p.43) "As expressões de fundo metafórico, inserção e anatomia, indicam a existência de mediações anteriores à articulação dos dois momentos. Dessa forma, à idéia de causa, Marx contrapõe a de mediação" (op. cit., 1987: p.64).

(2) "... pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos " (Gramsci, 1978: p.12) "Toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo o campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais" (op. cit.: p.37).

(3) "São as relações econômicas e políticas dos homens que transformam a terra em terra de pasto e de plantio; a mata em reserva de índios, (...) os espaços em lugares: (...) centro, sítio, latifúndio, posse, fazenda, arraial (...) São as relações sociais de produção que conferem à terra as muitas formas sociais que ela ganha. **A fertilidade não é uma qualidade tão natural como se poderia imaginar; está intimamente vinculada às relações sociais de produção vigentes em cada ocasião.** Conforme o estado de desenvolvimento das relações econômicas e políticas no lugar, a terra e os outros elementos da natureza terão determinadas destinações sociais; transformam-se em condições e produto dessas mesmas relações econômicas e políticas." (Ianni, 1979: p.230, grifo meu)

3.2. CORRENTES DA LIBERT[AÇÃO]

"...não podem representar-se, têm que ser representados. Seu representante tem, ao mesmo tempo, que aparecer como seu senhor, como autoridade sobre eles, como um poder governamental ilimitado que os protege das demais classes e que do alto lhes manda o sol ou a chuva" (Marx, 1978).

3.2. Correntes da Libert[ação]

3.2.1. As Teias da Dominação

Nestes anos de convivência com os moradores de Ibiraquera, a minha visão sobre o lugar tem estado em constante movimento. Do perfil dos ibiraquerenses, já alinhavado, ressalta-se sua cordialidade. São também solidários. Frequentemente são promovidos bingos para ajudar pessoas ou famílias que estão com algum problema econômico mais sério. Sempre que se vai a uma casa, o proprietário oferece "um golpinho de café". Ao mesmo tempo observam-se também momentos de rivalidade, que parecem ser um misto de insinceridade com ingenuidade e desinformação. Espaço propício para perpetuação do clientelismo (1), que é uma forma despolitizada de o eleitor exercer seus direitos, conquistado pela luta dos antepassados. Viver dos favores de outrem é um ato despolitizador, os indivíduos não usufruem seus direitos, ficando agradecidos "ao político rico" que os ajudou. Esta é a forma adequada para as oligarquias exercerem seu poder: através da ingenuidade e da pouca instrução da população. Mas é importante salientar que na base de tal exercício cria-se uma relação, pois a população quando se "vende", não o faz por pura submissão, também há consentimento.

Falar em clientelismo em Ibiraquera implica estender o fato para Santa Catarina e Brasil, pois muito do que ocorre na localidade assemelha-se aos acontecimentos de outros lugares. Ibiraquera tem atualmente uma população cujas características são propícias à manipulação: pessoas humildes da zona rural, semi-analfabetas. Transcrevo aqui uma citação que sintetiza a maneira

como o clientelismo está presente em Santa Catarina:

"Quase todas as lideranças destes pequenos municípios têm empregos, seja a nível local, seja a nível do próprio Governo do Estado, protegidos por deputados e políticos governamentais influentes, o que permite manter sob controle uma poderosa máquina eleitoral nesses pequenos municípios. Tendo em seu poder o controle do Governo Estadual e os governos municipais, pode o PDS lançar uma numerosa chapa de candidatos a vereador, na sua maioria empregados públicos (CASAN, CELESC, BESC etc.) e cobrar destes candidatos um ativismo no sentido de garantir-lhes o próprio emprego ...Nestas últimas eleições (referindo-se a 1982), governo e seus candidatos, desde os postulantes a vereador até candidatos a deputado federal despejaram nestas áreas carentes, quantidade enorme de tijolos, telhas, ranchos, banheiros, instalações elétricas, empregos, em troca de voto. Para grande parcela do eleitorado tratava-se mais de um leilão, de uma forma de aumentar sua renda, momentaneamente, de arrancar do poder alguns bens para suas necessidades imediatas que uma disputa programática e doutrinária, com influências permanentes sobre suas condições de vida. O clientelismo, como forma de distribuição de favores imediatos, continua sendo a principal forma de fazer e de dominar politicamente estas comunidades. Por sua tradição e conservadorismo, torna-se extremamente complexa e difícil a alteração deste quadro" (Motta, apud Carreirão, 1990: p.98)

O número de funcionários públicos que se candidatam nas eleições é realmente significativo. A dispensa do serviço nos três meses que antecedem a eleição é uma necessidade, para não haver vinculação do cargo na cooptação do voto, porém isto não deixa de existir. Os partidos buscam o maior número de candidatos, visando à soma dos votos para a legenda. O lançamento de candidaturas é importante, mesmo que o candidato receba apenas seu próprio voto e o da sua mãe.

3.2.2. A Autoridade Fascina o Cidadão

Em Ibiraquera, a cada eleição saem muitos candidatos, entretanto, até hoje apenas um vereador do lugar foi eleito, graças a muitas "trocas de favores".

Os velhos do lugar, que até as eleições de 1992 (na qual fiz observações que foram incorporadas neste trabalho), me pareciam as pessoas de maior integridade, sabedoria e sinceridade, que ainda guardavam os saberes artesanais -, contraditoriamente, são os que mantêm o "curral eleitoral" para que se mantenha o poder econômico dos mais reacionários da região e do país. Com muita "vivacidade" estabelecem até um preço, barganhando muitas vezes a venda do seu voto.

O comércio de votos, a forma como as questões políticas ocorrem em Ibiraguera estão presentes nas expressões lingüísticas do lugar, pois toda linguagem expressa uma visão de mundo.

"Dar um voto" é a expressão mais corriqueira: "fulano vai ter que dar um voto". Esta afirmação é indicativa da presença do clientelismo. Não se fala em conquistar, conscientizar, auto-representar, mas sim "dar" (segundo o Novo Dicionário Aurélio, dar significa ceder, presentear, doar), que pode implicar "trocar" e "vender" (acepções ausentes no dicionário).

A compra e venda dos votos torna-se atividade corriqueira numa comunidade despolitizada (2), sendo expediente usado pelos partidos e candidatos representantes da concentração de renda e poder político, não representando os reais interesses do conjunto da população.

Outra idéia vigente no local é a importância do núcleo familiar. Em função disto, afirma-se que "vence o candidato que tem maior família". Os candidatos e seus cabos eleitorais visitam religiosamente as maiores famílias, sempre procurando falar com o pai, pois este é que costumeiramente define o voto. Nota-se,

porém, que aos poucos os jovens já não sequeem a opinião dos pais. Atualmente, e com certa frequência, vem ocorrendo o inverso: por ser mais "estudado", o filho é que influi na decisão, inclusive na de seu próprio pai. O que se verifica, no entanto, apesar do processo de mudança em curso, é que, ainda hoje, a compra de votos (com favores, carradas de barro, ranchos de comida, dinheiro etc) continua a ser dominante no local.

A prática de não se posicionar publicamente sobre o seu candidato, para não "se queimar" com os adversários (caso o seu não ganhe), acontece de forma gritante: "eu só voto no candidato que ganha, para não ficar de cabeça inchada".

Muitas vezes ouve-se o chefe da família falar :

"Lá em casa nós vamos dividir os votos, 4 para o fulano e 4 para o beltrano, pois os dois são muito bons para a nossa família, devemos muitos favores a eles."

É claro que há uma sabedoria nestes velhos em não irem contra o "coronel", contra o poder econômico. Entretanto, esta sabedoria não vem de "sábio" no sentido transformador-libertador, mas sim de um processo histórico deseducativo, que procura dificultar, com toda força, a possibilidade da vivência da real cidadania naquelas pessoas.

O clientelismo, a compra de votos, o compadrio são práticas vistas com normalidade pela população de Ibiraquera. Atitudes diferentes destas são encaradas com surpresa pelas pessoas do lugar.

Entrevistando antigos cabos eleitorais de Ibiraquera, percebe-se que não consideram estar comprando, mas sim ajudando as pessoas, ao levá-las ao médico, ao casá-las no civil (3), ao conseguir uma carteira de motorista, uma carrada de barro, enfim,

concedendo algo de que o eleitor realmente necessita e que pode ser obtido naquele momento e daquela maneira.

A importância dos cabos eleitorais em Ibiraguera não é um caso isolado. Leal (1978), no seu trabalho **Coronelismo, enxada e voto**, realizado em 1948, já concluía que as relações entre chefes locais e partidos no governo faziam parte de um arranjo político bastante comum. As funções dos cabos eleitorais na política brasileira frequentemente estão associadas ao sistema do "coronelismo", termo advindo da Guarda Nacional, criada em 1831, pelo Império, que concedia o título de coronel aos chefes políticos locais. O coronel era o agente político que tinha como seu intermediário o cabo eleitoral. O clientelismo criava, e ainda cria, uma rede de clientes, isto é, famílias que acabavam dependendo desse cabo eleitoral, com acesso direto aos políticos, obtendo ambulância, caixão de defunto, ou qualquer outra necessidade que um serviço social competente pudesse garantir. Aparentemente o Estado não garante esses serviços, com as intenções camufladas de poder conseguir somente pela "via do favor".

A lembrança dos idosos de Ibiraguera, votando e participando das eleições, inicia-se a partir das eleições do PSD e da UDN no município que pertencia ainda a Laguna. Não foram encontradas referências em Ibiraguera sobre o período anterior, pois de 1937 a 1945, durante a ditadura de Vargas, também denominada Estado Novo, não havia eleições, eram nomeados os interventores.

3.2.3. A Encruzilhada dos Partidos

O multipartidarismo do período 1945 - 1965 (4), na história de Santa Catarina, é relatado por diversos autores, Lenzi (1983), Carreirão (1990), Auras (1991), os quais são unânimes em mostrar o cunho oligárquico da política catarinense.

Ao descrever a formação do PSD e da UDN no Estado de Santa Catarina, Lenzi afirma que ambos os partidos foram montados nas estruturas do republicanismo, onde o mandonismo coronelístico predominava:

"os chefes locais dominavam o exercício do voto, na montagem da máquina político-administrativa com a nomeação dos delegados de polícia, escrivães, juizes, promotores públicos, tabeliães etc., constituindo um sistema muito poderoso e às vezes indestrutível." (Lenzi, 1983: p.137).

Os dois partidos apresentam alguns traços que os assemelham e outros que os diferenciam, mas não tão profundamente ou de forma significativa (5). O PSD era representante da burguesia rural, que até 1930 integrava o Partido Republicano. Já a UDN representava a burguesia ascendente urbana, que congregava setores da burguesia urbana ligada ao comércio de importação, profissionais liberais e segmentos da burguesia nacional já ligada ao capital estrangeiro.

O PSD já nasceu forte e dominante, pois tinha o apoio de Getúlio Vargas e representava os governos local, regional e nacional. Desta maneira, a UDN, mesmo representando a burguesia e os interesses continuístas, constituía-se em oposição.

Os partidos UDN e PSD, até o golpe militar de 1964 que os extinguiu, eram os únicos com estrutura e cabos eleitorais na região, sendo também os mais lembrados pelos entrevistados -

partidos como PTB ou PCB são pouco lembrados pelos entrevistados -, pelo menos até 1950, quando a UDN ganha o Governo do Estado.

Em Imbituba, a direita dividia-se (possivelmente como estratégia de perpetuação da dominação) em PSD e UDN, aparentemente diferentes, permitindo espaços para críticas à classe governante. Na busca de canalizar as insatisfações dos grupos oprimidos e insatisfeitos, cria-se um espaço contraditório, mas no momento de real possibilidade de ruptura, sabe-se qual direção os partidos da burguesia tomam.

Na época da fundação da UDN, verificou-se a participação dos grupos de esquerda (6), os quais em pouco tempo retiraram seu apoio e uma grande maioria formou o PSB, Partido Socialista Brasileiro (nessa época o Partido Comunista era clandestino). A UDN era antigetulista, e nada nacionalista em termos econômicos, defendendo o restrito auxílio do capital estrangeiro e o não-controle das remessas de lucros. Segundo esse partido, acelerar o desenvolvimento não era possível apenas com o capital nacional, daí serem favoráveis à ajuda do capital estrangeiro.

A oligarquia Ramos, de origem lageana, - posteriormente fundadora e controladora do PSD no Estado - na figura de Nereu Ramos, quando interventor do Estado (1937-1945) no período da II Guerra Mundial, perseguiu os estrangeiros (italianos e alemães), que se constituíam num foco de oposição, alegando a necessidade de "abrasileiramento dos costumes" (Lenzi, 1983: p.142). E, neste sentido, foi deveras interessante encontrar, nos poucos cabos

eleitorais udenistas existentes em Ibiraguera, apenas pessoas de origem italiana.

São de grande riqueza os depoimentos do senhor Roberto Teixeira, um homem lúcido, que nasceu em 1908. Para a época e lugar, ele foi um dos mais instruídos e participativos. A sua família fundou o vilarejo dos Teixeiras, descrito anteriormente. Segundo seu depoimento, a disputa eleitoral sempre foi um grande embate na região. Este senhor foi durante muitos anos cabo eleitoral do PSD.

"Na época da campanha era PSD, tinha o Sagy Luiz Abrão, era um sírio muito político, então era só PSD. Era político, vivia em Imbituba e corria toda esta região a cavalo, para procurar eleitor. E eu procurava também, naquele tempo eu lia bem, enxergava. Tinha muita gente que não era eleitor porque não tinha registro de nascimento, então eu ia nas casas dos pais pegava o nome deles e dos avós paternos e maternos. Levava para registrar no cartório. Numa ocasião tirei 45 avós paternos e maternos, levei na Imbituba, registrei tudo. Daí os pais foram assinar o registro civil. Tá bom; depois de registrado peguei a nota e fui fazendo o título de eleitor, fiz e levei para Laguna. O Dr. Paulo Barreiro é que levou lá no juiz eleitoral para ele assinar os títulos."

Assim, o ingresso na esfera da política ocorria por "mão de padrinho" a quem se passava a dever "favor".

3.2.4. E Dando que se Recebe

Na lembrança de seu Roberto, a compra de votos hoje em Ibiraguera é incomparavelmente maior do que na sua época, opinião compartilhada pelo senhor Edeberto, que lembra a época do político Sagy Abraão, comerciante de grande influência no local (década de 50). Este "ajudava a comunidade" levando as pessoas doentes ao médico, ao hospital, "às vezes dava uma muda de roupa. Mas hoje não, hoje é muito material de construção,

promessa de emprego e até dinheiro vivo".

Mas mesmo que estes senhores estejam certos ao afirmar que a população ibiraquerense "exige hoje mais" para "dar" seu voto, não podemos esquecer que a política direcionada através do poderio econômico vem de longa data. Assim, os grandes partidos em Santa Catarina, na década de 40 e 50, tinham expressão na população decorrente basicamente da máquina estatal e dos poderes econômicos. Tanto é que a UDN, para ganhar o governo do Estado em 1950, impulsionou a campanha através do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina - INCO:

"... campanha desenvolvida mais em torno de nomes do que propriamente de siglas partidárias, organizada de forma que a máquina do Banco Inco foi colocada a todo vapor na cabala de votos para Irineu Bornhausen e os candidatos udenistas ..." (Laus apud Carreirão, op. cit.: p.42).

Existia uma agência desse banco em Imbituba no início da década de 50, quando o município conseguira novamente emancipar-se de Laguna. Nessa época, a Companhia Docas e a Indústria Cerâmica detinham o poder econômico em Imbituba. Essas potências econômicas dividiam-se politicamente entre PSD e UDN, estando o último mais fortalecido na década de 50. O Jornal Resistência, de Florianópolis, financiado pela UDN no governo de Jorge Lacerda, semanalmente trazia notícias de Imbituba (nessa época denominada de Henrique Lage(7)).

A UDN e o governo Bornhausen, sucedido pelo de Jorge Lacerda, investiram no sul do Estado - a questão do carvão, a termoelétrica de Capivari -, recebendo apoio da família Catão (Companhia Docas). Também era plataforma da UDN o apoio à

municipalização em 1956, quando a UDN apoiava a criação de 16 novos municípios. Entre eles estava o de Henrique Lage.

No Jornal Resistência, as notícias sobre a vila de Henrique Lage mencionavam freqüentemente falatórios intrigantes contra o prefeito de Laguna, Walmor de Oliveira, que era, obviamente, do PSD, partido adversário ao do jornal. Como esse prefeito também era presidente do Sindicato da Estiva, exercia grande influência nos meios operários. Segundo entrevista com Mario Teixeira, Walmor de Oliveira era adversário político das Docas e, mesmo não estimulando rupturas, incomodava muito o poder das Docas.

"O senhor Walmor de Oliveira apoiou muitas famílias cujas terras estavam ameaçadas de grilagem pela Companhia Docas."

O Jornal Resistência de 19/11/56, ao criticar o prefeito e sindicalista Walmor de Oliveira, refere-se a um convênio entre o sindicato e o comércio, para os trabalhadores da estiva. Os trabalhadores utilizaram tal crédito e o sindicato não quitou a dívida com os comerciantes. O jornal concluía, então, que os comerciantes imbitubenses não venderiam mais a crédito para o sindicato. Esta pequena notícia sobre Imbituba, no jornal da Capital, nos permite observar: diferentemente da década de 30, quando o grupo dominante era monolítico, permitindo espaços limitados para reivindicações dos trabalhadores, na década de 50 os sindicatos já estão criados em Imbituba e tem início a organização dos trabalhadores.

Antigo morador de Ibiraquera, "seu" Roberto relata que era cabo eleitoral do PSD, muito mais por amizade ao seu compadre

Sagy Abrão - que era político e um pessedista fanático - do que por interesse próprio. Até que resolveu trocar de partido, indo para a UDN, perdendo o compadre. Na época em que este senhor da Ibiraquera mudou de partido (final da década de 50), o PSD estava perdendo o poder estadual (8) e conseqüentemente nas diversas regiões do Estado, prefeitos e vereadores perderam a máquina política estadual e assim não se reelegeram, pois não conseguiram garantir os favores prometidos nas suas campanhas (9). Mas segundo "seu" Roberto, o motivo real de sua mudança partidária foi uma pendenga na comunidade: a questão da barra da lagoa.

Nesta questão a comunidade encontrou-se dividida, pois deveria decidir entre duas soluções divergentes. A primeira referia-se à abertura da barra junto ao costão das pedras. A segunda solução seria a abertura de um caminho através das areias, utilizando enxadas. A primeira solução era defendida pelo "seu" Roberto, junto com um grande número de representantes de Ibiraquera, os quais receberam o apoio da UDN. Este apoio foi importante para a UDN, que até então não tinha grande penetração na região, e prometera, caso vencesse, garantir a abertura da barra das pedras. Segundo "seu" Roberto:

"A barra antiga que Deus deixou foi a barra da pedra, todos matavam camarão, peixe. E a entrada de peixe porque era encostada na pedra e lá na barra da areia, não era areia, o vento aterrava, entrava tudo num momento e saía tudo noutra momento, como de fato está se dando assim.

Dáí eu me passei para o partido da UDN, na Ibiraquera só tinham dois rapazes que eram da UDN.

Eu procurei voto para a UDN e consegui 45 votos novos. Ao cabo de uns 2 meses teve a eleição, já na escola nova. Acontece que era para o Nelson Souza(10), a eleição foi domingo, e na segunda o resultado. Tinham 18 urnas (11) no município de Imituba, foram abrindo

essas urnas, o Nelson Souza era da UDN e ia perdendo por 34 votos. Quando chegou na minha urna a de Ibiraquera deu 72 votos para UDN, tiraram os 34 da falta do Nelson Souza e sobrou, foi eleito agradeça a Ibiraquera. 'Então eu fiquei grande na história!' pro partido da UDN - os pessedistas ficaram desgraçados."

A abertura da barra da praia era defendida principalmente pelo pessoal da Araçatuba, que tinha o apoio do PSD. A briga envolvendo este fato criou uma rivalidade na comunidade, que perdura até hoje. Muitos vizinhos ainda guardam mágoa. Quem lucrou com isto parece que foi a UDN, que conseguiu muitos votos na região.

Segundo outros depoimentos e também algumas lacunas na conversa do "seu" Roberto, ao se eleger, a UDN cumpriu o prometido e agilizou a abertura da barra da pedra. Após o ocorrido, não circulou mais água salgada na lagoa, crescendo muito junco e provocando o desaparecimento dos peixes de água salgada. Camarão não se criou mais e surgiu a traíra, peixe de água doce, que normalmente não habitava a lagoa.

O senhor Zé Aninha, ironizando o acontecido, afirma:

"Graças à barra das pedras, muita gente saiu da Ibiraquera, devido à fome. Foram para a cidade - principalmente Porto Alegre - e voltaram muito bem de vida."

O comentário acima refere-se aos moradores da localidade que foram "tentar a sorte na cidade grande", durante a década de 50, e retornaram para Ibiraquera com aposentadoria maior de um salário, dando inveja aos pescadores/lavradores, cuja aposentadoria pelo FUNRURAL não ultrapassa um mísero salário mínimo.

Este mesmo pescador contou uma passagem daquela época, em que conseguiu 4 camarões e sua esposa os preparou para que ele

os comesse na roça, onde estava trabalhando. A roça ficava num trajeto por onde passavam muitas mulheres e algumas delas grávidas. Assim, ele comeu o camarão e enterrou rapidamente suas cascas para que nenhuma mulher grávida pudesse ter "algun desejo" ao vê-las. Por não existir mais camarão na lagoa, caso surgisse a vontade de comê-lo, não iriam ter como saciá-la e "não ia prestar!"

Existe um "pasquim" (vide glossário), sobre a questão da barra, feito pelas pessoas que defendiam a abertura da barra da praia. Estes versos foram resgatados da memória das pessoas, pois não ficou registro escrito. Aqui transcreve-se os que ainda restam:

"A barra estava correndo,
batizaram por bonita,
compraram politiqueiros
por quatro metros de chita.

Pegaram politiqueiros,
fizeram deles palhaços,
botaram num caminhão,
levaram até o palácio.

E lá mentiram a seu favor.
Fizeram alheio e falso.

Disseram na nossa barra,
que o peixe é uma flor.
O pobre não passa fome
e é quase rico o pescador.

No ronco da miraguaia,
os cães já estão acuando,
de magros já andam arcados.
E de fome já andam gritando.

Agora o poço da pedra
tem sido vistoriado,
tem sapo de coletinho,
tem cará fantasiado.

Tinha o fundo o areal,
que era um ponto de camarão,
pegava saco e 'arqueire'
em certa ocasião.
Agora não se pega um pela mais precisão.

O siri se enterrou,
o carapicu fugiu,
a canhanha morreu cega,
o linguado se sumiu.
E o mentiroso ainda pega.

Tinha Lagoa de Cima,
tinha Lagoa do Meio.
Abre a barra,
sai a água, mas de capim fica cheio.

Ainda tinha o berbigão
que se criava enterrado.
O povo tirava ele
fazia um bom ensopado.

Com isto a nossa pobreza
sempre era alimentada.

Pedimos as autoridades,
pros bandidos que ainda estão,
devorando esta lagoa,
estragando o nosso pão."

3.2.5. O Pescador Preso à Rede

Um caso rico para ilustrar a contradição existente na problemática da cultura clientelista é a situação do pescador que depende do intermediário - dono de caminhão frigorífico ou peixaria - para vender seu peixe. O comerciante intermediário é sempre vinculado a um político local, fazendo campanha, colocando propaganda no seu comércio sempre em troca de favores, por exemplo, conseguir empréstimo nos bancos.

O processo de autonomia do pescador - que poderia ser considerado como vitorioso - não é tão simples e de certa forma não o liberta. Através de vínculos com o poder político estadual

- a política do atual senador Esperidião Amin priorizando a "opção pelos pequenos" (12) - criou-se uma rede de poder político oligárquico. No litoral este poder se expressa pelo respeito e admiração que os pescadores tem por Amin e sua esposa. "Deus no céu e Amin na terra". "Angela Amin é a padroeira dos pescadores". O presidente da colônia de pesca da região é o mesmo há mais de 10 anos e é cabo eleitoral de Amin e de seus correligionários. O governo do PMDB (1988-1991) tentou mudar este quadro de forma autoritária, impondo um interventor nas colônias, mas a hegemonia das forças representadas na figura de Amin ainda é grande, tanto que o movimento dos pescadores em prol do antigo presidente acabou por derrubar o interventor e recolocá-lo novamente no cargo.

3.2.6. Justina Era Justa

Na história da vida eleitoral dos velhos de Ibiraquera a lembrança da professora Justina é uma constante.

Esta professora, negra, nasceu em Ibiraquera em 1918. Saiu para estudar e regressou em 1943, para dar aulas como professora municipal na casa de Manoel João de Souza. Em 1946, a escola passa para a rede estadual, tendo então o seu Roberto Texeira alugado uma casa especialmente para sediar a primeira escola de Ibiraquera.

Seu Roberto lembra:

"Primeiramente eu peguei a votar na Imbituba, depois passaram para Araçatuba e depois a urna veio para a escola aqui na Ibiraquera. A primeira mestra(sic) que veio aqui para Ibiraquera foi a Justina da Conceição. Veio de Imbituba, para dar aula no engenho do Manuel João Souza. Depois do engenho eu fiz

a casa, compadre Sagy comprou uma casa pequena e eu comprei mais 40 tábuas de 2.5 metros e fiz uma casa ali e quando a casa ficou prontinha ela veio lecionar. E ali ela ficou 8 anos. Ao cabo de 8 anos, já tinha urna ali. Houve uma eleição, nesta eleição botaram ela de presidente da mesa eleitoral, sabe. Estava grávida de 5 meses, ela se incomodou muito, ficou muito emocionada, quando chegou na véspera da eleição, ela adoeceu, levaram para Laguna, no outro dia ela veio morta. No dia da eleição ela passou ali na frente da escola no carro, sepultaram ali no cemitério."

A morte dessa professora está marcada na memória das pessoas do lugar. Em diversas entrevistas se repete a informação de que ela entrou em trabalho de parto devido às pressões e brigas entre pessedistas e udenistas da comunidade.

Seu Roberto continua lembrando a partir daquela eleição de 1955:

"No mesmo dia lá na Laguna já botaram um outro presidente da urna, no lugar dela naquela eleição. Depois passou um tempo e a escola mudou de lugar e eu fiquei 30 anos presidente da mesa, sabe. Nesse tempo eu sabia muito bem, tinha a minha vista muito boa. Fechava às 5 a urna, lacrava. Uma ocasião dois soldados da Laguna vieram me buscar num jipe e a urna do meu lado. Nesse tempo já tinha estrada. Primeiramente eles vinham a cavalo. A campanha aqui tinham os comícios; faziam nas casas, muitas vezes na Araçatuba, outras em Imbituba. De 18 anos para baixo eu não sei como funcionava a eleição. Com 18 anos eu tirei o meu retrato e fiz o título eleitoral. E comecei a participar da política e a votar. Nesse tempo o Sagy Abrão é que andava aí na Imbituba, trazia o escrivão, mas era o juiz eleitoral que mandava."

Seu Roberto acumulava as funções de cabo eleitoral e presidente de mesa (13). Fala da escola como se fosse sua (eu fiz, eu comprei, o político Sagy conseguiu, por meu intermédio), traduzindo a visão clientelista. Ou seja, não é a comunidade que reivindica e consegue, mas os direitos são "doados" pelo político

"bonzinho".

3.2.7. As Teias Pré-fabricadas a Serviço do Estrangeiro

Como pudemos ver, Ibiraquera apresentava, para os políticos da sede do município (tanto quando pertencia a Laguna, como também quando passou à jurisdição de Imbituba), alguns votos que em determinado momento poderiam até definir a eleição (como foi o caso contado pelo seu Roberto anteriormente), porém era lembrada apenas como "alguns votos". Até a eleição de 1992, Ibiraquera não tinha conseguido eleger um vereador, não tinha representação na câmara. As pessoas do lugar com "influência" na prefeitura eram os pescadores, os cabos eleitorais, os trabalhadores municipais que conservavam as estradas, enfim, pessoas humildes que muitas vezes levavam camarão para o prefeito, para serem lembradas pela "autoridade".

A partir do turismo, surgiram em Ibiraquera novas forças sociais. Essas forças sociais possivelmente indicam o surgimento de dois sentidos: o "novo" e o "novíssimo". Entende-se por "novo" a perpetuação do tradicional (economia, cultura, forças políticas), cuja mudança ocorre apenas na aparência dos acontecimentos históricos no nível conjuntural. O "novíssimo" seria resultante da ruptura dos elementos tradicionais, provocando mudanças nas estruturas a partir da efetiva ação humana no cotidiano social.

As pessoas que vieram para o lugar, atraídas pela beleza, por outro lado, são também responsáveis pelos seus rumos futuros. Muitas delas vieram ainda jovens, de férias, e alteraram

a história de suas vidas, vindo morar neste local que era basicamente de lazer. Porém, sendo na maioria filhos de empresários burgueses portoalegrenses, herdaram a visão capitalista de seus pais e aqui, depois dos primeiros tempos de "curtição", passaram a lucrar com o lugar. Pousadas, restaurantes exóticos, camping, hotel-fazenda começaram a ser construídos, visando à "subsistência" dessas pessoas que optaram por morar junto à natureza. A questão é que, com a especulação, a natureza passou a ter seu valor em dólar. Ao mesmo tempo em que o atrativo do lugar ainda é a natureza, a mercantilização retalhou suas terras (FOTO 21 A e B). Esses mercenários da terra conquistaram mais facilmente seus objetivos em função da ausência de processos organizacionais do próprio lugar, tais como: diretrizes e normas reguladoras de planos e projetos de urbanização. Destruíram o motivo primeiro que os leva lá, substituindo os recantos naturais por estimulantes apelos usuais e universais do marketing - a praia da moda, os bares da moda -, todos direcionados aos jovens surfistas de alto poder aquisitivo.

Os donos de empreendimentos turísticos em Ibiraguera passam a ter influência nas instituições públicas de Imbituba. Os mesmos jovens que aqui chegaram rebeldes, simbolizados na "calça jeans azul e desbotada", contestando as instituições e o Estado, hoje se atrelam à política hegemônica existente. Não enviam camarão para o prefeito, que vai diretamente ao Restaurante Internacional da Praia do Rosa, convidado pelos donos. Esses "ex-jovens" executivos entram em qualquer repartição do município e são devidamente reconhecidos, recebendo atendimento especial com

PRAIA DO ROSA ANOS ATRAS - 1983 (FOTO 21 -A)



PRAIA DO ROSA NA ERA PRISMA DA ESPECULAÇÃO - DEZ. 1993.(FIG. 19 -B)



direito a cadeira e tudo. As influências políticas são ao mesmo tempo influências econômicas. Uma prática usada pelo especulador do turismo é contratar os técnicos da prefeitura para a elaboração e execução dos projetos, garantindo, com a sua cooptação, influência para aprovação do projeto.

3.2.8. Há Diversos Caminhos, Basta Construí-los

A trajetória dos "filhos do lugar", que saíram para estudar e agora voltam, não pode ser descrita genericamente. Cada um teve uma história de vida.

Exemplo disso é o caso de um jovem filho de pescador que foi estudar Engenharia, contando com os escassos recursos da família. Recentemente retornou para Ibiraquera, construiu uma casa cercada de muros altos, montou uma empreiteira que presta serviços à administração municipal, contratando vários jovens do lugar. Na eleição, candidatou-se a vereador pelo partido do prefeito, não para se eleger mas para garantir os votos da sua família e dos seus funcionários para a legenda do partido que lhe garante empreitadas.

Outra história significativa é da personagem Ana, também filha de pescadores, a terceira de uma família de onze irmãos. Para estudar, foi morar primeiramente em Imbituba, trabalhando como empregada nas casas dos políticos conhecidos de seu pai. Foi ali que começou a sua compreensão sobre exploração e dominação humana. Trabalhava de dia e estudava de noite. Quando podia, durante as folgas, vinha para Ibiraquera, conversava, ajudava seus pais e irmãos, à noite lia, iluminada pela pomboca.

De Imbituba foi para Florianópolis, ainda trabalhando em casas de família. Terminou o curso de mestrado e passou a trabalhar no Instituto de Educação. Enquanto trabalhava como professora, fez a Faculdade de Serviço Social. Garantiu que todos os seus irmãos estudassem, não apenas dando mais condição para que isto ocorresse, mas também discutindo com a família a importância da escola e da educação como forma de ampliar os horizontes, possibilitando às pessoas novas opções na vida.

Ana concluiu o curso superior, trabalha no Estado e continua estudando, fazendo especialização. Na eleição de 1992, participou como pré-candidata à vereadora, na comunidade, mas não pelo partido dos patrões. Juntamente com um grupo de pessoas, iniciou discussões para futura organização da população, defendendo a idéia de que as instituições deveriam estar realmente a serviço da população. E não somente para aquela restrita população urbana dos "políticos respeitáveis", que ela tão bem conheceu no dia-a-dia quando, ainda menina, trabalhava em suas casas.

Ana saiu de Ibiraguera nos tempos da "pomboca". A população do lugar conhece a sua história e a respeita muito. Embora bem votada, não conseguiu eleger-se. As pessoas diziam: "mas ela é mulher", "o partido dela não ganha", ou "eu gosto muito da família dela, mas o outro candidato veio primeiro me pedir o voto". Os outros pré-candidatos foram buscar de caminhão os eleitores, fizeram promessas que os eleitores queriam ouvir. Mas ela não, sempre com grande tranquilidade, iniciou em Ibiraguera uma nova forma de fazer política. Na contra-mão das campanhas tradicionais, não deu nada em troca de votos, não fez

promessas mirabolantes; de casa em casa, conversou com a população. A grande maioria dos jovens de Ibiraquera apoiou Ana e surgiram muitas discussões sobre o que se espera do lugar.

A trajetória dessas duas pessoas, filhos de pescadores que saíram da localidade e retornaram formados pela universidade, tomando rumos políticos opostos, demonstram, por um lado, a tendência dominante do caminho fácil trilhado pelos políticos oportunistas da situação, até então hegemônico; e por outro lado, a presença de uma concepção crítica frente ao mundo.

Passado o processo eleitoral, diminuiu a discussão e o envolvimento das pessoas, na perspectiva de soluções tanto para os problemas da localidade, quanto para os mais abrangentes. Nas campanhas eleitorais já se vislumbra a possibilidade de rápidas mudanças. Todavia, é fundamental a atuação crítica e permanente de muitos para aí sim, criar as condições necessárias para as transformações desejadas. Existem elementos aglutinadores em Ibiraquera, mas a organização ainda é tênue. A luta pela sobrevivência no dia-a-dia consome a energia das pessoas, que somente se organizam em momentos extremos como os de campanha política. Os jovens adolescentes constituem o grande potencial de contestação e críticas, pois ainda não estão presos às teias de interesses. Ao mesmo tempo que podem facilmente ser cooptados pelo ténis da moda, esses jovens trazem interiormente uma imensa rebeldia e questionamentos ao **statu quo**. Necessitam, assim, de um ambiente que possibilite articular e sistematizar esses questionamentos, um espaço que aponte também atividades políticas adequadas aos interesses da idade do grupo. O "grupo de jovens"

de Ibiraguera, por enquanto, trabalha na direção da competição de vaidades (a mais bela ...) e do tênis da moda. Porém, há indícios de outros caminhos, de um trabalho pedagógico, não de adestramento, mas de formação, possibilitando que a história de vida desses jovens se oriente para a transformação e não para a perpetuação do velho-tradicional-clientelista-opressor-dominador.

NOTAS

(1) Para Marli Auras, o clientelismo é um problema secular na história deste país, tradicionalmente governado por uma elite que, entendendo a política como seu patrimônio, procura manter o povo, a todo custo, na condição de subalterno em relação ao Estado. (Anotações do encontro realizado no dia 12/03/93, para discussão deste trabalho).

(2) A expressão "comunidade despolitizada" é utilizada a partir da idéia de que Ibiraquera vive relações sociais baseadas na interpessoalidade, isto é, na "família", numa percepção pouco complexa da sociedade. A população de Ibiraquera compreende a realidade com elementos que não vão muito além da família, da Igreja, da explicação teológica da vida, justificadora da sociedade e que a tudo confere sentido. É notória a condição de pouca elaboração teórica (práxis reiterativa). O Estado é um universal abstrato, distante das relações sociais pouco complexas desses moradores. Deus lhes é mais presente ou o "doutor", o "coronel", que é/são os "donos" do Estado, que "bondosamente" lhes asseguram uma carrada de barro - objetivamente, imediatamente útil - em troca de um gesto nada complexo: depositar um voto na urna. O homem comum sai convencido de que ganhou com isto!

(3) Foi uma prática rotineira as caravanas irem ao Cartório de Imbituba para realizar casamentos no civil. Segundo a Constituição, toda pessoa que não tem condições econômicas, levando um atestado da delegacia, pode casar sem pagar taxas no tabelionato. Os casais que já viviam juntos, sem conhecer a lei, trocavam os votos da família pela legalização de sua união de fato.

(4) O pluripartidarismo começa em 1945, no final da 2ª Guerra Mundial, período de reivindicação dos direitos democráticos no nível mundial, que se expressa no Brasil com o fim do Estado Novo e eleições para presidente convocadas para 2 de dezembro daquele ano. A extinção do pluripartidarismo ocorreu em 1965, quando o presidente Costa e Silva, através do Decreto AI-5, extinguiu todos os partidos políticos.

(5) Segundo Marli Auras, ambos " ... representavam as faces de uma mesma moeda, facções articuladas e historicamente constituidoras da burguesia nacional, o bloco agrário e o bloco urbano industrial, sempre juntos quando se tratava de defender seus interesses patrimoniais frente aos "subversivos" interesses

sociais dos subalternos" (1991: p.160).

(6) A presença de grupos de esquerda na origem da UDN é uma característica apenas no nível nacional, pois segundo Carreirão: "não parece ter havido participação de líderes ou grupos liberais (de cunho ideológico) nem de segmentos de esquerda na formação da UDN catarinense" (CARREIRÃO, 1990: p.41)

(7) Imbituba significa, em tupi-guarani, local com muito imbé, um cipó de cuja casca se fazem cordas. Por 10 anos a região de Imbituba foi chamada de Henrique Lage. Em 1949, a Assembléia Legislativa mudou o nome de "Imbituba" para "Henrique Lage" a fim de homenagear a personalidade de mesmo nome. Em 6 de outubro de 1959, portanto já emancipado o município, a Assembléia aprovou decreto retornando o nome do município para Imbituba.

(8) Em 1950 Irineu Bornhausen foi eleito governador do Estado pela UDN. Em 1955, venceu novamente a UDN com Jorge Lacerda para governador. Só em 1960 o PSD (a oligarquia Ramos) retoma o poder do Estado com Celso Ramos.

(9) É o dito popular "o feitiço vira contra o feiticeiro". Os politiquinhos que mantêm uma relação de compra de voto e de troca de favores acabam muitas vezes sem conseguir satisfazer os seus eleitores, que ficam cada vez mais exigentes - não da qualidade do político em representá-lo -, mas no preço do cliente.

(10) Como presidente da UDN na região, Nelson Souza articulava e negociava com os políticos de todos os partidos, principalmente na questão da conquista da emancipação do município. Foi o primeiro prefeito eleito em Imbituba (1959-1964), após sua emancipação de Laguna. Segundo os registros eleitorais, Nelson Souza derrotou o candidato do PSD, Florentino Machado, por 61 votos. Segundo Manoela Martins (op. cit. 1978: s/p) Nelson Souza era comerciante e recebeu apoio total da Cia. Docas de Imbituba e da Indústria Cerâmica Imbitubense. Imbituba se havia tornado município em 1924, mas com a revolução de 30 o município foi suprimido, passando novamente a fazer parte do município de Laguna, como distrito.

(11) Hoje existem 67 urnas no município.

(12) A tese de doutorado da professora Marli Auras - "Poder Oligárquico Catarinense: da Guerra aos 'Fanáticos' do Contestado

à "Opção pelos Pequenos" - demonstra o trabalho da estratégia política da oligarquia em permanecer no poder através do discurso em favor dos pequenos, tendo Amim como representante maior desse novo marketing político.

(13) Dentro do sistema político clientelista é normal cabo eleitoral e até candidato participar da mesa eleitoral, como é o caso citado por Marli Auras : "A família Ramos, um dos suportes da duradoura oligarquia catarinense, exercia seu mando a partir de Lages. (...) Como o voto de cãbresto era regra geral, os candidatos da família eram, naturalmente, imbatíveis (...) nas eleições para vereadores lageanos, em 1886, os candidatos irmãos Vidal e Belisário Ramos, compuseram a mesa eleitoral ..." (Auras, 1990: p. 53).

R E F L E X Õ E S

F I N A I S

"Aplicar a vontade à criação de um novo equilíbrio das forças realmente existentes e atuantes, baseando-se numa determinada força que se considera progressista, fortalecendo-a para levá-la ao triunfo, é sempre mover-se no terreno da realidade factual, mas para dominá-la e superá-la (ou contribuir para isso)" (Gramsci, 1976).

REFLEXÕES FINAIS

Historizar é uma forma de compreender o hoje como resultado de um processo (que não é linear), apontando potencialidades para o amanhã. Qual a história do povo que habita o litoral catarinense? Quem habita este litoral atualmente? Não é mais o índio carijó, que deixou aqui poucas mas inquestionáveis marcas. Não são mais os imigrantes vicentinos, ou dos Açores ou mesmo da Madeira. Quem hoje habita o litoral catarinense é uma vasta população de homens e mulheres, população heterogênea e complexa em sua cultura, interesses e aspirações, sendo impossível falar-se de uma "cultura pura", nativa, do pescador açoriano. O nativo incorporou novos conhecimentos para resistir, sua cultura transformou-se para que pudesse sobreviver.

Como diz José Luiz dos Santos, discutir cultura implica discutir o processo social concreto (1983: p.46). E esse processo concreto do pescador-agricultor vai muito além dessas páginas que tentam alinhar alguns fatos e dados da história do litoral catarinense e em especial da história de Ibiraquera, como feixe de múltiplas determinações: os índios carijós, os açorianos, a política clientelista, o movimento ecológico, a exploração turística, entre outras. A história de Ibiraquera é específica do litoral catarinense, mas tem sua universalidade.

A Antropologia deste século introduziu um novo conceito de sociedade primitiva e sociedade civilizada, não mais hierarquizada, como era visto no século XIX, mas tendo cada cultura seus próprios critérios de avaliação, pois para construir uma hierarquização é necessário subjugar uma cultura aos

critérios da outra. O que não podemos negar é que o capitalismo "impôs" a sua forma de produção, a sua cultura (cultura de massa) à comunidade pesqueira. Não há mais uma cultura inferior, e sim uma cultura "subjugada". Desta maneira, incorporar novos elementos para resistir é um processo contraditório, sendo necessário um andar histórico, com sujeitos históricos, com uma sociedade civil participativa num processo claro e consciente, no sentido de saber o que se é enquanto cultura, e o que é essencial manter para resistir. Por outro lado, sabemos que a história não é construída puramente pela razão (idealismo), a razão reconstrói a história. Entretanto, "a história é incapaz de prever e de predizer o futuro" (Le Goff, 1990: p.8), daí porque "os pontos de resistência são diversos, e muitos deles inesperados, configurando uma complexidade na correlação de forças. A resistência não está dada de forma natural, mas se cria no próprio terreno onde se exerce" (Flores, 1991: p. 267).

Segundo Le Goff, a memória procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro, e a conquista da memória é instrumento e objeto de poder:

"Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permite compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória" (Le Goff, 1990: p.476).

O exercício do direito à diferença (a existência sem preconceitos das minorias étnicas, sexuais, culturais, religiosas etc.), numa sociedade em que a história se dá por lutas hegemônicas, é uma utopia a ser conquistada. O direito e a igualdade se dão não pelo consentimento do mais forte, mas sim na

correlação de forças.

O processo por que passa hoje Ibiraguera, de especulação capitalista do turismo, é a realidade atual do lugar. Impedir este processo é querer iludir-se. Muitos moradores contrários ao desenvolvimento falavam em manter as estradas cheias de buracos, obstaculizando a chegada dos turistas. Mas sabemos que isto não basta; abrupta ou lentamente iriam ocorrer as transformações relatadas neste trabalho. Porém, não se afirma que o futuro de Ibiraguera possa ser pré-determinado. Há, é verdade, tendências fortes de um movimento hegemônico universal, que iguala as diferentes culturas e regiões, mergulhando-as na exploração capitalista. Compreender essas tendências e, em conjunto, vislumbrar e trabalhar para intervir de forma diferente no processo dado como determinante é a aposta que se faz.

Assim, entender a história como construção humana é diferente de uma leitura dogmática da realidade - em que o capital vive seu processo inexorável, lei determinista, a qual acaba por nos tirar a ação - estando a história pré-determinada. Os atores sociais, nesta visão, não improvisam, não têm o "novíssimo", só restando o que já está determinado, neste caso não por Deus no céu, mas pelo deus capital, na terra. Entretanto, sem cair num idealismo, a intervenção conseqüente numa dada realidade é situada historicamente, ela não é redentora.

Em que direção aponta o movimento em Ibiraguera? O movimento ecológico aponta para a defesa do meio ambiente e a ultrapassa, na medida em que pessoas vivem neste habitat, tanto pescadores como trabalhadores em geral. Ibiraguera não está isolada do município, a luta do trabalhador do comércio, do ceramista na fábrica, do funcionário da ICC é também a luta do ibiraquerense.

Estamos todos na luta. Mesmo os que parecem não estar

participando, a sua forma de não-atuação é uma ação em favor do velho, do até então hegemônico. A construção de uma sociedade mais justa é meta imprescindível. O movimento social vive momentos de ascensão e outros de retrocesso. Sabemos que não é para agora, tardará ver-se uma nova sociedade. Mas esta é uma aposta de vida.

G L O S S A R I O

Cada lugar cria um vocabulário próprio. Da mesma forma, Ibiraquera desenvolveu o seu vocabulário, misto de origem açoriana com outras diversas influências recebidas.

O vocabulário expressa uma visão de mundo, as palavras são códigos que, variando de região para região, traduzem uma filosofia, na medida em que a linguagem é inseparável da cultura e da história. É necessário situar a questão da linguagem também nos níveis econômico e social, não para explicar que aquela comunidade não se expressa através da língua oficial padrão, pois não foi escolarizada, mas sim para entender melhor qual é o entedimento de determinada questão. Não para justificar o óbvio, mas para buscar o universo específico vivido pela comunidade, sem esquecer as mediações existentes com a sociedade dominante, urbana, que detém o capital cultural e o capital econômico.

Gramsci, um pensador radicalmente dialético, pois todas as suas reflexões estão impregnadas da questão da relação teoria e prática, numa eterna luta pela unidade desta relação, processo de "devenir histórico", ensina que:

"... 'linguagem' é essencialmente um nome coletivo: ela não pressupõe uma coisa única, nem no tempo nem no espaço. Linguagem significa também cultura e filosofia (ainda que no nível do senso comum) e, portanto, o fato 'linguagem' é, na realidade, uma multiplicidade de fatos mais ou menos orgânicos coerentes e coordenados (...)" (1978, p. 36).

Este glossário visa registrar termos riquíssimos, pois na maioria das vezes a palavra e seu som abarcam com justeza o significado, o conteúdo que se deseja expressar.

ABROCHAR - ligar (os bois) com brocha (Ferreira, 1975: p.12)

AGULHA - lançadeira para fazer a rede de pesca

ALMANJARRA - Pau que liga o animal ao engenho, o animal puxa e movimenta as peças do engenho.

ANÓZ - espécie de amêndoa rica em oleosidade, usada ainda hoje para fazer sabão e antigamente para iluminar. Esta "baga" nasce na anogueira (árvore de porte grande, mas de madeira leve e fraca) "S. F. bras. V. amendoeira-da-praia" (op. cit., 1975: p.103)

ANTOLHOS - Tapa-olho colocado no boi quando amarrado à almanjarra para girar as rodas do engenho. Em Ibiraquera se diz antrólios, mas, segundo o dicionário, a palavra é antolhos e vem de ant(e) + olhos. Peças de couro ou de outra matéria opaca que se colocam ao lado dos olhos da cavalgadas, limitando-lhes o âmbito da visão, para que não se espantem (op. cit., 1975: p.107). No caso dos antolhos do boi na canga do engenho, vai além de limitar a visão, esta é totalmente vedada, para que ele não fique tonto ao permanecer rodando por horas em torno do monte do engenho.

ARRASTÃO - pescaria com rede grande e a participação de várias pessoas.

BAGA - caroço, semente, as bagas do urucum servem para fazer o colorau. "[Do lat. bacia ou bacea] S. F. (...) 3. Bras. Semente de mamona" (op. cit., 1975: p.174).

BEIJU - biscoito feito da massa da mandioca (a massa está no estágio após ser prensada). O beiju é assado no forno de secar a farinha da mandioca. "[do tupi mbe'yu] S. M. Bras. Bolo de massa de tapioca ou de mandioca, do qual há numerosas espécies: beijuaçu ou beijuquaçu, beiju-membeca, beiju-moqueca, beijuteica, beijuxica, birorô, malcasado, saporô e tapioca. [Var.: biju]" (op. cit., 1975: p.195)

BIJU - Pronúncia preferida em Ibiraquera. Mesmo que beiju.

BIJAXICA - bolo de massa da mandioca, misturada com amendoim, açúcar, cravo e canela, cozido na cuscuzeira, o que a torna pegajosa. "BEIJUCICA [De beiju + o tupi sika 'pegajoso'; var. beijuxica] S. m. Bras." (op. cit., 1975: p. 195).

DECIMAS - Versos e "pasquins" contados de um para outro e também afixados nas portas de Ibiraquera. Segundo o dicionário, "Estrofe de 10 versos de 7 sílabas, cujo esquema rimático é mais comumente ABBAACCCDDC (...)" (op. cit., 1975: p.421).

CAMARADAGEM - é nome dado aos trabalhadores nos ranchos de pesca,

possivelmente devido à convivência intensa durante os meses em que ficam juntos morando nos ranchos de pesca. "S.F. 1. Convivência de camaradas, 2. Convivência íntima e agradável. 3. Procedimento ou atitude própria de amigo ou camarada." (op. cit., 1975: p.259).

ESCALAR - "Escalar o peixe"- processo de conservação de pescado bastante usado quando não existia geladeira, nem freezer. "Corta-se a cabeça, depois o rabo. Faz-se um corte de baixo para cima, do rabo até em cima. Levanta-se a espinha, que ficará de um lado. Tira-se a buchada. Põe-se o sal e leva-se ao sol. Leva 4 ou 5 dias para secar e uns 10 a 15 dias de sol para ficar amarelinho. Guarda-se num balaio e depois consome-se fervido, desfiado, ensopado ou frito." (Lupi, 1985: p.94).

FARINHAR - verbo que significa fazer a farinha.

GRETA - fresta, buraco, : O vento sul entrava pelas gretas da parede. " Do lat. vulg. crepta (...) 'rebentar') (...) 2. V. fenda (1)" (Ferreira, 1975: p. 701).

LANCE - o ato de tarrapear ou cercar com a rede. "Anastácio deu um lance de 2 mil tainhas".

MANDRILHO - palavra largamente usada na região." [Do esp. mandria + ão] Freguioso, ocioso, indolente, vadio." (op. cit., 1975: p.877).

MANTA DE PEIXE - cardume de peixe

NOIDA - corruptela de nódoa, mancha produzida por líquido que sai das plantas: A noida da bananeira quando cai na roupa não sai mais. "NODOA. Do lat. notula, 'pequeno sinal'] S.F. 1. Sinal de um corpo ou substância suja; mancha." (op. cit., 1975: p.976).

PARELHA - equipamento para a pesca do arrastão. Segundo Novo Dicionário Aurélio, a palavra parelha vem de semelhante, igual, parecido (1975: p.1036). Até então não temos encontrado ao certo o motivo do nome parelha para o equipamento de pesca. Segundo informação de um pescador, Seu Ney, a palavra parelha significa que não dá para ser sozinho precisa de companheiros, de parceiros, de pares para trabalhar com o equipamento. Ou será uma corruptela de "aparelho" de pesca?

PASQUIM - Em Ibiraquera usava-se contar histórias e estórias em forma de versos rimados, que as pessoas chamavam de pasquim ou décimas. Segundo dicionário, pasquim significa: "Sátira afixada em lugar público. Jornal ou panfleto difamador." (op. cit., 1975: p. 1041).

PATRAO - Chefe da camaradagem, o que senta na popa e dirige a embarcação.

PELICA - termo usado em Ibiraguera com o significado de plástico. "Não esquece de levar a pelica quando fores à venda". Segundo dicionário: "S.F. Pele fina, curtida e preparada para luvas", calçados etc. (op. cit., 1975: p. 1060).

POLVILHO - fécula da mandioca. Coloca-se a massa da mandioca de molho no cocho, depois aos poucos vai se coando a massa molhada em um pano, a água branca que passa pelo pano é cheia do polvilho, que depois de seco ao sol é guardado para fazer roscas e broas.

POMBOCA - luminária feita de lata com pavio de algodão. O pavio era mergulhado no óleo de peixe ou de anoga, hoje substituído pelo querosene: Antônio, pegue a pomboca e vamos à pesca do camarão. O dicionário só registra a palavra no sentido de boboca, indivíduo moleirão, incapaz. (op. cit., 1975: p.1111).

PROEIRO - o que comanda na proa a direção para onde deve ir a canoa.

QUINHÃO - palavra comumente usada na região. [do lat. quinione] S.M. A parte de um todo que cabe a cada um dos indivíduos pelos quais se divide; porção, partilha, cota (op. cit., 1975: p.1175).

TAPIOCA - derivado da mandioca, granulado e rico em polvilho, inchado com leite, fica tipo uma massa e assim é comido.

TIPITI - (o som da letra m é pronunciado - tipitim, mas a palavra é encontrada nos livros sem o m: tipiti) balaio trançado de bambu usado para colocar a massa da mandioca para ser prensada: A mandioca é prensada e sai a água pelas "gretas" do tipiti. "[Do tupi tɨpɨ'tɨ] S. m. Bras. 1. Cesto cilíndrico de palha, no qual se põe a mandioca que se vai espremer" (op. cit., 1975: p.1379). Fica a pergunta : O "m" pronunciado na palavra de origem indígena pode ser influência açoriana ?

VENDA - Em Ibiraguera é muito usada esta palavra no sentido de armazém. Também o dicionário aceita este sentido para a palavra, "bar, botequim, taberna" (op. cit., 1975: p.1448).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Cleide. Articulação de Localidades Periféricas com a Vida Urbana: o exemplo de uma área de pescadores. Anais do Museu de Antropologia Universidade Federal de S.C.no 18. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 1990. p.57-74.
- ARROYO, Miguel. Educação e Exclusão da Cidadania. Educação e Cidadania: quem educa - o cidadão?. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987. p. 31-79.
- AURAS, Marli. Poder Oligárquico Catarinense, da guerra dos "fanáticos" do Contestado à "opção pelos pequenos". Tese de Doutorado. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BACHELARD, Gaston. A Dialética da Duração. São Paulo: Ed. Atica, 1988.
- BALEIAS, Imbituba, Imbituba, 7 dez. 1929, p.2.
- BARTHES, Roland. A Câmara Clara. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BECK, Anamaria. Lavradores e Pescadores - um estudo sobre trabalho familiar e trabalho acessório. vol.I. Florianópolis: UFSC, 1979.
- BOITEUX, Lucas A. A pesca em Santa Catarina. Florianópolis: Federação das Colônias Cooperativas de Pescadores do Estado de Santa Catarina, 1934.
- BORDA, Orlando Fals. Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos. Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 42-62.
- BOSSLE, Ondina P. Henrique Lage e o Desenvolvimento Sul Catarinense. Florianópolis: Ed. UFSC, 1981.
- _____. História da Industrialização Catarinense (Das Origens à Integração no Desenvolvimento Brasileiro). Florianópolis: Ed. Comemorativa CNI e FIESC, 1988.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dados sobre Imbituba. Florianópolis, 1992.
- BRASIL. Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA). Lista de credenciamento. Imbituba, 1987-1992.
- CABRAL, Oswaldo. Os Açorianos. Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense. vol II, Florianópolis, 1950.

- CALDEIRA, Almiro. Arca Açoriana. Florianópolis, Editora da UFSC, 1984.
- CAMPOS, Nazareno José de. Terras Comuns na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.
- CANDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.
- CARREIRAO, Y. DE SOUZA. Eleições e Sistema Partidário em Santa Catarina (1945-1979). Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.
- CASCAES, Franklin J. Franklin Cascaes Vida e Arte e a Colonização Açoriana. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.
- CHAUI, Marilena. Conformismo e Resistência. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____ . Seminários. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CORREA, Carlos H. P. História Oral: Teoria e Técnica. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1978.
- CURY, C. R. Jamil. Educação e Contradição. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1987.
- DALL'ALBA, Pe. João Lenoir. Colonos e Mineiros no Grande Orleans. Orleans: Ed. do Autor, 1986.
- _____ Imigração italiana em Santa Catarina. Documentário. Caxias do Sul: EDUCS, Ed. da Universidade de Caxias do Sul, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brades, co-edição Editora Lunardelli, 1983.
- DIAS DUARTE, L. F. Da vida nervosa, nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro: J.Zahar E./CNPQ, 1986
- ECKERT, Cornélia. Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão (la Grand-Combe, França). Artigo, resumo de tese de doutorado em Antropologia, apresentado no 13o Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, México, 1993. (Mimeo).
- FAZENDA, Ivani et al. Metodologia da Pesquisa

- Educacional. São Paulo: Editora Cortez, 1989.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FLORES, Maria Bernadete R. Teatros da Vida, Cenários da História A farra do Boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina. São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- GRAMSCI, Antônio. Concepção Dialética da História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- _____. Os intelectuais e a organização da cultura. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- _____. Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- GRUPPI, Luciano. Tudo começou com Maquiavel. Porto Alegre: L & PM, 1980.
- IANNI, Otávio. Estado e Planejamento Econômico (1930-1970). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1971.
- _____. A luta pela terra. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- LAGO, Paulo Fernando de A. O Açoriano e o Trópico Catarinense. Anais da 2ª semana de Estudos Açorianos. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.
- LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto. São Paulo: Alfa-ômega, 1978.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas. Ed. da Unicamp, 1990.
- LENZI, Carlos Alberto S. Partidos e Políticos de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983.
- LÖWY, Michael. As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen. 3. ed. São Paulo: Editora Busca Vida LTDA, 1988.
- LUPI, João; LUPI, Suzana. São João do Rio Vermelho. Memória dos Açores em Santa Catarina. Porto Alegre: Editora EST, 1985.

- MARTINS, Manoel. Imbituba. Criciúma: Ed. e Gráfica Ribeiro, s/d.
- MARX, Karl. Posfácio. Coleção grandes cientistas sociais. História. São Paulo: Atica, 1989.
- _____ . O 18 Brumário e cartas a Kugulman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MIRANDA, Veiga. Imbituba: Impressões de uma excursão a Santa Catarina. Rio de Janeiro: Editora Alba Limitada, 1933.
- MONÉGAL, Elmir R. Borges por él mismo. Barcelona: Laia Litraura, 1984.
- NASCIMENTO, Bartholomeu J. Edital. Imbituba, Imbituba, 10 jan. 1925, p. 3, c.4-5.
- FAVAO, Theotonio. Abatigé Cumandai. Tupi-quarani - Português e vice-versa. São Paulo: Naqycolor Ed. Ltda, 1987.
- PELUSO Jr., Victor A. Contribuição à Geografia. Aspectos da vida e da obra de Auguste de Saint'Hilaire. Florianópolis: IOESC, 1979.
- PEREIRA, Nereu do Vale. A origem e a Tecnologia dos Engenhos de Farinha de Mandioca da Ilha de Santa Catarina. Anais da 2ª semana de Estudos Açorianos. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989. p.250-266.
- PEREYRA, Carlos. Configuraciones: Teoria e história. México: Editorial Edicol, 1979.
- PESSOA, Fernando. O Eu profundo e os outros Eus, 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- PIAZZA, Walter. A Epopéia Açórico-madeirense: 1748-1756. Florianópolis: Ed. da UFSC, Ed. Lunardelli, 1992.
- PIAZZA, Walter F. et al. Santa Catarina História da Gente. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1987.
- REITZ, Raulino. A denominação de Imbituba. Resistência, Florianópolis, 19 nov. 1956, p.6, c. 3-4-5.
- RIAL, Carmem S. Mar de Dentro : a transformação do espaço social na Lagoa da Conceição. Porto Alegre, 1988. Dissertação (Mestrado em Antropologia) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RIBEIRO, Manoela Alves. Caminho. Florianópolis: edição independente, s/d.

- ROCHA, Eiton Batista. Os engenhos de Farinha de Mandioca da Ilha de Santa Catarina e suas transformações. Anais do Museu de Antropologia da UFSC Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 1985. p.75-94.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, Livraria Itatiaia, Edt. Ltda, 1978.
- SANTA CATARINA. Cooperativa de eletrificação Rural de Paulo Lopes (CERPALO). Planta de Ampliação da rede elétrica. Paulo Lopes, 1977-1978-1981.
- SANTA CATARINA. Indústria Carboquímica Catarinense (ICC). Uma realidade na economia catarinense. Imbituba, Departamento de Documentação e Divulgação, 1991.
- SANTOS, José Luis. O que é cultura. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTOS, Silvio Coelho. História de Santa Catarina. 2. ed. Florianópolis: Edição Independente, 1977.
- SAVIANE, Demeval. Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
- SHAFF, Adam. História e Verdade. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- SILVA, Célia Maria. Ganchos/ SC: Ascensão e Decadência da Pequena Produção Mercantil Pesqueira. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.
- SOARES, Magda. Linguagem e escola. 4. ed. São Paulo: Atica, 1987.
- STACCONE, Giuseppe. Gramsci: 100 anos Revolução e Política. Petrópolis: Vozes, 1991.
- VIANNA, Luiz Werneck. Liberalismo e Sindicato no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1976.
- VOLFATO, T. G. A Pírita Humana: Os mineiros de Criciúma. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.
- WEFFORT, Francisco. O Populismo na Política Brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1978.
- ZUMBLICK, Walter. Teresa Cristina: A ferrovia do Carvão. Florianópolis: Ed. UFSC, 1987.

L I S T A D E E N T R E V I S T A D O S

MORADORES DE IBIRAQUERA:

Dona Eugênia (16/06/92)
Dona Chiquinha (12/06/93), (17/06/93)
Dona Tomázia (08/04/92)
Dona Aurora (05/04/92)
Dona Regina (07/12/93)
Dona Maria (26/03/92)
Dona Edite (25/05/92), (27/08/92), (05/09/92), (07/06/93)
Dona Serafina (27/03/92)
Dona Raquel (14/04/92)
Dona Máxima (10/04/92)
Dona Ana (14/10/93)
Dona Chinoça (14/10/93)

Seu Adelino (7/12/92)
Seu Herminio (14/04/93)
Seu Roberto Texeira (15/04/93), (23/05/93), (08/09/93)
Seu Agrippini (10/04/92)
Seu Lisso (26/03/92)
Seu Zé Aninha (25/05/92), (05/09/92), (07/06/93)
Seu Francisco Irineu (09/09/93)
Seu Edeberto (07/08/93)
Seu Marcelino (07/08/93)
Seu Abilio (08/04/92)

MORADORES DE IMBITUBA

Almy Nunes (presidente da colônia de Pesca) - (13/07/93)
Mário Texeira (funcionário público aposentado) - (09/09/93)
João Batista (representante do grupo de jovens da pastoral)
(02/09/93)

A N E X O - I

D I T O S D O S A B E R P O P U L A R

O conhecimento dos "nativos" sobre o lugar onde moram é muito grande. Em relação ao tempo, por exemplo, se vai chover ou não, é impressionante como na maioria das vezes o "palpite" é certo. Esses palpites estão impregnados de conhecimentos advindos de muita observação, passados de pai para filho.

Por considerar importante este saber popular, registro aqui alguns "conceitos" sobre o tempo:

"Quando a chuva vem de leste, são no mínimo 3 dias de chuva."

"Quando chove na mudança de lua, vai chover por muito tempo".

"Quando o tempo é seco, por mais que a chuva ameace acaba não chovendo, as nuvens correm para o mar. Já quando o tempo é pra chuva, qualquer nuvenzinha aparece e já começa a chover."

"Névoa baixa, sol que racha."

"O vento nordeste começa de manhã fraco e quando chega à tarde está soprando forte."

"Quando começa a bater vento nordeste, só pára com o vento sul soprando ao contrário, ou então com chuva."

"O vento nordeste é o vento da primavera, ele é constante, mas é um vento geralmente fraco, já o vento sul é

vento perigoso, é muito forte..."

"Se o tempo está bom, com o céu limpo e aparecem uns riscos de nuvens, é porque o tempo vai mudar, vai entrar vento e possivelmente chuva."

"Quando é época de tainha e sopra vento Sul é só aguardar que elas, as tainhas, vão aparecer".

"Quando o galo canta fora de hora, é porque vem mudança de tempo."

A N E X O - II

TABELA "A"

DADOS ELEITORAIS DO MUNICIPIO

	1982	1988	1993
N _o DE ELEITORES NO MUNICIPIO	12.441	17.187	20.655
N _o DE URNAS	49	57	67
N _o DE ELEITORES EM IBIRAQUERA	451	475	1.011
N _o DE URNAS	2	2	4

FONTE: Comarca de Imituba, Justiça Eleitoral, 34^a Secção.

Obs.: a) A partir de 1980, a Comarca passou para Imituba, antes o juiz eleitoral era de Laguna.

b) Ultimos dados são do plebiscito (21/março/93).

c) Estamos considerando como Ibiraquera, a vila do Texeira e a vila da Grama.

TABELA "B"

AREA TOTAL DO MUNICIPIO : 11.411,2 HA.

AREA TOTAL DE IBIRAQUERA : 1.299,50 HA.

PROPRIEDADES CADASTRADAS NO INCRA - MUNICIPIO DE IMBITUBA

	TOTAL IMOVEIS CADASTR.	AREA TOTAL CADASTR.	IMOVEIS CADASTR. IBIRAG.	AREA IBIRAG. CADASTR.
1987	936	8.469,0 HA	109	550,2 HA
1992	949	8.538,0 HA	62	339,30 HA

FONTE: Dados extraídos a partir dos registros do INCRA.

TABELA "C"

AREAS DOS IMOVEIS RURAIS

	TOTAL MINIF.	AREA MINIF.	MINIFUNDIOS EM IBIRAG.	AREA MIN.
1987	832	3.467,8 HA	106	479,0 HA.
1992	842	3.540,6 HA.	58	242,2 HA.

FONTE: Dados extraídos a partir dos registros do INCRA.

TABELA "D"

LATIFUNDIOS NA REGIAO.

	TOTAL LATIFUNDIO EXPLORAÇÃO	TOTAL - AREA LAT. EXP.	IBIRAG. LAT. POR EXPLOR.	IBIRAG. AREA LAT. EXPL.
1987	76	4.387,1 HA.	03	71,2 HA.
1992	79	4.366,7 HA.	04	97,1 HA.

FONTE: Dados extraídos a partir dos registros do INCRA.

Obs.: Das 109 propriedades registradas no INCRA em 1987, apenas 10 eram maiores que 10 ha. Em 92 são 7 as propriedades com área maior que 10 ha.

Observa-se, também, que vários proprietários que antes tinham credenciado várias propriedades passam a credenciá-las em menor número de propriedades, por exemplo o caso do SR. Guilherme João Texeira (cadastro de 1987, pág. 75) que tem registradas 3 propriedades com: 17,6 ha, 0,1 ha. e 0,7 ha. respectivamente. E em 1992 tem registradas apenas 2 propriedades a de 0,1 ha e a de 0,7 ha. Procurando explicação sobre o fato, ficamos sabendo que o terreno maior era em volta da lagoa e tinha sido loteado pela família.